Fon Fon
MC. 931
ANNO XXV — N.º 45
Rio, 7 de Novembro de 1931
PREÇO: 1$000

Rapidez
"Rapidez": velocidade, promptidão, effeito immediato.
RAPIDO como o vôo das aguias mecanicas que cortam os ares com velocidade inexcedivel, assim é o effeito da
CAFIASPIRINA
o producto de confiança
no allivio immediato que proporciona a todas as dôres: de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., tendo a vantagem de produzir um bem estar geral e a virtude caracteristica de ser absolutamente inoffensiva.
Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.
"ENVELOPPE CAFIASPIRINA"
CAFIASPIRINA
Marca registrada
BAYER

O conto brasileiro

EU TE AMO

POR MAURO BARCELLOS

De onde vens?

A mulher parou, olhou o homem que a interrogava e respondeu, evasivamente:

— Venho de longe...

— Para onde vaes? — insistiu elle, aproximando-se.

— Talvez para a morte... Talvez para a vida...

— Como te chamas?

— Meu nome? — retorquiu a mulher, levantando os hombros. Que te importa o meu nome? Eu sou apenas uma mulher que passa... Não te preoccupes com o meu passado, nem com o meu futuro... Olha o presente...

— Por que? Por que? — disse o homem, tomando-lhe a mão. Pois, não sabes?... Não te conheço, não sei quem és, não sei teu nome, mas... Não vês? Não te recordas daquella noite? Dancei comtigo... Implorei uma caricia dos teus labios, um olhar menos indifferente...

— Ah!... — fez a mulher, como que se recordando.

— E, desde ahi, — continuou o homem, apertando-lhe com mais força a mão enluvada, — procurei ver-te sempre, segui teus passos... Não vês?! Não vês que te amo?...

— Amas-me? — disse a mulher, num sorriso de duvida.

E, como elle se calasse, mudo, fitando-a com ternura, proseguiu:

— Não é o teu sentimento que fala, não é amor... São os teus sentidos...

— Sentidos?... Não!... Não confundas o meu amor...

A mulher impoz silencio com um gesto.

— Vem, — disse. — Caminhemos um pouco. As ruas estão desertas, ninguem nos verá, ninguem nos ouvirá... Vem. Em caminho, contar-te-ei uma historia... Talvez triste...

Calou-se.

Lado a lado, lentamente, puzeram-se a andar.

E como elle a interrogasse, em ansia, com os olhos brilhantes:

— Julgas amar-me, — falou a mulher, — quando tens por mim, somente, uma amizade passageira, exaltação febril dos teus proprios sentidos... Quando eu me for, encontrarás outra mulher a quem dirás como me dizes agora: "Amo-te".

— Não! Eu...

— Escuta!

Fez uma pausa, como para se lembrar de alguma coisa, e disse, numa vóz triste, penalizada, talvez, da narração que fazia:

— Ouve... Em uma cidade do interior, havia uma familia feliz. Um casal de velhos e uma moça que diziam ser bonita. Essa menina era o seu unico thesouro. Quando ella se entristecia, elles choravam; quando ella ria, elles riam tambem...

"E, assim, iam vivendo... Um dia, ou antes, uma noite, quando a lua acariciava a terra com seus raios prateados, chegou á cidade um forasteiro. Era bello. Tinha o porte garboso e o olhar altivo. Falava com desembaraço. Gesticulava muito.

"Chegára havia pouco do Rio, com seu titulo de doutor, com seu bigode provocante, avassalando os coraçõeszinhos ingenuos das provincianas, desafiando e vencendo os homens em quaesquer prelios...

"Ao passar, uma vez, pela casa dessa innocente menina que vivia exclusivamente para o amor de seus paes, o forasteiro, notando-a á janella, fez pular o cavallo em que montava. E, com modos polidos, num gesto largo, tirou o chapéo, cumprimentando-a.

"Ella correu, ruborizada, para dentro... Mas, nesse dia, na sua alcova virginal, entrou a imagem do guapo mancebo.

"Muitos dias se passaram. Muitas luas brilharam no céo depois dessa noite... E elle lhe disse:

"— Vem! Foge commigo! Eu te amo!...

"A menina relutou um pouco, mas, por fim, a vontade delle venceu. E ella olvidou os paes, a honra, tudo... E partiu.

"Os mezes rolaram como gottas d'agua no oceano do tempo... E, ella, a infeliz, a credula, foi esquecida...

"De volta á casa, arrependida, talvez, encontrou o lar enlutado. A mãe fallecêra... Quem sabe si de dôr?... E, o pae, homem rude, creado nos mais restrictos principios de honra, expulsou-a como a um cão, não tendo pena siquer da creança innocente que vagia em seus braços frageis...

"E todos lhe fugiram. E todos lhe cerraram as portas. E todos a escurraçaram...

"Inhabil para qualquer officio, fraca, doente, ella voltou á cidade. E acceitou pão, para o filho, do primeiro homem que lhe disse "Eu te amo"...

"E, assim, foi rolando pela vida, na fera escola da necessidade... Velhos... Moços... Foi de todos, a todos pertenceu... E todos lhe disseram: "Eu te amo"..."

Quando a mulher se calou, estavam em frente a um predio illuminado, de onde sahiam uns accordes melodiosos de violino.

— Adeus, — disse ella, estendendo-lhe a mão; — aqui eu ganho o meu sustento e o de meu filho... Uns me chamam de bailarina... Outros, de mulher perdida... Mas todos me dizem como tu: "Eu te amo..."

NÃO me recordo bem, quando, e onde a encontrei pela primeira vez. A segunda foi á noite de um domingo, na Central do Brasil, no momento em que iamos tomar o nocturno de luxo que nos lavaria, pelo descampado em fóra, do Rio de Janeiro á linda capital paulista.

— Já nos conhecemos, disse-me ella, fitando fixa, penetrante, cheia de leviandade amorosa, bem dentro dos meus olhos. E, sem permittir que eu lhe désse a menor resposta, num movimento gracioso de quem procura se impôr pelo intimismo das occasiões opportunas, levou o indicador de sua maravilhosa mão direita á bocca, sellando os labios, numa ordem expressiva de silencio que me impunha, altiva, soberana, para, em seguida, explicar, vivaz:

— Ah! sim, lembre-me perfeitamente: Foi no ultimo baile de carnaval. Por signal, você vestia um impressionante uniforme vermelho, de "Cossáco" siberiano, muito elegante, muito justo, como si fôra, em verdade, o "domkoni" do club, emquanto eu, modestamente, usava uma pelle negra de morcêgo africano, leviana, provocadora, mostrando-me quasi todas as fórmas, e que, apesar do escandalo feito no commentario ferino das outras mulheres, valeu-me, áquella noite, o ambicionado titulo de rainha da festa.

Deante de tão lamentavel engano, eu ia responder galante, maneiroso, dizendo-lhe que nunca em minha vida me vestira de "Cossáco" russo, quando ella, percebendo a intenção, desenvolta e sorridente, me tomou do braço, continuando cada vez mais intima, arrastando-me para o "guichet" de passagens.

— Quem poderia suppôr, que eu e você, depois de tanto tempo, nos encontrariamos aqui, na Estação Pedro II?

— A senhorita me queira perdoar, mas, estou certo de que me confunde com alguem, cuja semelhança comimgo deve ser, inquestionavelmente, identica, — aventurei, supplicante, receioso, procurando um meio

O "BLUFF" DE JUJÚ

que me devolvesse a liberdade, restituindo, intacta, a minha legitima identidade pessoal.

— Semelhança!! ah! tem graça! — exclamou, soltando uma risada crystallina, cascateante, que me abalou todo. E' admiravel!...

E, volveu imperiosa:

— Vamos!... Quero que compre as passagens e dois leitos. Seremos companheiros de viagem e os mesmos amiguinhos de outr'ora.

— Mas, senhorita...

— Não tem senhorita, não tem nada! — interrompeu-me, altiva, vehemente, soberana, absoluta. E' a sua Jujú quem manda. Como você, eu tambem sou escriptora e jornalista, e não seria gentil que eu perdesse, por um escrupulo mal entendido, de mulher inculta, a grandeza literaria de sua prosa. Preciso tel-o ao meu lado, á noite toda, saber dos seus projectos, conhecer as suas ultimas producções, gozar as suas victorias, e tambem dizer tudo o que sinto por esse movimento feminista que se alastra pelo Brasil. Depois, não seria proprio a um homem de sua elegancia moral, de sua altura mental, essa timidez infantil, matuta, que não fica bem, nem mesmo ás meninas casamenteiras.

O escandalo estava cada vez mais imminente. Homens, mulheres, creanças, de todos os lados, curiosos, afluiam e nos olhavam attentamente. Fazia-se mister evital-o, fosse por que meio fosse. E o peor é que não havia, dentro da minha dialectica, um termo, uma phrase polida, cortez, com a qual eu pudésse jugular o perigo, convencendo, afinal, a essa mulher tão encantadora, tão desenvolvida, tão insinuante, que eu não era, infelizmente, a pessôa por quem ella me tomava. Pensei rapido, e conclui que o melhor seria, realmente, obedecer-lhe em tudo. Ao menos, assim, talvez me fosse possivel, durante essa noite, conhecer, na sua nudez intima, um pouco da historia dessa formosissima creatura, que me tomava, sem nenhuma defesa, por um literato qualquer de suas relações. Depois, o trem estava quasi na hora de partir. Os curiosos, como é natural, começavam a se agrupar, olhando-nos admirados, inqueridores, superiormente interessados, cheios dessa santa e ironica bisbilhotice das ruas, ferina, incommoda, que mais aguçava a minha confusão.

A maldade humana não conhece limites, e a minha amargurante situação, cada vez mais premente, mais difficil, provocava desconfiança geral, e, sobretudo, me impunha uma attitude resoluta.

— E si fosse possivel libertar-me della? — pensei. Mas, assim o escandalo seria fulminante. Não! O melhor, o mais pratico, é fazer o que ella me ordena, — resolvi de mim para mim, junto ao "guichet"...

E, sem articular mais uma unica palavra, com o braço della apoiado no meu, comprei, resignado, as duas passagens e os dois leitos, e mais tranquillo, alliviado, assim como quem se liberta do peso de uma grande carga, entrei com ella em pleno recinto da estação. E lá nos fomos, passos estugados, cheios de frio, embuçados, valizes ás mãos, até o centro do vagon-leito, onde ficava a nossa "cabine."

•

O que foi, para mim, o martyrio dessa noite, é quasi inenarravel. Jujú, pondo-se á vontade, como si estivesse só, no dormitorio de sua propria casa, sem qualquer vislumbre de cerimonia, vestiu um lindo pyjama de sêda verde-listada, e, como uma victrola decanne, falou, impertinentemente, a noite toda. Perguntou-me os nomes de todos os meus livros, quiz aprender o tupy, e terminou, sem tomar folego, por elogiar os meus contos de *Fon-Fon*. Sem que pudésse articular uma unica objecção, — ella não me dava tempo para pronunciar uma palavra, — eu a ouvia, ora sorrindo, ora sério. E quando, pela ma-

De Adauto Fernandes

drugada, o somno me vencia e eu cochilava, ella, cada vez mais intima, me despertava aos beliscões, obrigando-me, instinctivamente, a gestos inconvenientes de defesa animal, quasi sempre assustado.

— Está cochilando? Ah! eu não quero que você durma. Ha de me ouvir acordado.... Seja forte como eu.... Ande, vista o seu pyjama! — ordenava-me ella, cada vez mais dona da minha vontade, da minha pessôa. Fique certo: muito em breve o Brasil será outro.... Nesse dia, que não vem muito longe, a grande mãe patria saberá escolher e aproveitar aquelles que merecem, os seus legitimos valores. Está rindo?! Pois bem, você verá.... Saberemos aproveitar todas as cabeças... Ah! e você tem uma cabeça maravilhosa.... para o futuro é que se marcha, assim como a socialização caminha ao nosso encontro.

*

OITO horas e vinte minutos da manhã. Haviamos chegado, finalmente, á Estação do Norte. São Paulo era, dentro daquella manhã cheia de melancolia, uma grande cidade envolta em névoa, molhada por uma garôa gelada, impertinente, continua, que parecia penetrar-me até a medula das tibias.

— E, agora, que chegámos, qual é o hotel que prefere? — perguntei numa enscenação suprema.

— Aqui, eu irei para o hotel tal, e você, tomará o que melhor entender.

— E não poderei vêl-a mais algumas vezes?

— Póde, sim.... Marque o local e a hora.

— Então, hoje mesmo, no hotel.... ás 15 horas.... Valeu?!

— Fechadinho.

E nos separamos.

*

AQUELLA mulher bonita e leviana, que me disse chamar-se Jujú, que me conhecia com tamanha intimidade, e de quem, infelizmente, eu não conseguira me lembrar durante a noite, deixou-me uma impressão perturbadora.

Que pretenderia, ella, finalmente?.... Por que não me poz ao par de algum acontecimento real da minha vida, que melhor me avivasse a memoria adormecida?.... Que teria, ella, a fazer em São Paulo?.... Seria alguma louca?!.... Qual o seu verdadeiro estado?!.... Em tudo isso eu comecei a pensar demoradamente, e, logo, percebi que havia, em tudo aquillo, a ponta de um mysterio. Tomado dessa idéa, concordei que o mais pratico seria tel-a, naquelle dia, na intimidade do meu quarto, onde, reservadamente, eu e ella, poderiamos conversar mais á vontade, sem a inconveniencia ensurdecedora da trepidação do trem.

No quarto do hotel, depois do almoço, cinco minutos antes do momento aprazado, eu me deixei ficar deitado, commodamente, ora lendo, ora fumando, á espera da minha formosissima visitante. De quando em quando, eu olhava ansioso o mostrador do relogio, e os minutos, no compasso metalico dos segundos, iam, lento e lento, eternizando, em minha alma, a angustia suffocante de esperál-a.

— Bem póde ser que ella não venha, — pensei, afflicto, aguçando o ouvido em busca de rumor.

O elevador se movimentava. Poderia ser que fosse ella.... Mas, o elevador subiu e ninguem houve que passasse pelo corredor. Levantei-me. Fumei meia duzia de cigarros, e nada. Subito, porém, um rumor leve, assim como a musica velludosa de um andar de mulher elegante, em que eu sentia haver rythmo, graça, perfume e emoção, parou bem em frente á porta do meu quarto. Depois, bateu, espaçada e delicadamente:

— Po! ...

— E' ella, sim! não ha duvida, — murmurei, agitado, fazendo girar, nervoso, a maçanêta do trinco.

Em frente a mim, deante da porta, perfilado, numa attitude correcta, firme, estava o typo interessante de um garôto, fardado de mensageiro, tendo no "kepi" o formidavel "Expresso".

— E' o senhor? — perguntou, dando-me um enveloppe fechado.

O meu desapontamento foi tão violento, quanto ridiculo era a situação a que essa mulher me expunha. Era o cumulo!.... Fechei-me, agitado, contrafeito, rompendo, afinal, o sobrescripto, para ler em seguida:

"— Bilhete azul:

"— Meu bom amigo. Começo por pedir a você que me desculpe. Não é possivel chegar até onde fica o seu apartamento. Creia.... Nada no mundo, até hoje, houve, que mais me sensibilizasse. A minha missão, aqui, porém tem outra finalidade. Sou uma predestinada.... Gostei immenso de encontral-o, e muito folguei por tão feliz acontecimento. Não sei como possa agradecer ao Destino e ao favor que a sua bondade e o seu cavalheirismo me proporcionaram. Sou uma creatura que se não pertence.... Mulher e machina.... Sou "Internacional".... Obedeço e sou obedecida, e conquisto para não ser conquistada. Si do nosso encontro e da minha pessôa haja ficado qualquer lembrança á sua alma de homem e de artista, então, não me esqueça mais, e vá, hoje, á praça do Patriarcha, ás 18 horas em ponto, que ali, ha de me ver, vibrando, no enthusiasmo do operariado.

Viva o trabalho!
Viva o pão!
Viva o Brasil do futuro!
Da sua, sempre sua. — *Jujú.*"

*

AINDA hoje, ao contar esta historia, eu me lembro da agonia moral que vivi áquella tarde, do martyrio horrivel que passei no trem, e rio encantado do "Bluff", que Jujú me passou.

MEMORIAS POSTHUMAS DE UM

(Continuação do numero anterior)

Por José Maria Senna

XV

NA LIVRARIA

— Quero livros não traduzidos! — pedi ao caixeiro que me attendeu.

Comprei obras de Julio Diniz, de Eça de Queiroz, de Coelho Netto e outros.

— Não leva estes do Machado de Assis? — perguntou-me o caixeiro.

— Não — respondi.

— Machado é um grande escriptor.

— Sei que é. Mas não gosto delle.

E não gostava. Que tapado que era!

XVI

LEITURAS

Ao chegar em casa, notei, entre os livros do Eça, "As minas de Salomão".

— Caixeiro, ladrão! — exclamei furioso — Eu disse que não queria livro traduzido.

Fiquei, porém, com o livro. Li. Gostei. Tornou-se até um de meus predilectos.

Passei a comprar o "Correio da Manhã" e "O jornal", todos os domingos, por causa do supplemento literario.

Li tudo o que era artigo de critica. Cheguei a colleccionar um punhado de artigos de Agripino Griéco, Tristão de Athayde e Osorio Duque Estrada, este do "Jornal do Brasil", ás quartas-feiras.

Adquiri, semanalmente, o FON-FON e SELECTA...

Li e li.

Um dia, o Yves aconselhou a um consulente que adquirisse "A formação do estylo pela assimilação dos autores", de Albalát.

Aproveitei o conselho. Comprei o referido livro e mais "A arte de escrever", do mesmo autor.

XVII

INSPIRAÇÃO

Era um domingo. Lia o "Correio da Manhã". Senão quando, terminada a leitura de um conto, saltei da cama, corri á secretaria, apanhei um lapis e um papel e comecei, offegante, a escrever. Só suspendi a penna no ponto final.

Acabára de produzir a minha primeira obra-prima. (?).

XVIII

FOLEGO

Upa! Estamos cançados, leitor amigo! Eu de escrever e você de lêr, si é que você já não me deixou falando sozinho. É-me agradavel crêr que não. Portanto, tomemos folego.

Como se dilatam os pulmões! Com que embriaguez não solvem elles o ar renovador.

Diabo! Não é que ia-me esquecendo de que o meu pulmão já deve ter servido de alimento aos vermes!

XIX

AVISO

O leitor é dactylographo? É?

Não pense nunca em ser literato.

E' literato? Sim? Não se empregue como dactylographo.

Por que? Você nem imagina siquer as attribulações por que passa um dactylographo-literato.

XX

EXEMPLO

Supponhamos que hoje é uma segunda-feira, que eu não sou um morto e sim o dactylographo-literato, que fui.

Sete horas da manhã. Batem á porta do meu quarto, e uma voz exclama:

— Balthazar, são sete horas!

Espreguiço-me. Levanto-me.

Emquanto visto o roupão, para ir ao banheiro, a idéa que hontem á noite me perseguiu, toma-me de assalto. Trata-se, nada menos e nada mais, do que do enrêdo de um conto.

Já no auto-omnibus, de caminho para o serviço, a idéa criára corpo.

Chego ao banco. Entro. Abanco-me em frente á minha machina, sobre a qual um pacote de cartas aguarda resposta.

Emquanto leio a primeira carta, já comecei a escrever mentalmente o conto.

Colloco o papel na machina. Respondo a primeira carta:

"Amigo e senhor.

"Damos em nosso poder a sua "estimada carta de 10 deste mez, "cujo conteúdo foi alvo de nossa "particular attenção e, em respos"ta, cumpre-nos informar a V. S. "que o seu titulo n. 11, segundo "communicação que acabamos de "receber dos nossos corresponden"tes, não foi pago, allegando o res"pectivo sacado não haver ainda "recebido a mercadoria originaria."

A' proporção que o dactylographo redige a carta acima, o literato dactylographa mentalmente:

" — Que tens, meu amor? Assus"tei-te? Desagradou-te a minha en"trada, assim, de repente, sem tua "prévia acquiescencia?

" — ...

" — Dize-me: Estás aborrecida "commigo? Por que?

"Paulo calou-se. Maria - Clara "nada respondeu. Fitava, obstina"damente, o sol que, lá fóra, ago-

DACTYLOGRAPHO-LITERATO

"nizava... Nuvens brancas, como "cysnes..."

Eu, o dactylographo, terminei a carta. Arranco o papel da machina. Atiro-o á cesta da correspondencia feita. Apanho outra carta. Diz o cliente:

"Pedimos ordenar aos seus correspondentes que apresentem o titulo n. 107 immediatamente ao sacado e, não sendo pago, queiram protestal-o, incontinenti."

A' força de habito, transmitto essas instrucções aos prepostos, rapidamente, sem um momento de vacillação. Noto qualquer lapso que possa haver quer de parte do cedente do titulo, quer de parte do correspondente. Nada escapa. A machina corre, sem parar sinão nos momentos absolutamente necessarios. E, simultaneamente, o enrêdo do conto vae avançando. Aqui, uma imagem feliz me faz vibrar de alegria. (A machina augmenta a velocidade). Alli, um pensamento mais profundo. (A machina diminue a velocidade).

Tudo vou conservando na memoria. E o serviço prosegue: "E' com prazer que accusamos recebida sua carta de..."

XXI

CONTINUAÇÃO DO EXEMPLO

Já viu você, caro leitor, uma corrida de cavallos?

Pois bem!

A' medida que o conto avulta, adquire vigor e colorido, a minha impaciencia cresce.

A imaginação chegou á raia.

Como um jockey, aperto ás redeas. Os cavallos escavam, nervosos' o sólo. Arrepiam-se-lhes os pellos. Dilatam-se-lhes e contráem-se-lhes as narinas, á miudo.

Mal cahe a corda e se lhes soltam as redeas, precipitam-se em turbilhão, empolgados pela volupia de devorar o espaço.

Minha imaginação chegou ao paroxismo. A vontade que segura as redeas, treme.

Meus nervos estão retesados como cordas de um violino.

Olho o relogio. Duas horas. A sahida é ás cinco. Tres horas, tres longas e interminaveis horas, tem a imaginação que se manter neste auge de impaciencia, á espera do signal.

A machina, sob os meus dedos ageis, vibrantes, já não corre, vôa. O cerebro trepida.

Tres horas. Tres horas e cinco minutos; e dez; e vinte; e trinta.

Não posso mais. Um desespero surdo apossa-se de mim. Segue-se-lhe o marasmo. E' de curta duração.

De novo, a imaginação se eleva e investe contra a vontade adormecida. Desperta, a vontade faz pé atraz. A imaginação forceja para se lhe escapar. Não consegue. O relogio avança lentamente. O serviço avulta, imperturbavel.

Cinco horas.

A tarefa está terminada. Vou deixar a machina, quando o chefe vem correndo:

— "Seu" Balthazar! Esta carta é preciso ser respondida ainda hoje.

Contráem-se-me os musculos. Torno a sentar. E respondo a retardataria.

Na rua, salto para um primeiro omnibus que apparece.

— Que "chauffeur" molle! — penso.

Uma passageira a meu lado diz:

— Esse "chauffeur" está doido. Onde já se viu imprimir tanta velocidade ao carro?

Chego em casa esbaforido.

Precipito-me para a secretaria, exclamando:

— Jantarei mais tarde!

A penna não escreve; varre, sujando, o papel.

Terminei. Vou jantar. As palavras, no emtanto, como ferro candente, continuam a queimar-me o cerebro.

— Si eu dissésse com mais concisão e elegancia tal phrase! Uma imagem alli daria relevo!

Volto ao conto. Corto. Accrescento. Olho o relogio. Meia-noite.

— Como correram as horas!

E' preciso dormir. Tenho que me levantar cêdo. Deito-me. Inutilmente procuro conciliar o somno. O conto não me deixa.

— Balthazar, são sete horas!

XXII

SEM TITULO

E ahi está, amigo leitor, por que lhe aconselhei não ser nunca dactylographo-literato. E ahi está, tambem, a razão por que naquella sexta-feira da paixão...

— E' o senhor Jeronymo Balthazar?

Suspendi a penna, e respondi:

— Elle mesmo.

— S. Pedro quer falar-lhe.

XXIII

O QUE QUERIA S. PEDRO

— Moço! — disse-me S. Pedro, logo que me avistou. — Consta do meu registo que você foi um bom dactylographo lá na terra.

— Sim — respondi.

Tornou S. Pedro:

— Eu tenho aqui uma relação dos nomes das almas a serem admittidas no Paraiso e, queria que você a dactylographasse. Christo ficará muito satisfeito.

Pensei nas minhas memorias. Fitei S. Pedro. Olhei para o papel que elle me estendia e, depois, para a machina. Aproximei-me della. Sentei-me. Tomei das mãos de São Pedro a relação, e suspirei:

— Até aqui!

Mas foi com uma ternura quasi feminina que os meus dedos pousaram no teclado da machina.

Cleómenes Campos — HUMILDADE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 6$

E' o segundo livro de poesias que o academico paulista publica no corrente anno. Ainda desta vez, lastimo não levantar um hymno de louvor ao poeta cujo talento reconheço e proclamo. Em *Humildade*, ha versos maravilhosos de doçura e suavidade, como *As mendigas no inverno*, que não resisto ao prazer de reproduzil-os:

Passam beirando as humidas calçadas,
á hora serena do final do dia,
as mendigas, tristonhas, desconfiadas,
a saccola sem pão, a alma vazia...

Vão-se a tossir, expostas ás lufadas
desse vento hibernal, que alto assovia,
por toda parte ouvindo gargalhadas,
bem mais cortantes que a lufada fria...

Ficae ao menos, homens venturosos,
quando a pobreza humildemente passa,
senão compadecidos, silenciosos!

Não lhe augmenteis a tragica amargura,
mostrando que vos sobra de ventura
o mesmo que lhe sobra de desgraça!

Vae a gente lendo tanta coisa linda, mas, estaca deante de *Gratidão*:

Hontem, morreu um homem singular.
Devo-lhe uma attenção deveras incommum.
Morava junto a mim. Não era meu amigo.
Francamente,
nunca falou commigo.
Nem me cumprimentava, ao menos, ao passar...

Mas era um ser bem differente:
nunca na vida me fez mal algum!

Assim, outras...

Francamente, Cleómenes Campos de *As mendigas no inverno* é o mesmo de *Gratidão*?! ...

Ou o defeito será meu, que nada percebo da sonoridade, da musica, do rythmo da poesia moderna?...

Yoritomo Tashi — A TIMIDEZ VENCIDA EM 12 LIÇÕES — Flores & Mano — Rio — 1931 — 3$

OS editores intelligentes que são Flores e Mano incluiram, na sua *Bibliotheca de Cultura Individual*, mais esta obra interessante. Partindo de um raciocinio verdadeiro, de que a timidez é uma falsa virtude, constituindo, sobretudo no seculo vertiginoso que vivemos, um grave defeito para o individuo vencer, o autor indica o remedio adequado para a cura do mal. Livro, além de attrahente, muito util.

Le Miére — CAPRICHOS DO CORAÇÃO — Flores & Mano — Rio — 1931 — 4$

BOA producção de Lara Pongetti, constituindo uma agradavel leitura propria para a juventude. Episodios singelos de uma vida devotada ao sacrificio do seu grande amor.

Renato Travassos — CARTAS DE MACHADO DE ASSIS E EUCLYDES DA CUNHA — Editora Americana — 1931

NO Brasil, ainda não existe a curiosidade do publico pela vida dos grandes escriptores. Somente agora começa a apparecer uma ou outra obra, assim mesmo de interesse relativo, estudando certas figuras de destaque na literatura, desapparecidas ante a glacial indifferença até dos proprios homens que cuidam de letras.

Parece que em Portugal acontece coisa identica. Pelo menos é o que escreve Forjaz: "Em Portugal, o literato morreu, enterrou-se. Nada mais. Apotheoses, divinizações, festas, isso é bom para essa França onde fazer livros é um commercio. Cá, fazer livros, ou é um "sport", ou uma miseria. Em França, além da abundancia em vida, o escriptor tem, depois de morto, a abundancia para os seus e um monumento no Père-Lachaise ou em Montparnasse. Quatro mil articulistas deslindam o por que sim e o por que não da sua obra e quarenta mil criticos ratam, esfiapam, ratinham ou prodigam louvores ás bellas paginas que o barbaro soube escrever."

A França se interessa pelos seus escriptores, não lhe poupando nem sequer os minimos detalhes da vida intima, que são trazidos para as paginas dos livros, commentados, imitados, profanados... Aqui, Machado de Assis deixou uma obra monumental, mas, para viver, arrimou-se a um emprego publico no Ministerio da Viação.

Euclydes consumiu-se, explorando as regiões endemicas das nossas fronteiras e, escrevendo *Os sertões*, concorreu apenas para a fortuna do seu editor.

E o tempo, si não fôra o piedoso esforço de um ou outro amigo das letras, já teria perpetuado o esquecimento publico em torno ás figuras altamente expressivas de Machado de Assis e Euclydes.

O esforço de Renato Travassos, colligindo as cartas dos dois mestres da nossa literatura, teve o intuito de prestar uma homenagem á memoria dos mesmos.

Fez bem. E estamos de pleno accordo com este periodo da explicação do livro: "Principalmente as cartas de Euclydes da Cunha, o desventurado e genial autor de *Os Sertões*, barbaramente assassinado aos 43 annos de idade, merecem carinhosa attenção, porque, relendo-as, invocamos a figura singular de quem as escreveu, a qual, nem mesmo através de simples cartas intimas, perde o cunho da sua personalidade acima do seu meio e do seu tempo."

Guilherme de Almeida — POEMAS ESCOLHIDOS — Waissman, Reis & C. Ltd. — Rio — 1931 — 5$

EM um elegante volume de 158 paginas, estão reunidas as melhores poesias do suave lyrico paulista que domina e empolga o grande publico. Os editores foram de uma rara felicidade na escolha das producções de Guilherme, pois o livro é simplesmente encantador.

Baroneza Orczy — A VICTORIA DO PIMPINELLA ESCARLATE — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

NO scenario da Revolução Franceza, a autora colheu material para este livro, cuja leitura empolga e illustra. As scenas passam aos nossos olhos, vivas, e coloridas pelo talento da escriptora. O aspecto do volume é magnifico.

Marques Rebello — OSCARINA — Editor Schmidt — Rio — 1931

O sr. Marques Rebello possue todas as qualidades para se tornar um optimo escriptor. Não lhe falta intelligencia, e o seu poder de observação é surprehendente. Os contos que constituem o volume são originaes, bem lançados, revelando a possibilidade do autor ensaiar com felicidade o romance.

O autor explora os pequeninos dramas do mundo humilde, fixando-os & sua philosophia encantadora, simples.

Sabe escrever paginas que nós lemos com certa melancolia, por vezes, sorrindo...

Um espirito curioso.

A. J. de Souza Carneiro — COMMUNISMO, NACIONALISMO E IDEALISMO — Editor A. Coelho Branco F. — Rio — 1931 — 4$

O autor goza de reputação como professor da Escola Polytechnica da Bahia e critico dos mais abalizados. O seu nome está sempre focalizado pela imprensa bahiana, e, por isso, o seu recente livro vae despertar viva curiosidade entre os estudiosos, embora o professor Souza Carneiro pretenda influir no espirito da massa popular.

Requisitos para ser um *livro do povo e para o povo* não faltam á obra do eminente professor, porém, o nosso povo não lê por uma razão muito simples: é analphabeto.

As idéas, por emquanto, só podem ser diffundidas nas camadas populares pela tribuna levantada na praça publica. O resto é idealismo...

O professor Souza Carneiro defende uma these que parece acceitavel. Condemnando o *communismo* da Russia, enaltecendo o *nacionalismo* do Mexico, e criticando o *idealismo* do Brasil, indica para o nosso povo o remedio salvador, que será edificar, com o Espirito Novo, uma Nacionalidade Nova, banida para sempre a rethorica bacharelistica pela substituição dos ensinamentos profissionaes technicos. Os argumentos expostos são claros e toda a obra é bafejada por um sopro de patriotismo sadio. O professor Souza Carneiro deseja, emfim, "edificar, sobre os alicerces do Nacionalismo, uma Patria que se prepare em iniciações novas de Progresso, uma Patria que realize, nella mesma, outra Patria que seja um apanagio de liberdade e um estandarte de Civilização."

Sonho? Seja. Mas, em um ponto, todos estamos de accôrdo: é preciso *nacionalizar* o Brasil.

Rafael Sabatini — SCARAMOUCHE — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

ESTE livro apparece em optima edição, traduzido com fidelidade na lingua portugueza. Rafael Sabatini, cerebro genial, escrevendo *Scaramouche,* proporcionou uma leitura interessante aos amadores do genero de aventuras.

O volume contém 426 paginas.

Edgard Wallace — O HOMEM DE MARROCOS — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

O famoso novellista, cuja obra está divulgada em quasi todos os idiomas, teve agora a sua primeira traducção na lingua nossa. O volume de 474 paginas offerece aos leitores o attractivo de successivas scenas rocambolescas e episodios amorosos, cuja acção se passa na Algeria.

A apresentação material do livro é primorosa.

Affonso de Carvalho — 1.ª BATERIA, FOGO! — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 5$

LIVRO de impressões, colhidas no momento em que se desenrolavam os prodromos da Revolução, escripto com vivacidade, em estylo nervoso, confirmando assim as excellentes qualidades literarias do seu autor.

Affonso de Carvalho, além de official de valor, do nosso exercito, é um poeta consagrado, jornalista elegante, emfim, um habil manejador da penna, e, por isso, não admira o successo alcançado pelo seu novo livro, já em 3.ª edição.

LENITA — Editor, A. Coelho Branco Filho — Rio — 1931 — 4$

JORGE Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro, tres espiritos rebeldes, reuniram-se para escrever uma novela. Pareceu-lhes, naturalmente, que a collaboração de tres individuos na factura de um livro, era coisa original. Porém, o resultado só podia ser um, e este constatamol-o: a falta de unidade da obra, o descosido das idéas, a dispersão de energias aproveitaveis. Os tres rapazes apresentam-se em publico, com estas palavras: "Escrever e publicar um livro, numa terra e numa época em que todos os desoccupados são escriptores e todos os escriptores se transformam milagrosamente em autores, é tarefa tão commum e tão banal, que nem mesmo chega a amedrontar um collegial pouco imaginoso que attingiu, precocemente, a idade critica de versejar. Sabemos que a tarefa é inglória e a empresa ridicula, mas, felizmente, temos duas atenuantes ao publicarmos esta novela. Não pretendemos agradar e não fazemos versos. Escrevemol-a porque temos a doença terrivel de escrever e pouco nos importa o que digam de nós esses outros enfermos — os criticopathas, — em tudo mais doentes que nós. O microbio terrivel da critica os torna duplamente cegos, quer para os defeitos dos amigos, quer para as virtudes dos adversarios."

Palavras...

Nem todos os que publicam livros são escriptores, embora o caso não se applique aos autores de *Lenita.*

E quem não pretende agradar, o melhor que faz é não escrever, pois nem todos os criticos estão atacados da cegueira acima alludida.

Nós, por exemplo, temos satisfação em reconhecer o talento dos autores de *Lenita,* capazes de realizações de maior vulto no terreno da literatura.

Nem isto é um prognostico, deante da exhibição feita pelos mesmos, apesar de irreverentes na apresentação ao *respeitavel* publico.

Rafael Sabatini — O CAPITÃO BLOOD — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

MAIS um bello volume de 340 paginas, excellentemente traduzido, acaba de vir a lume para enriquecer a collecção *Para todos.* Este livro, como os demais, da immensa obra de Rafael Sabatini, merece ser lido pelos amantes da literatura de aventuras, pois o seu enredo é deveras curioso.

Baroneza Orczy — EU ME VINGAREI — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

ROMANCE evocativo, de episodios da Revolução Franceza, movimentado, pleno de scenas emocionantes, constituindo um volume de 254 paginas. O assumpto prende-se ao *O pimpinella escarlate,* livro da mesma autora.

O trabalho graphico, perfeito, muito recommenda a nossa industria do livro.

A MULHER E O AMOR

A mulher de hoje, como a de hontem e a de amanhã, quer ser amada.

O amor é a sua missão, a consequencia necessaria de sua funcção.

Ella quer proteger e ser protegida; quer dar a alguem a sua ternura e os seus cuidados, — alguem que lhe dispense tambem cuidados e ternura; quer dedicar-se, consagrar-se a quem se lhe consagre e dedique.

A mulher de hoje, como a de todos os tempos, tem sêde de amor e soffre porque não póde aplacar esta sêde.

Nada póde substituir o amor na vida da mulher, intellectuaes ou materiaes: para ella o amor é tudo; fóra do amor, nada existe. Gloria, honras, arte, sciencia, trabalho, só accidental e transitoriamente a poderão satisfazer.

Para compensar a perda do amor, seria preciso uma satisfação equivalente, contendo elementos analogos. E o amor é, para a mulher, uma concentração de todo o ser em outrem, é um devotamento absoluto, emquanto que a ambição concentra em si as attenções e paixões dos outros. Sob apparencias enganadoras de alegria e ventura, a mulher é, na éra feminista actual, infeliz. Tanto ou mais infeliz do que a sua irmã de outras éras, menos progressista e independente. E isso porque os estudos e actividades de que se occupa hoje não têm, para ella, utilidade concreta emotiva, não a satisfazem completamente e ameaçam roubar-lhe o amor tal como é por ella concebido e desejado. E a mulher normal, por sua natureza, aspira ao amor constante, duradouro.

O homem quer para esposa uma mulher que lhe não seja intellectualmente superior; uma mulher obediente, virtuosa, docil e bôa, que se curve á sua vontade e em cuja fidelidade elle possa confiar. Elle quer, na mulher que elege para companheira na vida, qualidades que a differenciem do sexo opposto, qualidades physicas e moraes que interessem á especie e não apenas ao individuo. Mas a mulher feminista deseja ser amada não como o tem sido até agora, por sua virtude e sua capacidade de sacrificio. Ella deseja ser amada por seus dotes intellectuaes e capacidade de trabalho.

A mulher intellectualmente superior, a mulher de vasta intelligencia e alta cultura é admirada, estimada, mas rarissimas vezes amada. E quando amada, nunca o é por esses predicados, pois o amor está ligado ao sentimento e não ao intellecto.

Não encontrando os predicados por elle requeridos na mulher feminista que se suppõe superior, reclama egualdade de direitos e independencia, elle della se afastará. Pois, uma vez rompido o élo que prende o homem á mulher de maneira permanente, garantido-lhe virtudes femininas especiaes e interesses que elle sabe estaveis e partindo do ponto de vista da attracção dos sentidos, do prazer que é essencialmente passageiro e independente de todo o mérito, o homem não mais quer ouvir falar de uniões estaveis.

Não se casando, terá a mulher que contentar-se, para applacar sua sêde de amor, com os amores frageis e passageiros, resultando dahi o triumpho lamentavel do despudor e da sensualidade.

E o feminismo, partindo de um ponto de vista puramente ideal, como a conquista de um amor mais perfeito e mais completo do que o amor actual, veiu cahir no amor livre e no direito á maternidade, que não são mais do que amor puramente sensual.

REGINA RIZIERI

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SÉRGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2-4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON-FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

Notas de Arte

CONCERTO DE ONDAS ETHEREAS — Relacionam-se os phenomenos physicos de modo tal que uns se podem produzir por outros. O movimento que resulta da gravidade, como o attricto, gera calor e som; o calor se faz luz e electricidade; a electricidade produz luz e som. Isso, porém, não quer dizer, como pretendem scientistas, mais ou menos eivados de concepções metaphysicas — apesar da sua competencia nesta ou naquella especialidade — se trate de *transformação* das propriedades umas nas outras, nem que esteja provada a *unidade objectiva* dessas propriedades. A observação e a experiencia só constatam como verdade positiva a *relação* entre ellas e a sua *unidade subjectiva*, agrupando-as sob o nome geral de *materia* ou de *energia*. Embora com certa quantidade de movimento se possa produzir determinada quantidade de calor, nem por isso o movimento e o calor deixam de ser phenomenos distinctos sujeitos a leis especiaes. Não ha *transformação* de movimento em calor ou de calor em movimento, mas sim *relação* entre os dois attributos physicos. Chega-se ao mesmo resultado a proposito da reciprocidade verificada entre quaesquer outros phenomenos. Sustentar que tudo são transformações de uma propriedade unica, como a electricidade, é o mesmo que reproduzir hoje sob outros nomes os varios systemas monodynamicos da Grecia antiga. A *electricidade* faz o papel da *agua* de Thales, do *ar* de Anaximenes, do *fogo* de Heraclito ou do *infinito* de Anaximandro. A philosophia dos scientistas de agora é fundamentalmente a mesma metaphysica dos pensadores da antiguidade grega; mas emquanto a destes representava um progresso em relação ás idéas theologicas anteriores, contribuindo para a dissolução do oppressivo regimen theocratico e preparando o advento da sociedade scientifico-industrial do futuro, a dos primeiros constitue um regresso, uma volta ao passado; é involução e não evolução. Por isso mesmo devem ser abandonadas apesar de figurarem no meio de verdades positivas e serem abraçadas por muitos descobridores dessas verdades...

Entre as relações das forças cosmicas que mais avultam no mundo contemporaneo figuram as existentes entre o som e a electricidade. Gerar ondas sonoras por meio de ondas electricas: eis um processo resultante dessas relações, que já determinou as maravilhosas invenções do telephonio, do radiophonio e do cinema sonoro. Surgiu agora, ha quatro annos apenas, mais uma — o *theremin*.

Creação do engenheiro russo Leão Theremin, que o apresentou em Paris, em 1927, a nova invenção é um novo instrumento de musica. Como os apparelhos de radiophonia elle gera sons por meio da electricidade. Em torno de uma haste vertical e de um annel horizontal, fixados numa caixa de lampadas,

analogas ás daquelles apparelhos, tendo ao lado um alto-falante para ampliação dos sons, desenvolve-se um campo electrico, de tal sorte que a simples aproximação das mãos no espaço em torno das duas antenas metallicas determina a formação de ondas sonoras. A posição da mão esquerda em relação ao annel, determina a intensidade e a da mão direita sobre a haste, a altura dos sons. Fazer de modo que as varias posições das mãos produzam notas e todas as suas combinações, que traduzam plenamente a expressão musical, é o trabalho do thereminista. De sorte que para tocar theremin é preciso estudal-o como se estuda o piano, o violino ou qualquer outro instrumento. E caracterizada a sua execução pelo movimento das mãos no ar, ou melhor, no ether, que é o ar do vacuo, que é o Espaço em toda a sua plenitude subjectiva, o theremin não é classificavel em nenhum dos grupos conhecidos de instrumentos musicaes; não é de percussão, nem de sopro, nem de cordas. Chamemol-o de *antennas*, já que a sua execução depende da antenna rectilinea e da antenna annullar da caixa, ou instrumento de *passes*, porque o movimento das mãos do executante se assemelha ao dos passes dos magnetizadores, ou ainda instrumento de *ondas ethereas*, porque, abstrahindo-se da fórma do apparelho e do processo de execução, o que ha de essencial no instrumento é a origem onduloetherea das vibrações sonoras.

Como quer que seja, o theremin é sem contestação um novo instrumento de musica, com timbre proprio, recordando embora os do violino, do violoncello, do contrabaixo e da flauta. Ouvimol-o tocado pelo sr. Max Wolfson, acompanhado ao piano pela sra. Bianca Wolfson, na tarde de 24 de outubro, no Theatro Casino, através da *Ave-Maria*, de Schubert-Wilhelmj; do *Largo*, de Haendel; da *Chanson Triste*, de Tchaikowsky; *Pavane*, de Ravel; *Indian Love Call*, de Frimil; *Melodie dans le style ancien*, de Edgard Guerra; *Arlesienne*, de Bizet; *Ay, Ay, Ay*, de Perez-Fregre.

Pareceu-nos perfeita a execução. O sr. Wolfson soube encantar e commover. A musica sahia-lhe das mãos e do rosto, revelando-lhe a communicativa sensibilidade. A não ser certa monotonia que se percebe depois de se ter ouvido algumas peças, e que se deve ao estado ainda rudimentar do instrumento e não ao instrumentista, é das mais agradaveis e surprehendentes a audição do theremin.

Aperfeiçoado, segundo se diz, por Martinot, Givelet e Coupleux, nem por isso é menor o valor do primeiro instrumento de ondas ethereas. Leão Theremin figurará sempre como o seu glorioso inventor.

FESTIVAL DEBUSSY — Conhecendo apenas superficialmente algumas composições de Claude Debussy, não temos dados sufficientes para emittir juizo seguro, embora puramente impressionista, sobre a obra do mestre francez. Lembramo-nos apenas que nos deixaram algumas — agradaveis, outras estranhas, e mais outras — agradaveis e estranhas impressões. O Festival Debussy, realizado no penultimo mercuridia, 4.ª-f., 28 de outubro, em o T. M. despertou-nos simultaneamente as tres impressões. Tivemol-as agradaveis com as *Danças*, *O Filho Prodigo* e *Fantasia*; estranhas com *O Mar*; agradaveis e estranhas com *Iberia*.

O maestro Fr. Braga — director artistico do festival — parece ter querido, com muito acerto, dar a conhecer a obra do homenageado em suas tres phases, a da adolescencia, a da mocidade e a da madureza, correspondentes aos tres momentos da evolução musical do compositor: a phase *symbolista*, a *naturista* e a que poderiamos chamar *mystica*, segundo o commentario de Chennevière no seu opusculo — *Claude Debussy et son oeuvre* —, das quaes são composições typicas, respectivamente, *Pelle'as et Melisande*, *Iberia* e *Martyrio de S. Sebastião*. Foi a ultima, a unica phase não representada no festival.

Dadas as precarias condições do nosso meio artistico, o tempo escasso em que foi organizado o concerto, só merecem louvores todos os interpretes. Realizaram festa de

(Continúa na pagina seguinte)

arte duplamente bella: bella pelas emoções esthetícas que nos proporcionou, bella pela sua finalidade cultual — contribuição para os monumentos a se erguerem em Paris e em Saint-Germain en Laye, em memoria do grande compositor francez, renovador da musica occidental, e que é para o Occidente latino, para a civilização meridional, o que é Wagner, para o occidente germanico, para a civilização septentrional.

De *O Mar*, o que mais nos impressionou foi o 3.° esboço symphonico — *Dialogo do vento e do mar*, talvez o menos original dos tres e por isso mesmo o mais accessivel á nossa e á comprehensão do publico. No *Filho Prodigo* preferimos a *Aria de Lia*, á *Aria de Azrael*. A senhorita Luiza Lacerda — que pela primeira vez cantava acompanhada por grande orchestra, vencendo o nervosismo inicial, soube captivar o auditorio que a applaudiu com calor. E' uma cantora de bello futuro, cultivando e aperfeiçoando as qualidades e os conhecimentos que já possue. A *Fantasia* foi das melhores interpretações da noite. Deu-lhe o solista Tomas Teran todo o fulgor da sua virtuosidade de notavel pianista. Mas o que nos deixou mais funda impressão foram as *Danças*, que tiveram a belleza accrescida pelas mãos canoras, e pela sensibilidade requintada da grande musa da harpa, que é a sra. Léa Bach; e as duas ultimas partes do n. 2 das *Imagens*, de *Iberia*, pela novidade e pela belleza da inspiração, a que soube dar muito relevo a orchestra de Fr. Braga.

Embora a concurrencia não correspondesse á belleza e á finalidade do festival, não foi das menores que temos visto no Municipal em saráos dessa natureza. Entre os presentes achava-se a esposa do presidente da Republica, a qual era um dos membros da Commissão de Honra da festa debussysta.

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROFESSORA DE CANTO MARIA ISABEL DE VERNEY CAMPELLO — Em todo recital de alumnas, o commentario das provas deve ser proporcional ao grão de adeantamento de cada discipula, de sorte a evitar juizos temerarios e verdadeiras injustiças. Mas se essa deve ser a conducta do critico propriamente dito, do que conhece technicamente a arte que julga, outra tem de ser, ou póde ser, a do simples chronista, que se limita a registar impressões. Por isso mesmo, dizendo da festa musical — que foi a apresentação das alumnas da professora Maria Izabel de Verney Campello no T. M., em a noite de 29 de outubro, cantando a caracter, trechos das operas *Semiramide* e *Guglielmo Tell*, de Rossini; *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni; *Werther*, de Massenet; *Roberto le Diable*, de Moyerbeer; *Gio-*

conda, de Ponchielli; *Ernani*, de Verdi; *Les noces de Jeannette*, de Victor Massé; *Der Freyschutz*, de Weber — registamos apenas as impressões que tivemos sem indagar do tempo de estudo de cada uma das coparticipantes da festa.

Assim destacamos logo o talento musico-dramatico, o temperamento essencialmente artistico, da senhorita Maria de Lourdes Sá Earp. Quando a sua voz adquirir todo o aperfeiçoamento de que é capaz e a pratica da scena aprimorar-lhe os naturaes dotes, o Brasil poderá contar com mais uma figura distincta do theatro lyrico. Na Cavatina de Semiramis e na romança de Elvira — *Ernani involami*, a senhorita Sá Earp revelou notavel sensibilidade e acurado estudo. Gostamos especialmente da arte com que emitte os *pianissimos*. Ouvindo-a, sente-se-lhe o intenso gosto pela musica dramatica; parece que nella concentra todos os seus desvelos; percebe-se-lhe o indizivel prazer ao ver-se por causa della alvo dos applausos publicos.

Outro nome, rival da senhorita Maria de Lourdes, é o da sra. Lygia Gomes Pereira, que já é uma voz plenamente desenvolvida, e dispõe tambem de bello talento dramatico. Apreciamos-lhe sobretudo a belleza dos graves, que nos pareceram as notas emittidas com mais perfeição. Na Carlota de *Werther*, actriz e cantora se equivaleram; mas na Laura de Gioconda, a actriz superou a cantora.

A senhorita Eneida Silva brilhou na cavatina — *Robert, oh! toi que j'aime*, e a sra. Lucy Eloy, visivelmente rouca, não poude manifestar os seus predicados vocaes, que, não obstante, se divisaram especialmente no racconto da Cavalleria Rusticana — *Voi lo sapete, ó mamma*...

A senhorita Olga Rodrigues, cantando trecho das *Bodas de Joanninha*, de Massé, apesar de pouca voz, voz de reduzidissimo volume, cantou com tanta graça e tanta arte para uma alumna, que provocou muitas palmas e chamados á scena.

Uma palavra ainda para registar a apparição de uma artistazinha, notavel menos pela voz, que pelo temperamento dramatico; é a senhorita Elisa dos Santos Carvalho. Era de ver-se a graça, a naturalidade com que viveu, este é o termo, a scena e duetto de *Freychutz*.

Em resumo, a audição de alumnas da prof. Maria Isabel de Verney Campello foi pretexto para uma bella festa de arte, onde se patentearam o talento e o saber musicaes de meia duzia de jovens patricias, algumas das quaes convenientemente aperfeiçoadas hoje, farão muito bôa figura na arte lyrica de amanhã.

OSCAR D'ALVA

ANGELICA (S. Paulo) — Os ultimos livros apparecidos e que lhe posso indicar são os seguintes, mais ou menos em ordem chronologica:

1o — "A Mulher e o Diabo", de Berilo Neves, escriptor de grande nomeada. Esse livro tem alcançado retumbante successo. Preço — 4$000.

2o — "Bracelete de saphiras" (contos) de Gustavo Barrozo, membro da Academia de Letras, nome que dispensa apresentação — Preço — 5$000.

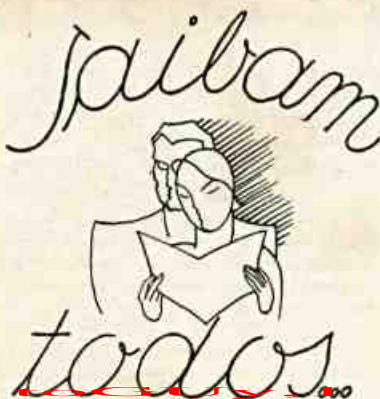
3o — "Teia de aranha", (chronicas modernas) de Elcias Lopes, nosso companheiro de redacção e espirito brilhante. Preço — 6$000.

4o — "A Mulher que mata" (romance) de Mario Poppe, tambem chronista de grande brilho e autor de varios livros de successo. Preço — 5$000.

5o — "Espelho d'agua, jogos da noite" (poema) de Onestaldo de Pennafort, poeta de sensibilidade fidalga e de arte modernissima. Preço — 6$000.

Esses livros são econtrados em todas as livrarias da cidade.

MARGOT (?) — Indiscutivelmente, entre as coisas frivolas da vida, o amor é uma das mais sérias... quero dizer, das menos frivolas. Basta ferir um dos aspectos mais curiosos que elle possa offerecer, para que as leitoras bonitas deixem a alma transbordar de literatura amorosa.

Uma consulente, senhorita ou senhora *Djénane*, escreveu-me defendendo a these de que a mulher devia morrer mirrada como harenque — mas renunciando ao amor peccaminoso, quando se tratasse de respeitar os preconceitos sociaes. Sincera ou não, a sra. (ou mlle.?) *Djénane* irritou as outras consulentes. Umas chamaram-n'a hypocrita; outras — 1830; outras se limitaram a discutir a these. Agora é *D. Margot* quem se pronuncia, a respeito, aliás com uma

clareza e segurança de logica, de raciocinio, que é de espantar n'um cerebro de mulher.

Diz ella:

"Yves. Para o inquerito sentimental, apenas lembrado, por voce, em sua resposta á Rose, venho trazer a minha opinião, inutil certamente, mas com um valor unico — a sinceridade — cousa quasi esquecida nestes dias...

A frase de Rose, da qual voce lembra sugeriu uma these magnifica e linda — "Porque si ha de renunciar sofrendo, quando se pode ser feliz ou desgraçado na posse?"

Quando se pode ser feliz na posse, é indiscutivelmente, morbidez, loucura, cretinice, covardia, renunciar...

Mas, quando se vae ser desgraçado para que possuir? Alem da desgraça de um amor não amado, para que o aviltamento de ser unicamente instinctivo e animal? Parece-me muito mais inteligente e racional renunciar, continuando-se a viver alegremente, fazendo da renuncia um motivo de victoria por convicção, a ser desgraçado, possuindo um amor que não nos quer...

Lutar, fazer tudo para possuir um amor que venha a nós amorosamente, é humano, são e digno, mas possuil-o desgraçadamente, só pela posse, esse sentimento ou sensação, podem ser tudo, menos amor... — *Margot.*"

ALMA INQUIETA (S. Paulo) — O caso "Djénane" está despertando interesse. "Djénane" parte do principio de que uma mulher — para não infringir os santos mandamentos das convenções sociaes — deve renunciar á felicidade do amor e morrer, minada de paixão e desgosto, como aquelles figos em conserva que se vendem em caixinhas amarradas com fitas pelo Natal. Apenas, o destino dos figos é serem devorados com vinho do Porto; e o das jovens renunciantes ao amor peccaminoso, é serem devorados pelos vermes...

V. ex. com o senso seguro de bôa dona de casa, amiga do lar e dos bons quitutes, inclusive bolos e doces, escreve sentenciosamente:

"Yves. Peço-te licença para fazer algumas considerações sobre o assumpto da tua correspondencia com Djenanne e, ultimamente com Rose.

Não venho contrariar o teu modo de pensar, venho apenas falarte como uma mulher que já viveu o bastante para observar a vida e aproveitar os ensinamentos que ella lhe proporcionou. Apesar de ser quasi uma velha, não supponhas que tenha um espirito estacionario, avesso a qualquer transformação ou evolução natural da sociedade. Nem mesmo tive uma educação religiosa que me tolhesse a liberdade do pensamento.

Mas o progresso não caminha aos saltos. Tudo no mundo evolúe natural e paulatinamente.

A tua theoria sobre o amor pode ser a verdadeira e, si de facto for, ha de chegar o dia em que se sobreponha a todas as outras. Creio,

porém, que não devemos pregal-a ás nossas moças enquanto os proprios homens não estiverem convencidos da sua verdade, isto é, quando não procurarem conquistar senão a mulher que amarem, sinceramente, profundamente.

Quando chegarmos a essa perfeição, o amparo da lei desaparecerá por inutil.

Por enquanto, o que vemos acontecer ás pobres moças que se entregam sem calculo, confiadamente, é dolorosissimo! E' impossivel que não tenhas presenciado ou tido noticia por outros de nenhum caso dessa naturesa.

A vida, meu amigo, não é poesia, nem romance, e as realidades mais amargas só as mulheres conhecem.

Ha de chegar talvez o dia em que a tua theoria vença todas as outras. Desejo-o de todo o coração; mas espero por elle como quem espera pelo dia em que as nações não terão mais fronteiras nem exercitos para defendel-as e em que não haverá mais desigualdades sociaes, considerando-se os homens todos irmãos.

A doutrina de Christo, muito mais simples e muito menos revolucionaria que a dos nossos socialistas, não encontrou, até hoje, echo no coração dos homens...

Perdôa o atrevimento e dize-me, pelo Fon-Fon, si não me ficas querendo mal por isso. — *Alma Inquieta.*"

Não ha quem queira dar outra opinião sobre o caso?

MYOSOTE (E. do Rio) — Em nosso numero de 17 de outubro ultimo, consagrado ao Christo Redemptor, escrevi, na minha secção *Futilidades*, *A lenda das rosas brancas*. Devo dizer que essa lenda é minha. Ella nunca existiu. Fui eu que a inventei, percebe? Vejo, porém, que ella lhe deu a impressão de uma lenda verdadeira. A prova é que me conta uma, muito corrente no norte, — pondo-a em confronto com a minha.

Escreve v. ex:

"Snr. Yves. Lendo no Fon fon, uma pagina sua "A lenda das rosas" lembrei-me então de outras florzinhas mimosas, e humildes tambem nascidas das lagrimas da Virgem Mãe. Quando eu era menina, embalava as minhas bonecas, e hoje mãe embalo os meus filhos cantando esta canção tão conhecida e antiga.

Nossa Senhora lavava
São José estendia
Chorava o menino
Pelo frio que sentia.

Como todos sabem, Nossa Senhora, São José e o menino Jesus passavam privações e muitas vezes tinham apenas o pão espiritual para alimental-os. N. Senhora fazia trabalhos rudes, mesmo superior ás suas forças e S. José ajudava-a sempre para allivial-a.

Lavando a roupa e S. José estendendo soffria a mãe amorosissima por ouvir o choro do menino Jesus pelo frio que sentia.

E daquelles olhos purissimos as lagrimas rolavam chrystallinas como gottas de orvalho cahindo sobre a terra, donde brotavam como por milagre milhares e milhares de florzinhas azues, tão azues como os olhos de Maria!

Estas flores, são os "myosotis", ou melhor "colxão de noiva".

Quantas e quantas noivas levam no seu enxoval numerosas prendas bordadas com estas flores! Noivas de hoje, mães d'amanhã! Tambem ellas chorarão pelos seus filhos, lagrimas e lagrimas, de desconsolo e de dor!

Mas, as lagrimas de todas estas mães não brotarão na terra como as lagrimas de Maria, mas sim, brotarão no ceu no coração de Jesus o Rei, dos Reis do mundo inteiro!

Como vê, Snr. Yves não são só as rosas as flores que nasceram das lagrimas da Virgem Mãe! — *Myosotis.*"

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 7 - 11 - 931.

Data da consulta ....

Nome da consulta ....

....

PRINCIPE SEM AMOR (Capital) — Meu caro, basta ler o seu pseudonymo: "Principe sem amor", para se vêr que o destino dos seus versos era a — cesta.

JOAQUIM A. O. (S. Paulo) — Caro senhor. Guardei a sua carta, na qual me pede um exemplar do meu romance "Uma garçonne carioca". Esse livro deverá apparecer em novembro proximo. Ainda não foi entregue ao editor. Logo que seja posto á venda, enviar-lhe-ei o exemplar que me pede.

E' favor declarar ahi aos seus conhecidos que *isto* não é reclame; que o sr., de facto, me faz tal pedido. Por que, de minha parte, aproveito a opportunidade, para fazer propaganda do meu romance. E' humano, não é?

Yves

O HOMEM DE SEMPRE

No camarim, deante do espelho que tanto o auxiliava em requintar sua figura impressionante de actor celebrado, Galan sentiu-se naquella noite mais do que nunca envelhecido. Tambem quantos annos de uma existencia agitada e perdularia!... A luta inicial, a vida no palco com as suas emoções e os seus dissabores, o cortejo de festas e prazeres que a acompanha e depois a victoria completa: primeira figura de um conjuncto de artistas consummados, distinguido por sua interpretação verdadeiramente genial e pelo aprumo com que se portava em scena. E a sua fama correu mundo e ganhou tempo.

Quem agora o assistisse não imaginaria que já tivesse attingido a tanta idade. Era, sem duvida, uma figura de garbo invulgar; muito embora os seus cabellos começassem a embranquecer, o rosto perdesse a vivacidade de outr'ora, o busto se amesquinhasse e a vóz não tivesse a resonancia de outros tempos, uma força qualquer, ao pisar em palco, renascia nelle, refulgia em seus olhos, vibrava em seus musculos, tornando-o imponente e dominador, levando a interpretações felizes do typo que sempre desempenhava nas peças: o galan. E de tal modo integrava a sua personalidade ao papel, que, quando ainda em companhias mal organizadas em excursão pelo interior e pelos arrabaldes das grandes cidades, já todos reconheciam e encontravam nelle a figura que por seu porte e maneiras devia occupar-se da personagem de maior evidencia na peça. E a principio como denominação ironica, usada pelos collegas, depois por uma questão até de reclame, que o agradava, passou a substituir o verdadeiro sobrenome por aquelle que melhor traduzia o seu proprio eu.

Quantos sonhos, quantas chimeras e quão poucas realidades experimenta um ente humano que a sorte bafeja com seu sopro enganador e fugaz!... Dinheiro, fama, amôr, teve-os e gozou-os a seu modo, mas, como todo o allucinado, não lhes soube dar o valor e significação. Quiz mais ainda: imaginava, qual novo Fausto, possuir eternamente a mocidade. Conseguiu, de facto, durante muito tempo, illudir quem o assistisse e a si proprio.

Mas, naquella noite, após a leitura de uma carta, tendo algo despertado nelle, começou a reparar na sua ruina physica e em pouco tempo se convenceu, com angustia nalma, da realidade cruel.

Poucos mezes antes, por uma paixão violenta e extemporanea, casára-se com uma jovem iniciante na arte de representar, mas que, por sua imposição, tinha galgado rapidamente a categoria de primeira figura feminina do elenco. Era uma mulher linda e fervorosa, tendo talvez metade dos annos que lhe pesavam. Intelligente e perspicaz, com facilidade o dominou, e elle, que já sentira em seus braços os corpos mais vibrantes, que já beijára os labios mais ardentes, que já conhecêra as sensações mais intensas, inebriava-se agora com aquella quasi adolescente a ponto de olvidar a sua propria condição physica na persuação de que pudesse illudir na vida real o que com facilidade conseguia fantasiar no palco. Todo o temor de agora, ha dias vinha se accumulando, primeiro por palavras no ar, por gestos mal contidos dos companheiros e que se ligavam a uma certa transformação com que a mulher o tratava. Mas a carta esclarecia tudo e nem para seu consolo era anonyma; enviava-a o seu proprio irmão, e dizia:

"Entre nós, como entre dois montes que se prendem pela base, mas de altura e proporções muito diversas, existe um élo que nos une indissoluvelmente; em nome del'e é que me dirijo a ti. Tu subiste muito, galgaste alturas que, não obstante tanto tempo decorrido, ainda te atordôam; eu nunca passei do nivel commum dos homens; humildes ao nascer, humilde ainda sou hoje e, como nunca dependi de ti, posso falar com altivez, posso causticar e fulminar sem a pécha do despeito. Tu, meu irmão, és vilmente enganado por essa mulher que tiraste da lama num momento de inconsciencia. Ella tem um amante que, para maior escarneo, é um desses mesmos de tua gente. Impossivel que estejas completamente alheio ao que te communico, mesmo porque eu não formularia nunca uma accusação destas sem a absoluta certeza do que digo: vi tua mu-

De Octavio D. Severo

lher em companhia de outro homem em um logar compromettedor e até infamante para quem o frequenta. A confiança illimitada e a liberdade excessiva que desfruta, alliadas a um temperamento fervoroso, levaram-n'a em busca de sensações que tu não mais lhe proporciona, porque, lembra-te, és mais idoso que eu e já ultrapassaste a idade dos grandes arroubos amorosos. Embora a vida real seja tambem uma pantomima, ella é, porém, muito mais exigente na interpretação e convence-te que já podes emprestar-lhe a apparencia e o vigor com que te apresentas em palco. Eu, como teu irmão, me envergonho, porque, nós, os da nossa familia, sempre fomos altivos e honrados e nunca, que tenha noticia, nos acommodamos em situação como a tua."

Num gesto incontido de revolta, Galan, destruiu a carta; depois, encarando fixamente sua imagem reflectida, através mesmo a *maquillage* que já começára a compôr, viu os sulcos profundos do rosto, os labios resequidos e pállidos, os olhos fundos e inexpressivos e, então, pela primeira vez, fóra do palco elle chorou... Chorou lagrimas quentes de allucinação e arrependimento... Ao alto, a campainha avisava insistentemente a entrada em scena. Veiu-lhe a reacção; rapidamente começou a preparar-se e instantes depois era a mesma figura impeccavel, o mesmo homem impressionante.

A sala de espectaculos refulgia... Festejava-se a centesima representação de uma das peças de maior successo: *O homem de sempre*. Galan interpretava o personagem principal, que era a encarnação perfeita da sua individualidade; dir-se-ia, até, que o entrecho fôra adrede, preparado para que elle o desempenhasse. Ao inicio do espectaculo, ninguem poderia notar o vulcão que lhe ia n'alma. Firme, resoluto, elle intrepretava o papel de um grande medico que se deixa abater pelas graças de uma mulher diabolica. Moço ainda, o scientista, cujo nome já se tornára celebre, perdêra o senso e a energia depois que a conhecêra. E arruinou-se... Um dia, porém, uma força estranha veiu em seu auxilio, e elle voltou como um illuminado ao laboratorio e alli, deante da miseria physica que apresentava, um unico pensamento o assaltou: tornar ao que fôra antes. A' custa de um grande cabedal scientifico e inventivo conseguiu, após esforços insanos, um elixir em que se misturavam as substancias mais diversas, e cuja ingestão após algum tempo revigorava o organismo e levantava o animo... Até a essa altura da peça, Galan se portava magistralmente, como sempre.

O ultimo acto passa-se muitos annos depois: o medico, reintegrado na sua vida normal, dedica-se cada vez mais á sciencia, principalmente no que diz respeito ao rejuvenecimento dos sêres humanos, mas nunca se animava a empregar em outrem o seu methodo, talvez por egoismo, ou talvez por escrúpulo. Succede, porém, que se vê um dia, num hospital, frente a frente com a mulher que o arruinára outr'ora. Ella está velha, feia, desprezivel; custa mesmo a reconhecel-a. Desperta-o, deante della, uma grande, uma irresistivel tentação, a eterna tentação que acompanha o homem e que o faz amargurar a vida. E, olvidando o que se passára havia anos, em estado inexplicavel de espirito, resolve applicar-lhe a substancia de seu invento. O effeito é o mais completo e surprehendente, surgindo á sua vista a mesma mulher satanicamente linda...

Pouco tempo decorrido, renovando a tragedia passada, elle tomba novamente, tomba para não mais se erguer, porque, quando quiz applicar o processo, era tarde demais, o organismo falhára na reacção esperada e, então, o misero, vendo-se perdido, numa ansia inconcebivel, na agonia mais feroz, chora, ri, enlouquece...

TERMINA o drama entre applausos freneticos da platéa... E quando esta espera que Galan surja, como sempre, erecto, gentil, em agradecimentos, silencia vendo-o mais transformado do que nunca, convulso, a rir e a chorar ainda, no derradeiro papel que a vida lhe reservára...

FRATERNIDADE

DEPOIS de comer juntos, saboreando esquisitos charutos, entre gole a gole de cognac; extendidos indolentemente em um divan do *fumoir*, conversavam em amistosa intimidade Frederico Mureda e Manolo Castrojeriz, socios meio pensionistas do aristocratico Sport Club, onde ambos passavam, si não a melhor, pelo menos a maior parte de sua vida.

— Que pensas fazer esta noite? — perguntou Manolo a seu amigo, ao mesmo tempo que puxava o relogio. Já são nove e meia. Depois dizem que te tomo o tempo, e embora tudo fique em casa...

— E' que tua irmã não concebe que passemos aqui horas e horas só conversando... Julga, pelo menos, que jogamos.

— Pelo menos?

— Outras coisas... deve pensar mas não se atreve a dizêl-as...

— Não. Nem as diz nem as pensa: Emilinha é muito innocente. Vocês vão casar, são noivos ha dois annos e a pobre pensa que um noivo... é uma noiva. Vês: a unica coisa que ella se lembra de perguntar-me alguma vez é si serias capaz de ter outra noiva, e si eu o sei...

— Que graça! E tu, que respondes?

— Nada. Que só se tem uma noiva. Pobre Emilia! Si visses como agora, Frederico, dei para querer bem a minha irmã!... Receio pela sorte della.

— Por que se casa commigo?

— Comtigo ou com outro qualquer. Seria o mesmo.

— Mas, pensas que eu não gosto de tua irmã?

— Sim, sim. Sei que gostas della, e muito. Bem vejo. Eu, que conheço tua vida a fundo, estou certo de que a queres. E que o são as coisas! Si ella soubesse a metade do que eu sei... não se casaria comtigo. Por isso é que eu receio por sua sorte. Porque eu tenho motivos para crer que gostas della, e ella os teria ainda mais para suppôr o contrario. Dize-me: onde estiveste esta tarde?

— Comtigo.

— Sim. Tranquilliza-te. Não direi nada.

Então não perguntes. Já sabes que, antes de casar-me com tua irmã, tudo acabará... Mas assim... de repente... Bem sabes...

— Conheço bem Henriqueta, para saber que ella não te soltará depois de casado...

— Soltar-me-ei eu. Mas um rompimento não se improvisa. Certa classe de relações escandalizam mais quando terminam do que quando começam.

— Por isso me lembrei de uma coisa.

— Que?

— Viste "Don Juan Tenorio".

— Creio que sim. Até em opera.

— Recordas quando D. Juan supplanta D. Luis Mejia para tomar-lhe dona Anna de Pantoja? D. Luis põe a bocca no mundo mas de dona Anna nada se sabe.

— Sentes-te Tenorio?

— Si Mejia não se incommoda...

— Quem sabe?

— Não sejas vaidoso! Conste que me sacrifico por minha irmã... e por ti... Fraternidade pura. Que dizes?

— Nada. Tudo fica em casa. Menino, dez horas! Não vens ao Hespanhol? Preciso que me desculpes.

— Estás desculpado. Emilia sabe que almoçamos juntos. Tu vaes para o teu lado, e eu para o meu. Até amanhã.

* * *

EMILIA CASTROJERIZ e Rosaria Mureda, acompanhadas de Miss Cowley, respeitavel dama de companhia da ultima, conversavam muito animadamen-

De Jacinto Benavente

te, dizendo-se interessantes confidencias.

Miss Cowley, com lagrimas nos olhos, lia, num *magazine* inglez, uma lamentavel estatistica dos cavallos mortos em todas as guerras do seculo. Uma hecatombe. *"Poor horses!"* — pensava a sentimental dama de companhia, commovida nas fibras mais profundas de seus sentimentos.

Emilia e Rosaria conversavam a meia vóz, vivamente.

— O que mais me alegra — dizia Emilia — quando penso que me vou casar com teu irmão, é que, nós seremos irmãs, e como irmãs sempre viveremos. Si fosse possivel uma coisa...

— Não o digas. Não é possivel...

— Que tola! Ja sei que não gostas de Manolo. Sei, tambem, que por ti nunca seriamos irmãs. E alegro-me com isso, embora elle seja meu irmão. Manolo não é como Frederico. Si Frederico fosse como elle, tu mo dirias, não é verdade? Promettemos defender-nos. Lembras-te de nossa alliança de Biarritz?

— Então não hei de lembrar-me? Repita Moncada entrou tambem nella.

— E nos trahiu.

— E Deus a castigou. Bem vês o que dizem de seu marido.

— Horrores.

— Pois nós lho observamos.

— E ella não nos fez caso... Bem feito! Entre nós, não póde haver má intenção.

— Claro! Eu te disse que não gostasses de meu irmão, e era meu irmão. Tu me dissesses que Frederico é muito bom, e por isso eu vou casar-me com elle. Si soubesses de alguma coisa...

As duas amigas se beijaram com effusão.

Miss Cowley, por cima da revista, lhes dirigiu um olhar severo.

— *Do not kiss so noisely.*

* * *

QUANDO Frederico sahia de seu quarto, Rosaria o deteve.

— Preciso falar-te.

— Sobre que assumpto?

— Hoje esperavas uma carta... e não recebeste. Por isso, passaste o dia de máo humor.

— E tu sabias?

— Sei-o... porque aqui está a carta...

— Aberta... Mas, menina! E quem te autorizou abrir essa carta?... Traze-a!

— Não te exaltes. Eu precisava saber o que sei... e não havia outro meio. Agora, escuta. Vaes casar-te com uma creatura angelical e vaes casar-te porque queres. Ninguem te obriga a isso. E's homem. Tambem não te casas por interesse... Por que te casas, então?

— Estás louca? Que te deu de repente? E's uma garota mal criada.

— Como queiras. Mas te digo uma coisa. Si não romperes as relações com essa mulher, si enganares Emilia ao casar-te, mandarei esta carta ao marido de Henriqueta... Não... Não a solto! E' minha...

— Mas, que dizes? Que é isto?!

— Já te disse.

— Traze essa carta!... Anda! Vae buscal-a! Estou te ordenando... Sou teu irmão!

— Sim, és meu irmão... Mau eu sou mulher e, como mulher, sou mais irmã de Emilia do que tua... E como irmã a defendo e a amparo... Não o esqueças!

E, guardando a carta no peito, sahiu do aposento de seu irmão, que ficou aturdido, sem comprehender o que tinha ouvido...

Indanthren?...

A côr mantém sempre bella
Sempre firme a côr mantém
A fazenda que na ourella
Traz a etiqueta Indanthren.

Um corante não existe
Que offereça taes vantagens:
Ao sol e a chuva resiste
A ás repetidas lavagens.

Veja bem
Se a peça tem
Esta etiqueta:

INDANTHREN

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 45

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 7 de Novembro de 1931

A ALEGRIA DE VIVER

O encanto de viver... Ha, nas trévas, uma conspiração terrivel no sentido de matar o encanto da vida. Querem exterminar os pequeninos nadas que constituem as nossas grandes alegrias, porque nós não devemos mais ter o direito de sonhar, de sorrir, de morder esse morango delicioso que é uma bocca de mulher!

O mundo, banalizado pelo frio raciocinio dos moralistas de fancaria, e das autoridades, sentinelas da sociedade, deve prevalecer, para que a virtude reine e a castidade possa abrir as grandes azas brancas sobre as collectividades.

No céo, dizem que tambem é assim...

Uma paz augusta, cantos de harmonia enfadonha, anjos, virgens de nervos suffocados, o cortejo taciturno dos peccadores arrependidos e salvos á custa de prolongadas penitencias, o mesmismo que embrutece, depaupera, anniquila, arraza.

Tanto que os mais espertos preferem a orgia infernal, procurando a companhia de Belzebuth.

As barbas brancas, longas, de S. Pedro, não seduzem senão os tristes, os doentes do figado.

Ao contrario, o cavaignac petulante, e negro, do Senhor Diabo, fascina, como uma interrogação de mysterio e de loucura vermelha...

Berilo Neves já descobriu uma victrola orthophonica executando a *Marcha Nupcial*, de Mendelsohn, no reino de Averno, mas, lá deve haver melhores discos, *fox-trots* made U. S. A., cancans diabolicos, maxixes abrazadores de importação carioca.

Difficil será alguem descobrir uma victrola no céo...

Só a musica doentia, nostalgica, arrastada, do orgão. E melodias mui sorumbaticas, peores que a dos tangos argentinos...

Tédio!

Mas, quem não comprou ainda bilhete para outros mundos, sempre pensava ter a faculdade de gozar o seu *pedaço* na terra, na companhia amavel de Eva peccadora e cheia de graças.

Entretanto, nem todas as Evas que acceitam o nosso convite para um passeio de automovel, por exemplo, ao longo das praias que margeam a cidade, são descaradas...

Algumas cobrem-se de recato, detestando a popularidade.

E como é sabio, de muita prudencia não se contrariar as mulheres, aos homens intelligentes o que lhes cumpria fazer?!

Naturalmente defender Eva da cubiça e da malidicencia alheia, correndo a cortina...

Porém, a policia, a tal dos bons costumes, implica e prohibe o uso da cortina, por attentar contra a Moral.

Ahi está uma medida paradoxal! De maneira que devemos viver ás claras, tal qual os positivistas, sem Clotildes, evidentemente...

Mas, perguntamos muito á puridade, a humanidade póde viver, acaso, sem a protecção das cortinas?!

E as cortinas não emprestam certo encanto, certa graça, á vida?!

Matar o encanto de viver!

As creaturas que no Rio ainda não conseguiram passaporte para S. Pedro vão ficar perfeitamente bem, porque nesta immensa capital civilizada, agora, se está como num céo aberto...

Estou a imaginar o que poderia acontecer si Paul Géraldy surgisse, ahi, a dizer tolices:

Tu demandes pourquoi je reste sans rien dire...
C'est que voici le grand moment,
l'heure des yeux et du sourire,
le soir... et que ce soir je t'aime... infiniment!
Serre-moi contre toi. J'ai besoin de caresses.
Si tu savais tout ce qui monte en moi, ce soir,
d'ambition, d'orgueil, de désir, de tendresse,
et de bonté!... Mais non, tu ne peux pas savoir!...
Baisse un peu l'abat-jour, veux-tu? Nous serons mieux.

Géraldy seria preso.

Não devem, porém, desanimar, os penumbristas.

Os automoveis de cortinas corridas, fechados, não podem deslisar sobre o asphalto da cidade?! Paciencia.

Resta saber si alguem imagina tambem dar cabo dos *abat-jours*, que, na opinião dos bons psychologos, é coisa muito mais perigosa do que excursão de automovel com as cortinas arreadas. Mesmo até nos dias frios, quando a chuva canta nas vidraças o *We have no bananas*.

MARIO POPPE

Modas que vão e voltam

HA vinte annos, talvez mais, esteve em moda a colleccionação de phrases, de pensamentos, nos leques e postaes.

Não havia senhorita, senhora, dama, emfim, de todas as classes sociaes, que, no verão, não exhibisse o seu abanico, no dizer dos hespanhóes, adornado de expressões, de conceitos, de idéas e, geralmente, galanteios á sua dona — firmados por intellectuaes e seus admiradores.

E' claro que se lia de tudo: desde a reflexão mais profunda, digna de admiração e acatamento, ao logar-commum mais banal, mais explorado.

Outro tanto acontecia com os postaes — que eram os mensageiros preferidos pelos poetas, namorados e colleccionadores de autographos e de phrases.

Os homens de letras os recebiam ás duzias, para que nelles deixassem uma palavra, um pensamento, um verso, um fragmento de prosa, illustrando os motivos que as suas figuras ou paizagens suggeriam.

Litographias, na generalidade, esses cartões representavam namorados, Romeus e Julietas, piégas, em atitudes "idyllicas", em poses amorosas; e, muitos delles, traziam uma legenda em francez, como, por exemplo:

"Je pense á vous." — "Je vous aime." — "Tu m'as ravi le coeur par un seul de tes regards"...

Ha dias, o illustre dr. Domingos Barbosa, ex-deputado federal, e jornalista brilhante, recordando essa época, citou uma estrophe notavel do Conde de Affonso Celso, a qual, a meu vêr, deveria figurar, como distico, na fachada de todas as escolas.

Essa estrophe illustrava um dos postaes, que o patriota de "Porque me ufano do meu paiz", recebêra de um outro escriptor, que realizava uma enquête para saber qual devia ser julgada maior, — si a familia ou a patria.

O academico havia respondido, simplesmente:

"Eleva-me uma; a outra, me fascina;
entre ellas duas, meu amor se expande.
A Familia é uma patria pequenina,
em quanto a Patria é uma familia grande."

Muitas e muitas outras como essa joia podiam ser colhidas, nessa época, pois, sem exaggero, os postaes constituiam uma verdadeira epidemia; e, é claro, os poetas, os escriptores tinham margem para verdadeiros torneios.

Quando eu andava ainda na escola, possui uma dessas "cartolinas". Durante muito tempo, guardei-a como si fosse uma reliquia. Trazia este pensamento de um literato pernambucano, dr. Arthur Muniz Freire: "A Esperança se fortalece com a sua propria dôr." No verso do cartão, havia uma ancora. Hoje, percebo que a philosophia do caso é muito discutivel. Mas serve para a legenda de um postal.

Ao que parece, a moda está voltando — fiel ao pensamento do poeta. "On revient toujours á ses premiéres amours..."

Não são poucos os postaes que tenho recebido, para que os illustre (ou desillustre?) com um verso, uma phrase, seja o que fôr.

Lembro-me de que o ultimo me foi enviado por uma leitora intelligente. O motivo: sentada no banco de pedra de um jardim, uma joven escrevia uma carta de amor.

A minha legenda foi a seguinte:

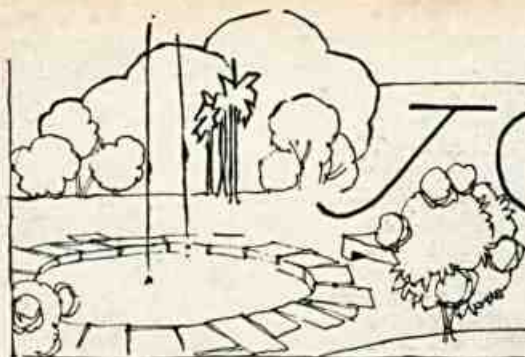
"Numa missiva de mulher cabem todas as mentiras. Até mesmo esta: — que ella possa ser sincera."

YVES

Ceição de Barros Barretto, que é uma brilhante artista do violino, laureatta pelo nosso Instituto Nacional de Musica, reuniu em volume, a que deu o suggestivo titulo de «Cantigas de quando eu era pequenina...», algumas das mais populares canções infantis brasileiras, cuja melodia ingênua e doce anda na memória de todo aquelle que já foi criança... «O' ciranda, ó cirandinha...», «Sapo cururú», «Marcha soldado», «Quando eu era pequenina...» e outras cantigas, cheias da ventura bôa da criancice, estão reproduzidas, em verso e musica, no livro de Ceição de Barros Barretto, que o organizou com todo o carinho e com toda a vibração da sua alma de pernambucana e de artista. Olegario Marianno, escrevendo a apresentação do volume de Ceição de Barros Barretto, diz: «Cantigas de quando eu era pequenina...» são contas de um rosario que todas as creaturas de Deus devem desfiar cantando, umas na alegria inconsciente do momento que passa, outras na pungente recordação do tempo que passou como uma cantiga, cuja resonancia ainda perdura á flôr dos labios e á flôr das almas.» Nada mais é preciso accrescentar, para fazer o elogio dessa obra de alegria e ternura, ás palavras lyricas e suaves do grande poeta das «Cigarras».

A MULHER CHIC

Creação Jean Patou (Photo especial para FON-FON)

ROBE DE CRÊPE DE CHINE NOIR.
FEUTRE NOIR.

AUTORES

Autor de «Expiação», livro de these, com que estreou na literatura bibliographica, o sr. Rubey Wanderley acaba de dar á publicidade um romance de sensação: «A vida amorosa e jornalistica de Mario Haffner». O novo livro do joven jornalista, poeta e prosador, cujo nome já se firmou solidamente, é uma obra nervosa, afflicta, riscada de anseios, que encarna a existencia de um personagem ao vivo, sem nenhum artificio literario. E' um romance actual, simultaneamente dynamico e voluptuoso, um caleidoscopio de emoções sahidas da alma e do sangue de Rubey Wanderley, que tem experimentado a vida em todas as suas angustias e em todas as suas bellezas. Por tudo isso, o recente livro do vibrante escriptor de «Expiação» está destinado a um grande successo de livraria.

A MONJA-ALFERES

D. Catarina de Erauso, uma daquellas hommasses de que fala Brantôme, uma verdadeira machona, como diriam os sertanejos, foi uma das terriveis aventureiras de que a historia dá noticia.

Nascida em Guipuzcoa, de paes fidalgos, fugiu do convento onde a meteram para domestical-a, vestiu-se de homem, assentou praça num regimento das colonias, esteve no Mexico, no Perú, no Chile, no Prata, em Napoles e em Roma, fez a guerra e chegou ao posto de alferes. Dahi seu appellido: a monja-alferes. Quando á primeira vez descobriram que era mulher, levaram-na para a metropole. Defendeu-se, provando grandes serviços militares. O rei perdoou-lhe varios crimes cometidos e deu-lhe uma tença. O papa permittiu-lhe, em breve especial, andar vestida de homem e usar a espada de que sempre tão bem se utilisara. Pietro della Valle conheceu-a pessoalmente em Roma, no anno da graça de 1626 e achou-lhe cara de soldado, ademanes de soldado. Só lhe restava de feminino a mão.

D. Catarina de Erauso deixou memorias mal gatafunhadas, que começara a escrever em 1624, quando vinha da America no galeão S. José. José Maria de Heredia recolheu-as, puliu-lhes as asperezas, estylizou-as e deu-nos bello livro sobre a amazona, cuja vida o seduziu e que elle assim resume: "...Elle se plut á revivre par la pensée les aventures d'autrefois, les courses á cheval á travers les Andes, en quête d'El Dorado, les querelles, les combats, les prises, la fortune hasardeuse, la vie errante et libre..."

(Photo De los Rios)

Celestino Silveira é o victorioso autor do bello romance «Os intoxicados», que acaba de apparecer, augmentando a bagagem e as glorias literarias do autor. A critica já louvou, com o enthusiasmo que lhe mereceu, essa nova obra de Celestino Silveira, cujos meritos repontam, brilhantemente, em cada pagina forte, moderna, inquieta e allucinante de «Os intoxicados». Tambem FON-FON, pela penna do seu critico literario, já emittiu a sua opinião acerca do livro de Celestino Silveira, que está alcançando o mais expressivo successo de livraria.

FON-FON EM PARIS

Alipio Dutra, representante do Instituto do Café em Paris, que representa naquella capital a fidalguia e a intelligencia brasileira, como homem de sociedade completo e artista de grande talento.

O bracelete de safiras

EM 1912, Gustavo Barroso publicou seu primeiro livro, — Terra de Sol —, obra com a qual ingressou no reduzido rol dos nossos escriptores de raça.

Desde então, Gustavo não deu descanço á sua penna de oiro, produzindo sempre, até completar o numero de quarenta e seis livros com O bracelete de safiras, admiravel volume de contos, que acaba de apparecer nas montras das livrarias.

Essa fecundidade productora, maravilhosa, de Gustavo Barroso pasma e intriga num paiz onde a literatura ainda é considerada, não como uma necessidade para o encanto do espirito, mas, como um sport de luxo.

Pasma, porque o academico cearense é sempre novo em cada livro que nos offerece; intriga, porque demonstra possuir um vasto circulo de leitores, felicidade que bem poucos escriptores têm desfructado no Brasil.

Gustavo Barroso.

Gustavo Barroso e seu ultimo livro

Os contos que formam O bracelete de safiras trazem a marca da fidalga aristocracia do talento de Gustavo Barroso. São realmente joias do mais alto lavor, fascinantes de belleza, os contos ora reunidos em volume.

E, terminada a leitura, vêm-nos á mente as palavras de Faguet, acerca de Figures et choses qui passent, de Loti: "Il y a des choses exquises, il y a des choses sinistres, il y a des choses d'une magnifique grandeur simple" no ultimo livro do nosso grande João do Norte.

Durante o almoço bi-mensal dos encarregados de negocios, conselheiros e secretarios das missões diplomaticas estrangeiras acreditadas junto ao nosso governo, realizado sabbado ultimo, no Automovel Club do Brasil, foi homenageado o dr. José Roberto de Macedo Soares, introductor diplomatico, por motivo de sua recente promoção ao cargo de primeiro secretario de embaixada. Tomaram parte nesse agape, como convidados de honra, o chefe do gabinete do ministro das Relações Exteriores, dr. Hildebrando Accioly; o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, e os consules Edgard Fraga de Castro e Oswaldo Tavares.

TREPAÇÕES

CHEGOU a vez do cirurgião dentista... *Madame* tem labia, muita labia mesmo, para cavar a vida *suavemente*.

Navega de accordo com os ventos, porém, sempre com segurança.

Presentemente, quem está *de dia* é o sympathico dentista, e isto tem uma explicação unica: *madame* anda em crise, sem dinheiro, mas, precisa tratar dos dentes...

A sua linda bocca, realmente, merece algum sacrificio da parte do eximio profissional, escolhido para *victima*.

Madame, após completar o serviço, não terá duvida em se julgar até credora do nosso amigo, e era uma vez uma historia que...

Mas, póde muito bem acontecer que o dentista se julgue feliz em tratar de graça da bocca de *madame*.

Elle tem um temperamento patusco, e adora loucamente a vida de aventuras faceis.

Sua alma, sua palma — lá diz o povo, superiormente sabio.

Um dia, porém, houve novidade na zona.

Passou um automovel, fonfonou, a moça desviou o olhar do céo, despregou o queixinho das mãos... e perdeu a habitual pallidez.

No rosto brotaram duas papoulas vermelhas, que murcharam, morreram, logo após a passagem do auto.

O vizinho observou e reformou o juizo, pois sentiu que a moça que morava em frente não era differente das outras, moradoras nas proximidades da sua casa.

Si todas ellas tinham o seu pequeno, si todas, ao cahir das tardes, vinham para a calçada saudar as namorados, por que a pallida e loira não havia de ter o mesmo direito?...

Mas, não era tudo.

Na semana passada, o vizinho recolhia-se fóra de horas, quando, repentinamente, viu um vulto sahir de um automovel e projectar-se, como raio, para o interior da casa em frente...

O pequeno José Walmilia, filhinho de um leitor de FON-FON, promette, quando crescer, imitar o seu papae, que não perde um numero da nossa revista...

Maria Leonor, filhinha do casal Gastão Serpa. E' pequenina como uma boneca. E linda até chorando... O instantaneo, magnifico, nos apresenta Maria Leonor num ruidoso protesto contra o photographo-amador que transportou para a chapa a sua graça infantil de garota bonita...

PALLIDA e loira, muito loira e fria, tal qual a amada do poeta...

O vizinho até andava impressionado e, por vezes, repetia baixo: "A moça que móra em frente é uma moça indifferente; não sei que mysterio tem", etc...

Porque não olhava mesmo para ninguem!

A janella abria-se, a loira apparecia, fincava os cotovelos no peitoril, apanhava o queixinho com as mãos em concha, fixava o olhar na abóbada *celeste* e podia passar fosse quem fosse, não se alterava, não se mexia, não era com ella.

Pallida e loira, muito loira e fria...

O auto deslisou, macio, sem fonfonar.

Muito bem!

O rapaz bateu o portão, intrigado com o que vira, e agora diz a todo o mundo que essa historia de pallida e loira, muito loira e fria... é cantilena de poeta lunatico.

Sangue ardente é o que tem ella.

A moreninha não sabe para que lado deve voltar a sua attenção...

Está entre a farda e o annel de esmeralda, mas, si demorar em tomar uma resolução acabará ficando sem uma e outra coisa.

E' claro que, no caso, não se acha em jogo o coração...

A pequena é pratica, preoccupa-se immensamente com o futuro...

A moreninha procura adivinhar qual é o melhor partido, o que offerece maiores vantagens.

Si quizer aceitar o nosso conselho, deve opinar pela farda.

As promoções agora vão ser mais rapidas com o rejuvenescimento dos quadros.

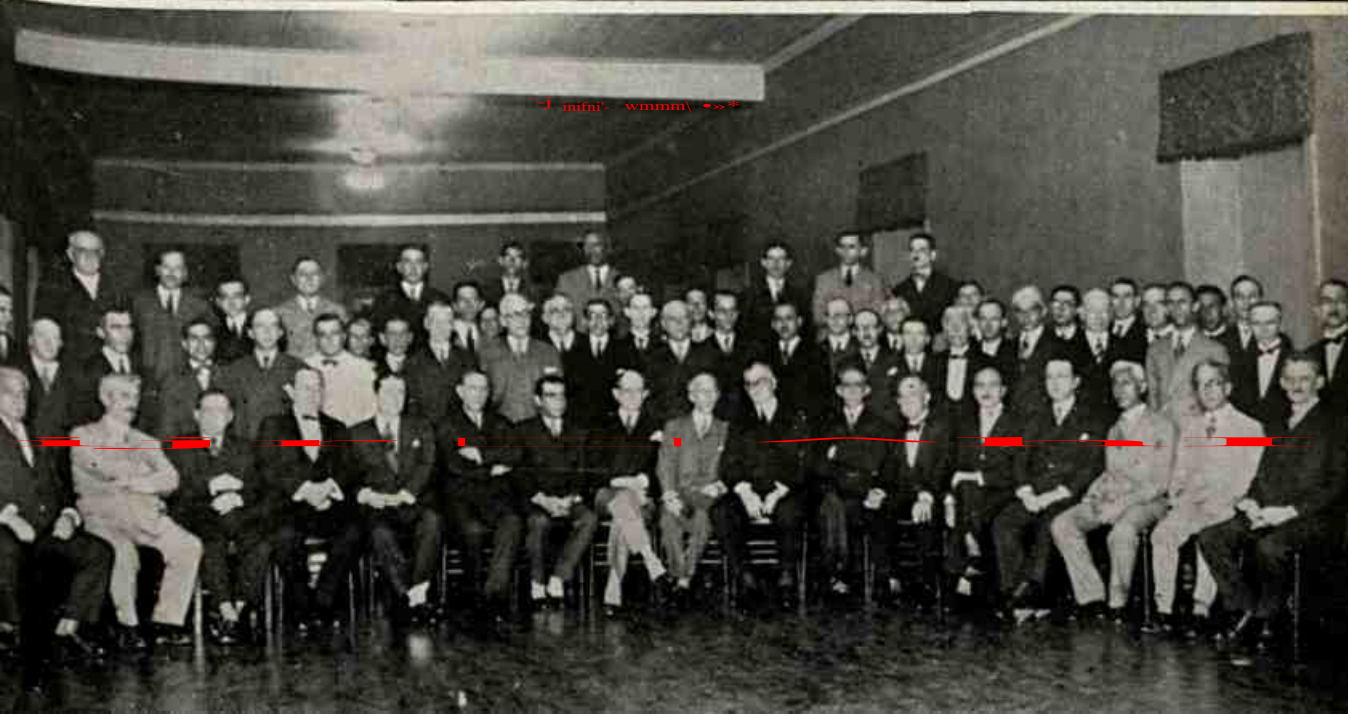
E, na viuvez, o soldo é garantido.

Marilia, filhinha do nosso confrade Pedro Ferreira da Silva e de d. Brasilia Moutinho Ferreira da Silva. Gosta de fazer «pose» deante do photographo, porque sabe que é bonita...

Na séde da Associação Brasileira de Imprensa, com a presença do dr. Pedro Ernesto, interventor no Districto Federal, dos representantes dos ministros e de todos os Estados da União, dos delegados das mais importantes instituições brasileiras, reuniu-se, ás 21 horas de sabbado ultimo, a 2.ª Convenção Turística Inter-estadual, promovida pelo Touring Club do Brasil, com o intuito de desenvolver, no nosso paiz, a industria do turismo e os beneficios economicos, culturaes e de confraternização que della decorrem. Foi uma solennidade brilhante, presidida pelo dr. José Pires Rebello, presidente em exercicio do Touring Club do Brasil, e assistida por um grande numero de figuras da mais alta representação social no Rio. Em nome do Touring Club, fez a saudação official aos convencionaes o nosso brilhante confrade dr. Benito Neves, director dessa instituição, tendo feito uso da palavra, tambem, os drs. P. B. Cerqueira Lima, sobre um thema turistico, e Nelson de Senna, em nome dos convencionaes presentes. As photographias desta pagina representam, em cima, a sessão preliminar da Convenção, realizada pela manhã, e, em baixo, a solennidade da installação, á noite, ambas no salão da Associação Brasileira de Imprensa.

filigranas

Toda a gente conhece a mandioca e o aipim ou macaxeira. Os estudiosos conhecem a lenda curiósa de Mani, que lhes deu origem. Mas bem poucos sabem que ha muitas qualidades de mandioca e de macaxeira. As principaes da primeira são: arrebenta-boi, cruvella, cangahyba, canella de urubú, coré, sutinga, uvá e manipeba; da segunda: pão do Chile e tatahyra. E' que se chama Capitão ao mandiocal abandonado.

Já se fazia mister um elucidario de cada uma das nossas zonas caracteristicas, afim de guardar nomes, appellações e designações interessantes que, com o tempo, forçosamente acabarão por se perder.

O único jogo do campeonato carioca de football que se realizou domingo passado foi o do campo do America, entre este club e o Botafogo, sahindo victorioso o «team» alvi-negro. A assistência, numerosa e escolhida, applaudiu enthusiasticamente os jogadores que offereceram tão empolgante tarde sportiva. Esta pagina focaliza um aspecto do pavilhão central do America, na rua Campos Salles, e tres instantâneos do grande encontro.

Os srs. ministros Afranio de Mello Franco e Albert Gertsch, representando, respectivamente, o Brasil e a Suissa, assignaram, quinta-feira penultima, no palacio do Itamaraty, um accôrdo commercial entre o nosso paiz e a Confederação Helvetica, consubstanciado em notas que foram, na occasião, trocadas entre o chanceller brasileiro e o diplomata suisso. Assistiram ao acto solemne altas personalidades da colonia suissa, membros do corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado e funccionarios do Ministerio das Relações Exteriores.

EPIGRAMMAS

Todo mundo póde ser bom no campo. Alli não ha tentações. Por esse motivo, as pessôas que vivem fóra da cidade são tão pouco civilizadas.

Só as mediocridades progridem.

Um artista gyra em um cyclo de obras-primas, as primeiras das quaes é não menos perfeita que a ultima.

OSCAR WILDE

Ainda no palacio do Itamaraty realizou-se na semana passada a cerimonia da troca de ratificações da Convenção Radiotelegraphica que o Brasil e o Perú firmaram a 31 de dezembro de 1931, na cidade de Lima, e só agora concluida. Representou o Brasil na solennidade o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, sendo plenipotenciario do Perú o ministro desse paiz dr. José Maria de la Jara.

Alto-Falante

O SONHO QUE NÃO VIVEU...

UNGI a lamina enternecida de meus olhos na suavidade fresca das rosas que floriram dentro de mim, com o teu amor. E dei ás minhas mãos inquietas a palpitação de volupia da caricia de asas macias de passaros em remigios de carinho. E imprimi a meu coração o rythmo desordenado, cantante e alegre, das aguas correntes. E enchi minha alma de belleza, de encanto, de mysterio, de força, de enthusiasmo, de illusão e de fé, para dizer, á tua passagem pela estrada longa, deserta e arida da minha vida—oh doce e suave *petite fée*—que a ti e, só a ti, devia o estranho e silencioso milagre da minha resurreição... "interior"!...

Mas, em vão, horas a fio, dias seguidos, mãos em prece, olhos distendidos para a linha curva de todas as estradas, esperei que viesses, que voltasses, para a realização de todas as promessas que illuminavam teus olhos negros quando fizeste descer sobre mim a suave volupia do teu deslumbramento...

E minha alma recolheu-se, de novo, ás sombras e ao humilde e resignado silencio da sua solidão.

E, meu coração... Meu coração não o encontrei, não, porque elle, a cantar a canção louca da sua louca saudade, se perdera na poeira das estradas sem fim, á tua procura...

*

TEIA DE ARANHA

No *Jardim das Faidades*, titulo da linda chronica com que, diariamente, Oswaldo Santiago abre a secção de elegancias da *A Patria*, o querido e apreciado poeta de *Grilos do Meu Silencio* e *Rio-Mar*, assim se referiu ao livro de Elcias Lopes — *Teia de Aranha*, ha pouco publicado:

"Estamos, nestes ultimos tempos, deante de um phenomeno dos mais raros: o apparecimento de bons livros em prosa e verso.

"A Mulher e o Diabo", de Berilo Neves, "Katucha", de Benjamin Costallat, "Rufio de Azas", de Maria Eugenia Celso, "Brasil-Nação", de Manoel Bomfim, "Por Amor do meu Amor", de Paulo Gustavo, e uma infinidade de outros.

A essa legião vem juntar-se, agora, "Teia de Aranha", o volume elegante, bem escripto, bem pensado, esplendido mesmo, com que Elcias Lopes vem de estrear nas letras cariocas.

Elcias é do Ceará, forja de espiritos fortes e luminosos, cheios de sol como a propria terra.

Vindo para o Rio, aqui triumphou com rapidez, participando ao paiz, pelas paginas queridas do *Fon-Fon*, a chegada victoriosa do seu talento á metropole brasileira.

O seu livro em apreço é um apanhado das chronicas mais brilhantes por elle escriptas para o semanario de Sergio Silva, Gustavo Barroso, Martins Capistrano, Bastos Portella e Mario Poppe, ás quaes se juntaram outras ineditas e igualmente deliciosas.

"Teia de Aranha" é, pois, um entrelaçado subtil, finissimo e harmonioso, onde a sensibilidade do leitor fica enleiada, debatendo-se nos fios emotivos que a aprisionam.

Além das suas virtudes de escriptor, porém, Elcias Lopes revela, ainda, através dos entrechos que concatenou, uma grande bondade, um coração bem formado e cheio de idealismo, desejando transformar o mundo e a vida num sereno oásis de pensamentos, intenções e attitudes puras.

A tendencia modernizadora da alma, tão gritante em outros autores nossos, encontra nelle atávicos obstaculos que o homem intelligente procura, em vão, remover da sua psychologia.

Admitte todos os excessos da educação feminina á americana, justifica-os, ás vezes, mas, no fundo, se revolta contra esses exaggeros, adoptando, decerto, a formula de que as mulheres assim "actualizadas" são muito boas... para os outros.

Em resumo, "Teia de Aranha" é a ractificação da victoria de Elcias Lopes, nas letras nacionaes."

O. S.

«FON-FON» EM PARIS

A notavel cantora brasileira Julieta Telles de Menezes, em companhia de sua gentil filhinha, no Jardim das Tulherias.

DIVA Jabôr é um nome que surge para a vida literaria com o esplendor de uma bella adolescencia e as graças de um luminoso talento. Menina ainda, sua inspiração tem singularidades de uma arte pessoal, muito suggestiva e encantadora. As primicias de sua musa nos dão a certeza de que mais um formoso talento vem enriquecer as letras femininas do Brasil. São de Diva Jabôr estes expressivos versos.

BALLADA ORIENTAL

Meu propheta de amor:
Dicta ao meu coração
as tuas leis de gozos e delicias!
Faze delle o Alkorão,
De que serás o grande inspirador,
Venerado num culto de caricias.

Mahomet, deus do amor-religião!
Nos versos meus cicia uma oração...

Allah do meu destino:
Vem a mim, suavizar
a tua sêde de ternura e amor!
Bebe no meu olhar,
Dos labios dalma, o cantaro divino,
A luz do meu fervor!

Vem! oh meu principe de Alfana!
Eu quero ser... tua Samaritana.

Senhor da minha vida:
Reina no meu carinho,
o grande altar do teu poder immenso!
Sou a "jariat" querida,
Que faz da tua terra um céo de arminho,
E te offerta seus beijos, como incenso!

Eu te amo! Oh Al-Ikarim da minha crença!
E o teu amor é gloria e recompensa!

D I V A J A B Ô R

A data da passagem do primeiro anniversario da posse do dr. Getulio Vargas no governo provisorio da Republica foi commemorada nesta capital com varias solennidades, dentre as quaes se destacou a missa em acção de graças celebrada, terça-feira ultima, no altar-mór da igreja de S. Francisco de Paula, e que attrahiu ao sumptuoso templo numerosa e distincta assistencia. Estiveram presentes a esse acto religioso varios membros do governo, representantes do corpo diplomatico, membros do clero e figuras de destaque dos nossos circulos militares e sociaes. A gravura acima representa um aspecto da cerimonia religiosa de terça-feira ultima, na igreja de S. Francisco.

A mansão dos mortos recebeu, este anno, como sempre, a visita da saudade e a reverencia do culto dos vivos, em cujos corações se perpetúa a memória dos que se foram. Flôres, preces, lagrimas, sobre a paz augusta e santa dos cemiterios. E os mortos, os entes queridos, a cuja casa fomos levar o confórto da nossa presença, hão de ter sentido, mais uma vez, que continuam a viver na saudade dos corações que se elevam para elles, reverentes e contrictos, no dia que lhes é consagrado. Finados... Hoje, como sempre, «ce sont les morts qui commandent les vifs...»

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, e outros jornalistas visitaram, na semana passada, a convite da directoria da Cruz Vermelha Brasileira, o hospital central dessa grande instituição, á praça Vieira Souto, cujas dependencias percorreram demoradamente, de tudo recolhendo a melhor impressão. Os representantes da imprensa carioca foram alli amavelmente recebidos pelo general Alvaro Tourinho, pelo major Florencio de Abreu e pelo sr. Arnaldo Siguier, directores da Cruz Vermelha Brasileira, que na gravura apparecem entre os jornalistas presentes.

Othon, o filhinho do industrial Orlando de Oliveira Bastos, numa photographia tirada na sua grande data de catholico: a de sua primeira communhão.

Enlace da senhorita Yvonne Labarthe com o sr. Osmar Wolter, recentemente celebrado. A noiva é irmã da festejada declamadora e poetisa senhorita Ilka Labarthe.

A galante Ilza, filhinha do dr. Adhemar C. Jobim, no dia de sua primeira communhão. Uma graciosa santinha de sete annos.

DO CARACTER

A definição de caracter, na accepção moral, não é coisa facil. Para muitas pessoas, elle admitte os qualificativos bom e máu; para outras, a palavra por si mesma diz tudo. Eu estou com estas. O que é bom poderá tambem ser regular e soffrivel, e, com esse recurso, não haveria ninguem destituido de caracter. Quem menos o possuisse, tel-o-ia soffrivel e não máu.

Cada pessôa representa a sombra de bôa ou má indole.

Em moral não ha meio termo. — longe de mim pregar moral; caracter não póde ser possuido em dóses, mas adquirido em porções até se tornar integro. Mas quantos serão dotados de um caracter assim? Ha uma compensação importante, em tratando-se de caracter: — seus portadores só poderão ser reconhecidos pelos que o conduzem. O homem de caracter procura acertar na luta pela vida, mas não póde externar um juizo definitivo em proveito proprio. A autocritica favoravel, no caso, tem as suas restricções. Elle será julgado por outro, o qual, por sua vez, terá que se submetter a julgamento.

Por que? Porque caracter é uma coisa que todo mundo pensa ter, embora nem todos saibam o que elle seja.

ALEXANDRE PASSOS

O dr. Humberto Ramos, que acaba de concluir o curso medico na Faculdade do Rio de Janeiro, tendo collado grão na solennidade de 24 de outubro, no theatro João Caetano, é uma figura brilhante de sua turma, onde sempre se destacou pelas suas qualidades de intelligencia e coração. Pernambucano de nascimento, o dr. Humberto Ramos pertence a illustre familia daquelle Estado e já se acha a caminho de sua terra natal, que foi rever após alguns annos de ausencia. De regresso á capital da Republica, o joven medico aqui installará o seu consultorio, para dedicar-se á sua especialidade, exercendo a clinica de ouvidos, nariz e garganta.

(Photo Annunciato)

O professor Pedro Moura, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deu a sua ultima aula de clinica-cirurgica no corrente anno lectivo na manhã de sabbado ultimo, no Pavilhão Miguel Couto da Santa Casa de Misericordia, estando presentes mais de trezentos alumnos, dos quaes se despediu aquelle illustre scientista, que se achava acompanhado de seus assistentes, drs. Alvaro Moscoso, Araujo e Ellis Ribeiro.

Por occasião do encerramento de seu curso de dermatologia e syphiligraphia, o professor Arminio Fraga foi alvo de expressiva e carinhosa homenagem de seus alumnos do 4.º anno medico, os quaes, reunidos na 26.ª Enfermaria da Santa Casa de Misericordia, se despediram assim do seu estimado mestre. Em nome de todos, falou o academico Alcino Coimbra, saudando o homenageado, que agradeceu, commovido, aquella manifestação de apreço.

O theatro, ascendendo á mais alta expressão de arte, realiza todas as emoções de belleza, de consciencia, de desgraça ou de humanidade.

Fonte de extase, exaltação ou constrangimento, elegancia ou aventura maravilhosa, seja o drama, a comedia, a tragedia, até a mais innocua revista, tudo no theatro é alimento do espirito, desdobrando e encerrando o cyclo admiravel da arte, na vida, no sentimento, no espaço universal.

O erro humano, desenhando a sua fatalidade.

O soffrimento vencendo os fracos.

O amor creando volupias e desillusões.

Todas as grandes paixões com as suas forças desconhecidas e os seus milagres impossiveis se condensam na alma do theatro.

E' a natureza renovada em deslumbramento.

E' a analyse dos contrastes na vertigem contemporanea.

O pensamento exercendo a fórma plastica dos contornos mais subtis.

Claro-escuro... Musica de Beethoven, de Wagner ou de Ravel.

O theatro é philosophia, mysticismo, realidade, orgia, momento fecundo, caricatura, disparate.

E' como a vida. Um esplendor ficticio sorrindo a miserias inevitaveis.

O homem brilhante, avançando para todas as glorias da civilização, prepara, dentro delle mesmo, o seu futuro aniquilamento.

Homem de hoje, caveira de amanhã. Theatro espectaculoso de côres, compondo a visão incandescente de uma "feerie" momentanea, theatro de papel pintado e rostos marcados a carvão, é a historia enganadora da propria vida...

O jogo das suas scenas é o symbolo da obra eterna das mutações humanas.

E os dramas passionaes de todas as almas são vibrações infinitas, inuteis ou crystallizadoras, no pequeno mundo sentimental de cada destino. Tambem os cartazes dos theatros annunciam os dramas dos seus repertorios, desempenhados por artistas que soffrem e sorriem, por instincto ou por obrigação.

O artista é a floração do theatro.

O seu fluido emocional, precipitando do seu eu profundo, representa o esplendor ou o rebaixamento do theatro.

Aura Abranches, a illustre artista portugueza que se acha de novo no Brasil.

A festejada actriz brasileira sra. Carmen de Azevedo, que está fazendo successo no theatro Casino, onde se exhibe com a sua companhia de «vaudevilles».

E' preciso sentir a verdade musical e reveladora, para reproduzil-a, despertando emoções.

Ha vida, pensamento, e razões de coração no sabor do mais frivolo dialogo.

O theatro de Aura Abranches é finalidade unanime de arte.

O movimento, a paizagem interior, a vitalidade excessiva dessa grande actriz são fórmas felizes e magnificas do seu theatro.

Aura Abranches é artista que fixa as simultaneidades dos destinos das suas personagens em possiveis encarnações reaes.

A vida precaria e indecisa das comedias torna-se essencia verdadeira nas creações de Aura Abranches.

Quem terá esquecido A Garota e A Menina do chocolate?

Aquellas duas trefegas creaturinhas, que Aura personalizou com o seu talento interpretativo, vivem na historia theatral quasi em carne e osso...

Suzanna e Colette são pessôas de consideração, e bem conhecidas...

Fluctuam, em reminiscencias inesqueciveis ao nosso espirito, individualizadas e perfeitas.

Alguma coisa extraordinaria, porém, accentua á arte humanissima de Aura Abranches.

E' o colorido das suas percepções.

O possivel da sua theatralidade.

Ella detalha o sentido espiritual das suas peças, surprehendendo a poesia da concepção.

Porque Aura Abranches é tambem poetisa. Tem alma de rouxinol. O seu espirito é deliciosamente harmonioso. E uma alegria rutila, uma alegria vestida de purpura e oiro, vive a doirar-lhe os momentos da existencia.

Cantar a natureza nos seus aspectos grandiosos é o instante d'alma de Aura Abranches. Ella adora o mar, as tempestades, os relampagos e os trovões — as coleras formidaveis com que a natureza sábia nos castiga os crimes...

O nosso Brasil, terra de esmeralda e de sonho, arrancou á penna da illustre actriz-poetisa o lindo soneto com que fecho esta pagina, deslumbradamente.

(Conclue na pagina seguinte)

O «Dia do Empregado no Commercio» foi brilhantemente commemorado na penultima sexta-feira pelas associações representativas da numerosa classe. Entre as festas que, por esse motivo, se realizaram nesta capital, sobresahiram as promovidas pela União dos Empregados do Commercio, que solemnizou assim a grande data dos seus associados. A photographia acima foi tomada na séde da União, ao meio dia de sexta-feira, quando alli foi hasteada a bandeira daquelle gremio de classe.

TORRE DE BABEL (Conclusão)

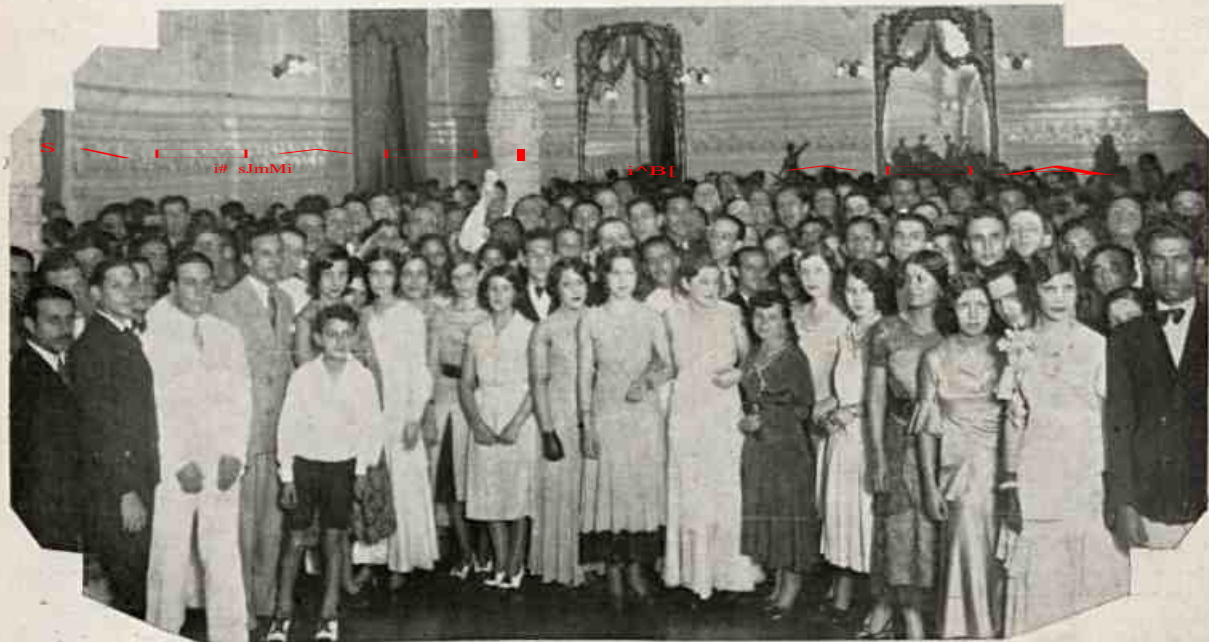
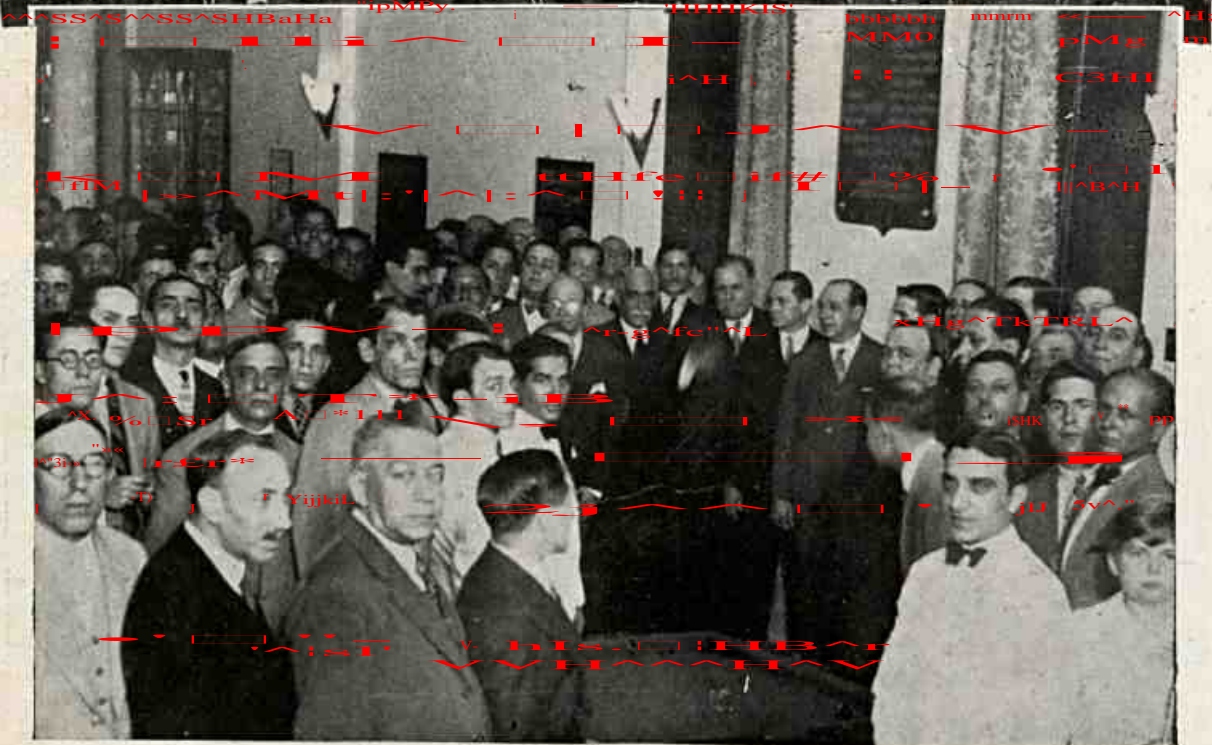
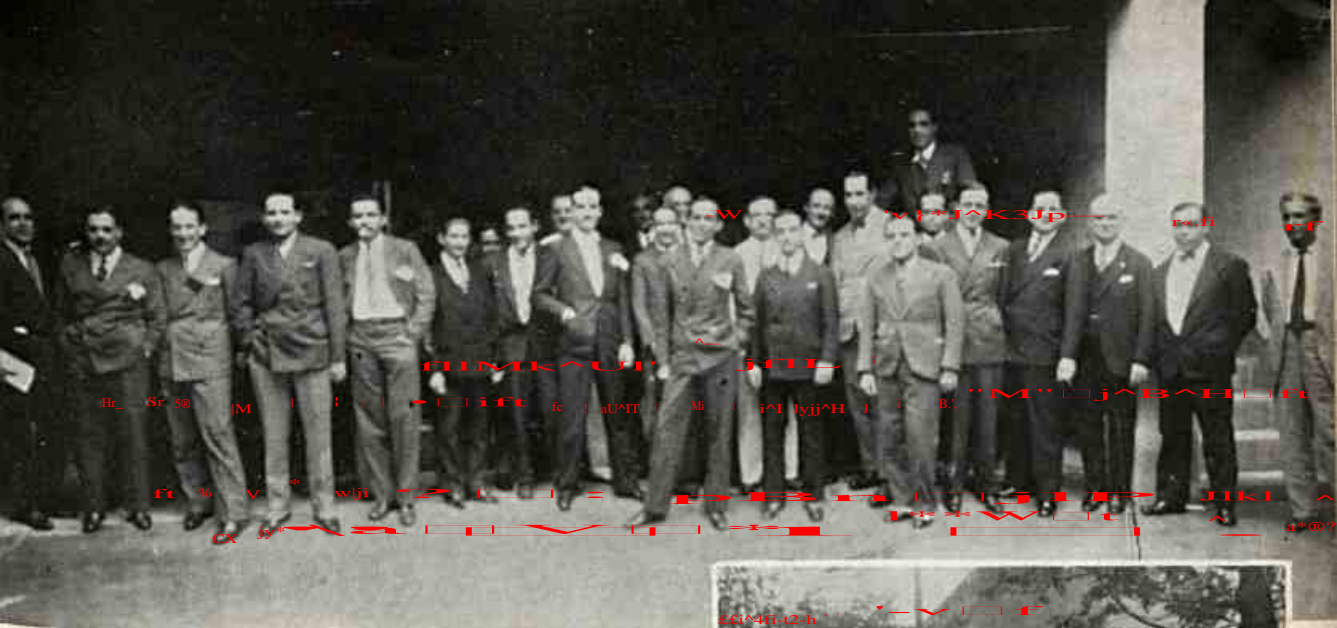
«A TI BRASIL AMADO...

Volto a vêr-te de novo; (que alegria!)
Meu colosso moreno e generoso!
Vibra o meu coração cheio de gozo
Bemdizendo a ventura deste dia...

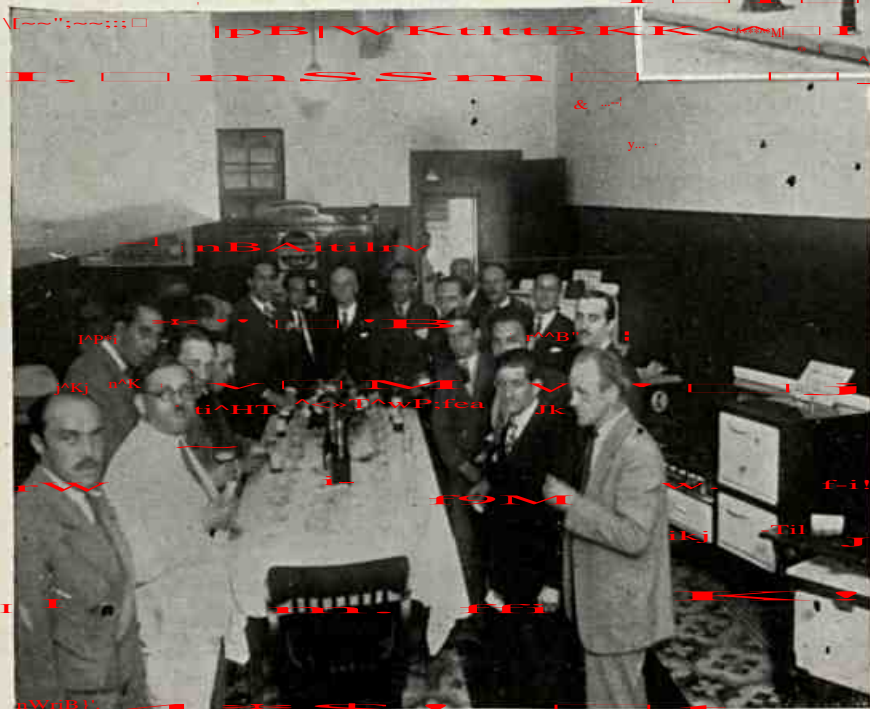
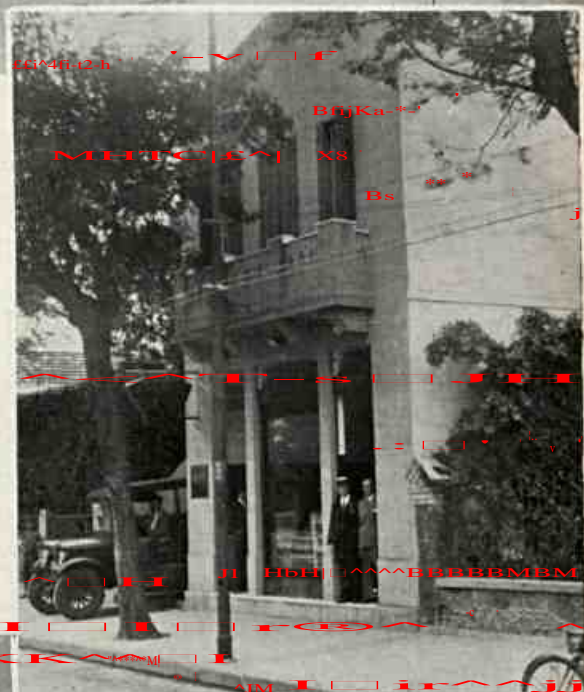
Ha sete annos, amor, que te não via!
Encontro-te mais bello, mais gran-
[dioso...
Fizeste o monopolio portentoso
Da Belleza, da Graça e Fantasia...

Agora que cheguei á tua beira,
Paiz de sonho que não tem rival!
Eu te digo que sou a mensageira

Da profunda saudade que, afinal,
A gente portugueza e brasileira
te envia, lá do nosso Portugal..."

Sylvia Moncorvo

A Associação dos Empregados no Commercio festejou a data de 30 de outubro com um baile que offereceu, em sua séde social, aos seus associados e familias.

Antes de inaugurar os grandes melhoramentos que acabam de ser introduzidos em sua imponente séde, a Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez quiz mostrál-os á imprensa carioca, convidando para uma visita ao edificio da rua Buenos-Aires os representantes dos nossos jornaes e revistas, a quem a directoria da sociedade offereceu uma lauta ceia, fartamente regada a champagne. Essa visita realizou-se sabbado ultimo, dia em que o Club Gymnastico Portuguez completou o 63.° anniversario de sua fundação, e foi uma brilhante festa preliminar do grande baile inaugural das novas installações da Real Sociedade, annunciado para o proximo sabbado, 14 do corrente.

A «Société Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro» está prestando um grande serviço á população carioca com a creação de agencias nos principaes bairros da capital, visando assim poupar aos moradores das zonas beneficiadas o incommodo de vir de longe tratar dos seus negocios na cidade.

Essas agencias são installadas de accôrdo com um plano preestabelecido e com todos os requisitos do luxo e do conforto modernos. E têm como finalidade as seguintes attribuições: vender fogões, aquecedores, fogareiros; attender a todas as reclamações sobre escapamentos, falta de gaz, erros de contas, etc.; receber contas de gaz, de luz electrica e de telephones, emquanto não se esgottar o prazo; receber pedidos de orçamentos para concertos de apparelhos e para novas installações de gaz e de agua para os aquecedores; fazer planos e orçamentos gratuitos para installações de gaz para fins industriaes. Tudo, emfim, o que se executa no escriptorio central da rua da Assembléa poderá ser feito nas agencias dos bairros.

Depois de inaugurar a primeira agencia, na praça da Bandeira, o que foi realizado a 11 de maio do corrente anno, a «Société Anonyme du Gaz» entregou ao publico aristocratico de Copacabana a sua segunda agencia, luxuosamente installada em edificio apropriado construido á rua Copacabana, 627,

onde ha, tambem, telephone publico.

onia inaugural dessa agencia realizou-se quarta-feira penultima, com a presença de altos funccionarios da companhia e pessôas gradas.

Na vespera, a «S. A. du Gaz» convidou a imprensa carioca para uma visita á nova agencia, tendo offerecido um «lunch» aos jornalistas que, então, ali se encontravam e que puderam verificar, bem impressionados, a excellencia das installações daquella succursal da companhia.

O encarregado da agencia da «S. A. du Gaz» em Copacabana é o sr. Manoel G. Ribeiro, que tem como auxiliar o sr. José Leão Gomes.

A nossa pagina focaliza aspectos tomados durante a visita dos jornalistas, que foram acompanhados dos nossos collegas F. C. Scoville e Annibal Bomfim, directores do Departamento de Publicidade da Light.

O tenor Machado Del Negri, que no proximo dia 15 embarcará para a Europa, onde pretende fazer uma «tournée» de arte, realizará, a 11 deste mez, no Municipal, o seu concerto de despedida, patrocinado pelos nossos confrades Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Alcino Bahia e Victor de Sá, que na photographia apparecem em companhia do artista brasileiro.

Olga Praguer, a festejada artista brasileira, por occasião de seu lindo recital de canções ao violão, sabbado ultimo realizado no theatro Casino, e que constituiu um brilhante acontecimento artistico e mundano.

ALBUM DE PORTO ALEGRE

Editado pelo sr. Pedro Carvalho, acaba de apparecer, em elegante brochura, o Album de Porto Alegre, cujas paginas focalizam os mais bellos aspectos da linda e florescente capital gaúcha, com os seus recantos pittorescos, os seus edificios modernos, as suas avenidas bem calçadas, os seus jardins, etc.

O «team» FON-FON que venceu o torneio interno de Basket-Ball no Grêmio 11 de Junho, e que estava assim constituido: capitão, Alvinho; jogadores, Nelson, Marcos, Ayrton e Jayme. Vê-se tambem na photographia a formosa madrinha desse conjuncto sportivo.

——):(——

Na modelar instituição de ensino, que é o Collegio Baptista, foi brilhantemente commemorada a data do primeiro anniversario da Nova Republica, com magnifica festa sportiva, dedicada aos ex-alumnos daquelle conceituado educandario. Nas photographias que estampamos vêem-se as familias do director do Collegio, dr. H. H. Muirhead, e do secretario, dr. Mario Peçanha de Oliveira, além dos «teams» que disputaram as partidas de Volley-Ball e Basket-Ball.

Director de producção: Guenther Stapenhorst

Director de scena: Gustav Ucicky

SANS - SOUCI

FILM DA UFATON

Interpretes:

Otto Gebuehr
Renate Mueller
Hans Rehmann
W. Janssen
Raoul Aslan

ESTAMOS em 1756, em pleno coração da Europa dourada e bellicosa! Brilhante baile de mascaras augmenta o esplendor do faustoso palacio do conde Bruehl, primeiro ministro do rei da Saxonia, em Dresden. Damas formosissimas, fidalgos opulentos, cobertos com os mais ricos velludos e os mais esplendidos brocardos, cruzam o immenso salão... Uma orchestra impeccavel e dolente executa um minueto... Por toda a parte espouca o riso; a alegria invade todos os corações... No entretanto, para um observador mais attento, todo esse bom humor é apparente, apenas esconde certa inquietação, que se descobre no fundo dos olhos de cada um. De resto, o amphytrião acaba de deixar o salão illuminado e perfumado, fechando-se em seu gabinete de trabalho para discutir assumpto da mais alta gravidade com os embaixadores da Austria, Russia e França. Os conviciados trocam olhares de intelligencia; pelos corredores do palacio grupos confabulam... Isso bem ouviu o embaixador da Prússia, apparentemente indifferente, porém fino diplomata e observador mais fino ainda.

Tramava-se um grande golpe na Europa. Por duas vezes Maria Theresa, a bella Imperatriz da Austria, perdera sua grande e fértil provincia da Silesia... Agora, as tres soberanas, Maria Theresa, Elisabeth da Rússia e a marqueza de Pompadour, senhora absoluta do coração e do cérebro do rei da França, Luiz XV, derrubara definitivamente o prestigio do rei-soldado, o inimigo das mulheres, o excêntrico habitante de Sans-Souci! As tres soberanas detestam o solitário de Potsdam e assim o traiçoeiro tratado já está prompto... Agora esperam um pretexto para assaltar a Prússia... E esse papel fòi entregue á visinha Saxonia... O plano é hábil e está destinado a completo êxito, pois Frederico da Prússia tudo ignora e em Potesdam, risonho e bom, distrae-se com sua famosa flauta!

Essa tranquilidade do rei é justificada, pois se cercáxa de servidores capazes e fieis... Assim, por

O valente major Lindeneck sabia tambem divertir-se.

A esposa ciumenta vingava-se do marido.

Os divertimentos da côrte do grande Frederico.

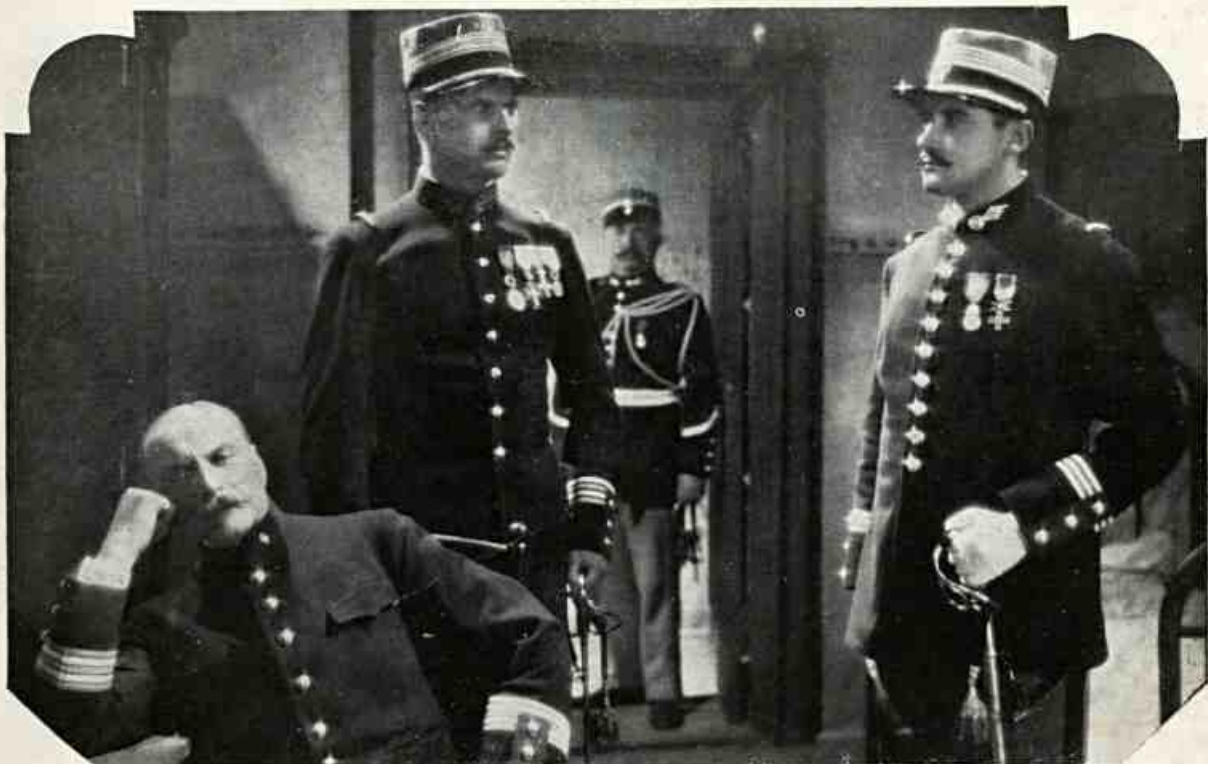
exemplo, é o embaixador da Prússia na Saxonia... Sempre risonho, attencioso com as damas, agira entretanto e, passados quinze minutos, já elle tem em mão uma copia do famoso tratado e meia hora mais tarde, um "correio montado" está a caminho da fronteira prussiana, disfarçado em humilde musico ambulante, que transporta no arção da sella algumas partituras... Rapido como um relampago, corre de uma aldeia a outra, "parando" somente alguns segundos, para trocar de cavallo. Em menos de oito horas o emissário do embaixador, extenuado e coberto de poeira, porém risonho e orgulhoso, está na presença do rei, no castello de Sans-souci.

Frederico, o Grande, mostra-se satisfeito, pois sabe que, no exercito prussiano, talvez não exista outro militar tão correcto como o major Lindeneck. O rei leu o documento e logo comprehendendo o grave risco que corre a sua patria, immediatamente dá ordens sensatas para a defesa do paiz. Os generaes reunidos recebem ordens para uma urgente mobilização... E' a guerra que se approxima, mais uma vez, e que, mais uma vez, fortalecerá o prestigio da Prússia! Lindeneck terá de voltar para Dresden, immediatamente, sem um minuto para repousar! Somente um homem da sua tempera será capaz de tamanho esforço! E o garboso major, deixando em casa sua joven e linda esposa, obedecendo á ordem real, apressadamente percorre o mesmo caminho em direcção contraria.

Entretanto, Blanche, sua esposa, está despeitada com o procedimento do marido, que, após tão longa ausência, apenas lhe dera um beijo... Ella vê no procedimento do major um grande desprezo pela sua belleza e, irritada, resolve vingar-se... Irá procurar outros homens que saibam melhor apreciar seus multiplos encantos, preferindo a sua companhia ás aventurosas correrias pelas estradas... Não contava, porém, com o espirito sensato do rei! Frederico, informado de que a esposa do seu servidor está prestes a faltar com os seus deveres, log. providencia, com a mesma rapidez como se fosse um novo problema patrio a resolver... E, assim, quando Blanche sae e toma um carro para procurar divertimentos, não presente que o cocheiro, que recebera ordens especiaes, a leva para outra direcção... Entretanto, avisado por uma carta indiscreta de que sua esposa adorada o trahia, Lindeneck, embora exhausto com a segunda incumbência, logo acceita uma terceira ordem e é com alegria que novamente se offerece para trazer a Potsdam novas informações do embaixador.

Surge, porém, uma contrariedade... Desta vez não poderá ser elle, novamente, o emissário, pois a embaixada prussiana está estreitamente vigiada e todas as estações da fronteira receberam ordem para a captura do "musico-cavalleiro". Por essa razão, o embaixador da Prússia resolve mandar, desta vez, um simples correio militar. Porem Lindeneck não se resigna! Elle, o disciplinado militar, revolta-se contra essa decisão... Atormentado pelo ciúme, desafia todos os riscos, persegue o "correio", arrebata-lhe o despacho e, sempre perseguido pelos guardas saxões, consegue atravessar a fronteira... Novamente empoeirado, cambaleando de cansaço, physionomia angustiosa, eil-o que se apresenta deante do seu rei, esforçando-se por se manter de pé e em posição irreprehensivel... Frederico, o Grande, recebe o despacho e detem-se, antes de abril-o, admirando aquelle formidável soldado... De-

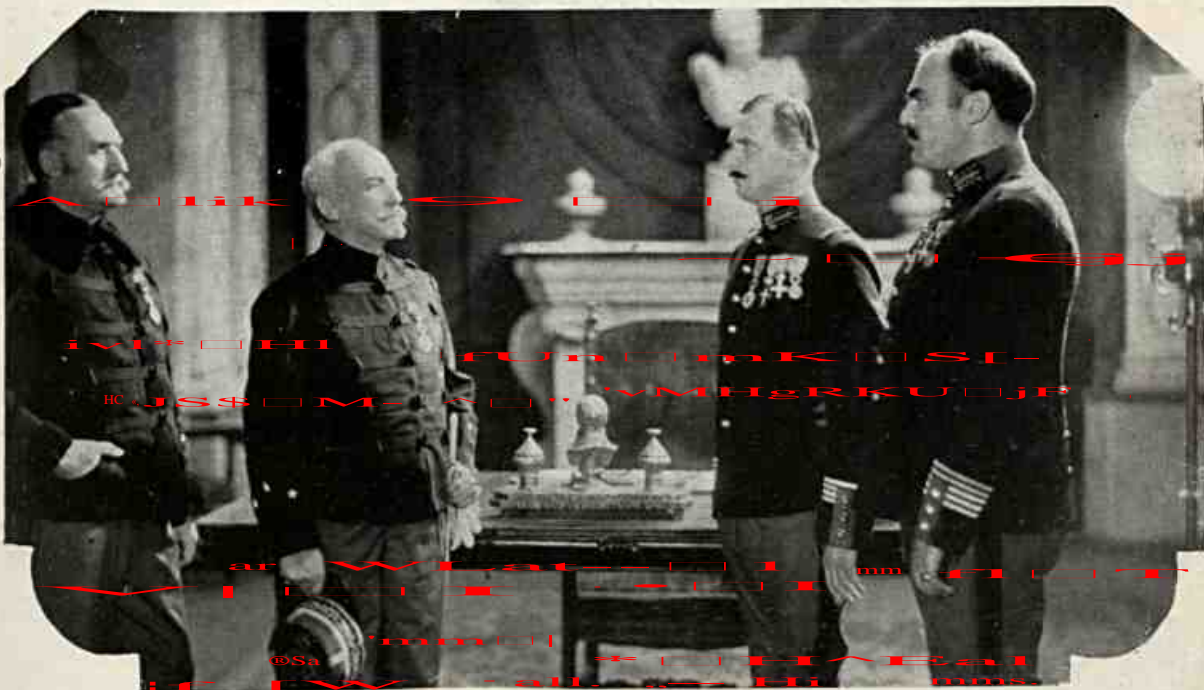
Militar e diplomata, o general Polnitz era mestre nos dois officios.

(Conclue na pag. 60)

O coronel Picquart foi recolhido á prisão.

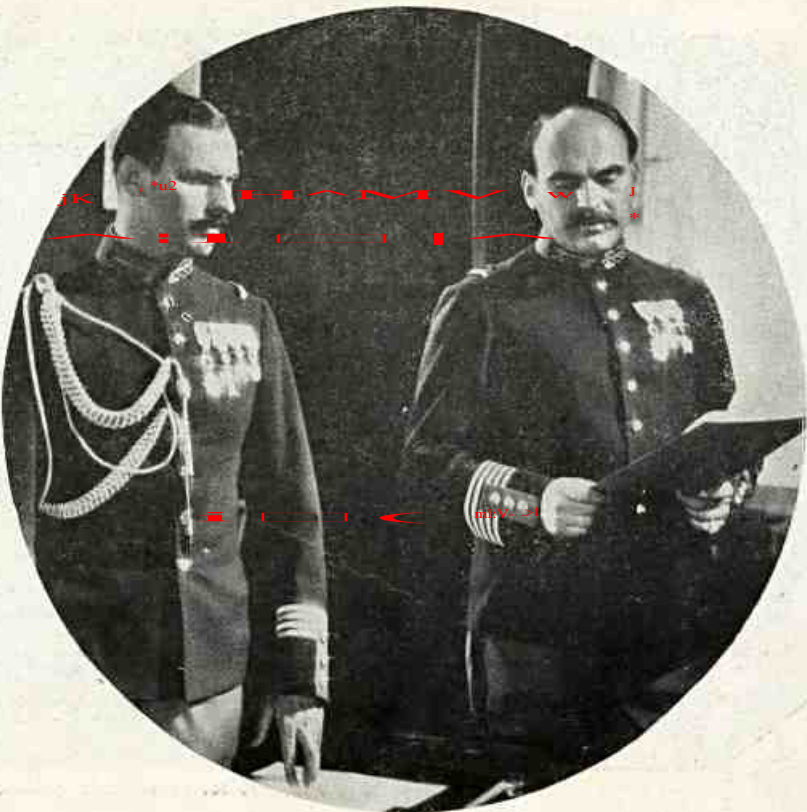
DREYFUS

Producção da SUDFILM

Fritz Kortner
Grete Mosheim
Erwin Kaiser
Heinrich George

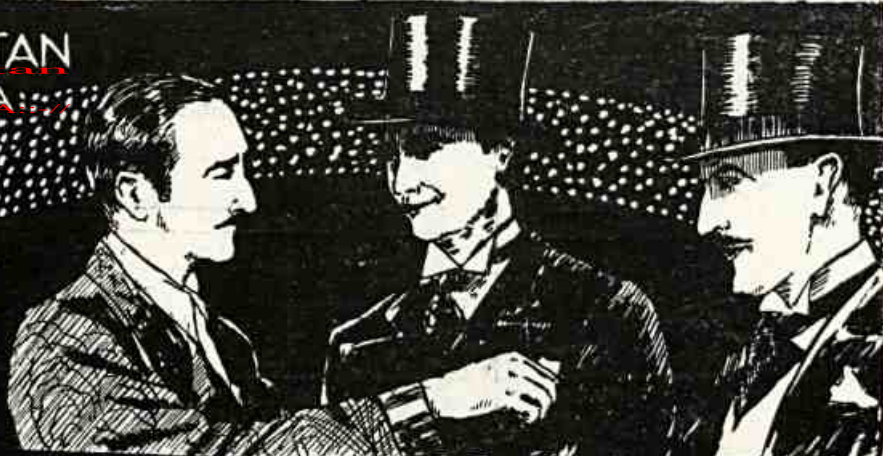
ESTAMOS em 1894. O capitão Alfredo Dreyfus, do Estado Maior Francez, estava em sua casa, esse lar que elle adorava, cercado da esposa que elle amava e dos dois filhinhos. Trazem-lhe uma ordem: — "Apresentar-se no Estado Maior, a paizana". Elle foi, encontrando o capitão Paty du Clam, em companhia do Chefe de Policia e de um Inspector. O seu collega lhe pede para escrever uma carta para elle, que tem a mão machucada. Dita qualquer coisa sobre um modelo de canhão... Pergunta porque elle treme... e logo após, arrancando da mesa aquelle escripto, e collocando a mão sobre os hombros de Dreyfus, exclama: — "Capitão Dreyfus, está preso em nome do Ministro da Guerra!" Pasmo, o capitão vê se acercarem o Chefe de Policia e o

O major Henry e o capitão Paty du Clan são encarregados duma missão secreta.

inspector, que lhe passam uma revista, apesar dos seus protestos. Que occorria? Elle jurava que não sabia. Acoimavam-n'o de traidor por ter vendido á Allemanha os dispositivos sobre o novo canhão em estudos nos arsenaes francezes.

De facto, havia sido descoberto que alguem vendêra esse documento á nação vizinha. Quem? O major Henry fôra incumbido das pesquizas. Na cesta de papeis da embaixada allemã foram encontrados pedaços de uma outra carta com outras informações, e um espião levára esses pedaços ao major Henry, que os reconstituira. Tinham a letra do traidor, que só poderia pertencer ao Estado Maior. Procuraram na lista. Havia alli um official judeu... Devia ser elle, tanto mais que, agora, se via que a letra se parecia com a delle. E só por isso Dreyfus foi levado á Côrte Marcial e condemnado á degradação e ao exilio no presidio da Ilha do Inferno. Em vão gritava elle por sua innocencia. A ceremonia de sua degradação foi a coisa mais atróz que se possa imaginar, uma "ceremonia atróz" na phrase do grande Ruy Barbosa. Levado para o pateo da Escola Militar, ao som de tambores que rufam em surdina, lhe foram arrancadas uma a uma as insignias do seu posto e do exercito, emquanto a multidão lhe lançava improperios, respondendo elle com

Henry e Paty são promovidos pela sua triste obra.

grit s de que era innocente. E foi depois enviado para as Antilhas, para o celebre presidio onde se foram passando annos de soffrimento.

Lucie, sua esposa, e Mathieu, seu irmão, porem, convencidos de sua innocencia, tudo fazem para salval-o, e procuram Zola, que se deixa convencer da innocencia daquelle infeliz, convencendo tambem elle o seu grande amigo Clemenceau, que lhe cedeu o seu jornal "L'Aurore", onde Zola lançou o celebre artigo "J'accuse", em que, accusando o ministro da guerra, a Côrte Marcial, os procuradores, generaes, pela condemnação de um innocente, se viu elle proprio levado aos tribunaes para responder ao que julgavam todos um insulto. E, condemnado tambem elle, teve de fugir para a Inglaterra. O bravo coronel Picquart que, nomeado Chefe do Departamento de Intelligencia do Exercito, veiu a descobrir a injustiça da condemnação, baseado apenas em uma "prova secreta", por sua vez foi mandado para a Africa, a commandar um regimento... Mas Lucie, Mathieu e Clemenceau não esmorecem na defesa, e agora accusam o major Esterhazy, como o provavel autor da traição. Este confessa a verdade ao major Henry, que falsifica então uma accusação da embaixada allemã, para que se effectivasse a supposição contra Dreyfus. Mas esse

O capitão Estherhazy confabulava nos «cabarets».

(Conclue na pagina 60)

No mesmo programma um interessante e variado numero do Pathé Jornal onde surge Josephine Backer entoando uma canção regional da selva em que nasceu.

ESQUERDA E DIREITA

Que origem tem a denominação de *esquerda* e *direita* applicada nos parlamentos, nas camaras de deputados?

E' a seguinte: na Assembléa Geral Constituinte reunida, em 1870, na França, seus membros se agrupavam de accôrdo com as suas tendencias e, principios. Os partidarios da revolução collocavam-se á *esquerda* do presidente, e os da monarchia, á *direita*. Assim começaram a ser distinguidos os divorsos partidos politicos e, da França, passou a denominação para todos os parlamentos do mundo.

UM REMEDIO ORIGINAL

Na *vitrine* de uma pharmacia lia-se o seguinte cartaz: ENTRAR OS REMORSOS, *de uma maneira simples e efficaz, tomando o Elixir Viruta que, sendo absolutamente inoffensivo para a saúde, faz perder a memória.*

A GYMNASTICA NA SUECIA

A Suecia faz da gymnastica uma verdadeira religião. Neste paiz não só as creanças como os adultos dedicam grande parte de seu tempo aos exercicios. Até os detentos têem, ahi classes de gymnastica.

Um grande numero de sociedades, autorizadas e auxiliadas pelo governo, preparam professores de gymnastica para as escolas publicas.

A VIDA DO HOMEM

Divide-se em duas épocas, a saber:

1.º) a da esperança, em que o cabello é penteado para traz.

2.º) a do desengano, em que os fios escassos são penteados para a frente.

FOLHAS SOLTAS

O amor não está na natureza do homem: as mulheres é que, com a sua arte, lhes infundiram o seu conhecimento.

* * *

Quando se ama só se póde viver em paz si se está contente de si mesmo e tambem... do outro.

* * *

Os adolescentes envergonham-se de seus desejos; os homens, já maduros, de seu coração...

PAULO GERALDY

SUPERSTIÇÕES AMOROSAS

As moças da Irlanda deitam três grãos de sal no fogo, pronunciando o nome do joven a que amam e rezando um *Padre Nosso*.

Se os grãos saltam, sob a acção do fogo, é signal de que a enamorada casará com aquelle que seu coração elegeu.

Outra: *para encontrar noivo*: beber, em jejum, sete goles de agua no dia de Santo Antonio, dizendo, entre um gole e outro, o nome daquelle com quem se deseja casar.

Convem experimentar...

O banho de mar

LEME... Ipanema... Urca... Boa Viagem... Icarahy... sitios encantadores á beira mar, emoldurados de montanhas, doirados de sol, bafejados pela brisa fresca do Oceano...

Pontos de *rendez-vous* elegantes, onde se conversa, se *flirta*, se faz sport e tambem... se toma banho.

Como aquelle sujeito que dizia que o mais apreciavel nos espectaculos do Lyrico eram os entreactos, há quem aprecie no banho de mar, mais do que tudo, o tempo que se leva na praia, fóra do banho.

Longe vão felizmente os tempos em que os banhistas se apresentavam nas praias como que uniformisados em pesadas roupas de baeta, de uma desconcertante monotonia. Só se tomava banho de mar, dentro dagua.

Hoje a mór parte do banho se toma na praia; e é banho de sol, banho de luz, banho de civilização e até os primeiros preparativos para banhos... de egreja.

A moda multiplicou as toilettes das banhistas, de tal sorte que há, hoje, muito que ver na arte de vestir nesse local em que tão poucos vestidos estão as senhoritas.

Há combinações de côres realmente encantadoras e os feitios dos *maillots* offerecem uma variedade que deleita a vista.

Devemos, entretanto, considerar que o sol das nossas praias sendo assás violento e a agua do mar atacando fortemente o colorido das fazendas é preciso um cuidado especial na escolha das roupas de banho para que ellas não apresentem o aspecto de velhas e rotas.

A roupa de banho exige, por seu proprio destino, tecidos de côres fixas, para que não tirem toda a graça de quem as veste.

Hoje póde-se ter a certeza de adquirir *maillots* e os modernissimos pyjamas de côres solidas, resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens, bastando para isso exigir que sejam de tecidos tintos com Indanthren.

Não comprem tecidos sem verificar se trazem a etiqueta registrada Indanthren, garantia da insuperada fixidez do colorido.

HOMENS DE LETRAS

EU sou um homem de pouca correspondencia affectiva ou literaria. Poucos amigos escriptores. Dois ou tres resumem uma porção de amigos. Amigos poucos querem dizer muitas amizades, amizades que se completam entre si. Distinguem-se. Entendem-se. Aqui, na provincia, por exemplo, eu tenho tido uma infinidade de amigos e não encontro um só quando preciso encontrar um homem de bem.

Quando director de alguns jornalecos de ephemera duração, amparei e distingui nome de muita gente, hoje letrada, que passa por mim na cidade de chapéo embicado, talvez enojado da minha pequenez provinciana.

Quando redactor do "Jornal do Recife", retirei muitas vezes, das paginas de arte, trabalhos meus para dar guarida a tentativas vacillantes de rebentos literarios da flora fecundissima do Norte.

Foram-se os dias. A vida utilitaria exigiu a minha retirada da imprensa, sem que eu perdesse, porém, o estimulo das letras e deixasse de sonhar. O jornalista na provincia é peor do que um pobre de ponte, porque precisa aguentar com o 1/2 luxo do traje para entrar sorrindo nos cinemas e nunca dizer a pessôa alguma que está com fome.

Não deixei de sonhar, porque o sonho é o ouro dos vencidos, já disse um doido de genio.

E emquanto outros se dirigem à metropole, eu permaneço aqui, incapacitado pela familia de largar, em vôo largo, até a capital do paiz.

E por aqui fiquei. A vida na provincia é esta insipidez dos cafesinhos baratos, cinemas sem grandes attracções e festas sociaes sem elementos seleccionados. As nossas festas publicas são as mesmas. Os homens os mesmos. A literatura estacionada, sem um vulto eminentemente representativo.

Os amigos literarios que para o Rio seguiram, foram com a minha recommendação para não esquecer o Norte, o velho berço de onde se ergueram, nos primeiros remigios scintillantes.

Todos esqueceram a promessa. Apenas um, a quem nada pedi, nada recommendei não esqueceu nem esquece a sua terra e a sua gente, lembrando-os sempre com saudade e as palavras enternecidas dos bons filhos que se ausentam do berço.

Bastos Portella é o moço de quem falo. Natural de Pernambuco, vive no Rio ha muitos annos, emprestando a sua actividade na imprensa diaria e periodica.

Por aqui viveu tambem sozinho, estranho e desilludido como eu, podendo melhor dizer, com a scintillancia do seu espirito, o que é lido por aqui nos arraiaes da vida pensadora.

Na capital, a sua atuação tem sido das mais brilhantes. Redactor de "Fon-Fon", — o bello magazine — com o romantico pseudonymo de Yves, tem vindo saneando essa literatura aberrativa e caracteristica da agitação por que nos ultimos annos tem passado a alma aventurosa da mocidade sonhadora.

O seu trabalho tem sido herculeo, bem no sei. A critica incisiva mas despretenciosa e leve, cheia de verve e ironias encantadoras, tem levado ao poeta uma infinidade de sympathia, que bem justifica o quanto lhe queremos.

As palavras que elle diz attendem a um principio de honestidade na arte. Sabe ser sincero e justiceiro. E jamais desamparou o verdadeiro talento, que, batendo as suas portas, sempre responde, de dentro do seu templo: "Póde entrar! Aqui ha um coração acolhedor e um espirito jus-

DE MINHA TERRA

ticeiro. O templo não está vazio de affectos."

De todos os Estados, e especialmente de Pernambuco, as producções literarias são em numero capaz de desnortear qualquer escriptor bem intencionado. Acolhedor, sincero e justo, elle, sem ferir, sem magoar, tem vindo, sobranceiramente, completamente alheio ao supposto desprestigio que formam em torno do seu talento, das suas requintadas qualidades de poeta e escriptor.

Não importa. O seu caminho de irradiações intensas continúa cada vez mais luminoso. A sua sensibilidade tem uma agudeza e uma refulgencia innatas. O seu caracter — porque ha caracter nos poetas — é cada vez mais nobre e distincto.

Para os que o atacam, injustamente, elle é piedoso e perdôa; para os que o elogiam, elle é, tambem, piedoso e perdôa. Perdôa porque não precisa de elogios. E eu não os faço agora precisamente. Entre mim e o poeta, a amizade não comporta elogios laudatarios e sim verdades. Sou um dos raros e esquisitos cidadãos que vivem sem precisar de elogios. O que digo tem razão de ser.

E eu não posso estragar a minha sensibilidade com enthusiasmos que não sejam sinceros, — é preciso que todos saibam disto.

A poesia de Bastos Portella é toda intima, denunciadora de seus insuccessos amorosos, de suas veleidades romanticas. Cheia de mulheres bonitas, impressões vivas do proprio meio em que vive, sonha e luta.

E' poesia cheia de noites musicaes, de violões em queixume, saudades do que ainda não veiu e do que já veiu e foi embora.

Tem vestidos de sêda. Amores insatisfeitos. Beijos perdidos. Mulheres que passaram. Outras que vieram e estão de viagem. Sóes, perfume, musicalidade. Emfim, o sonho côr de rosa da vida suavemente vivido por uma sensibilidade enternecida, delicada.

A prosa é cheia de ductilidades encantadoras. Mordacidades envolvidas em mel do Hymeto. Ironias pujantes, que ferem e deixam o martyr a sorrir do golpe recebido.

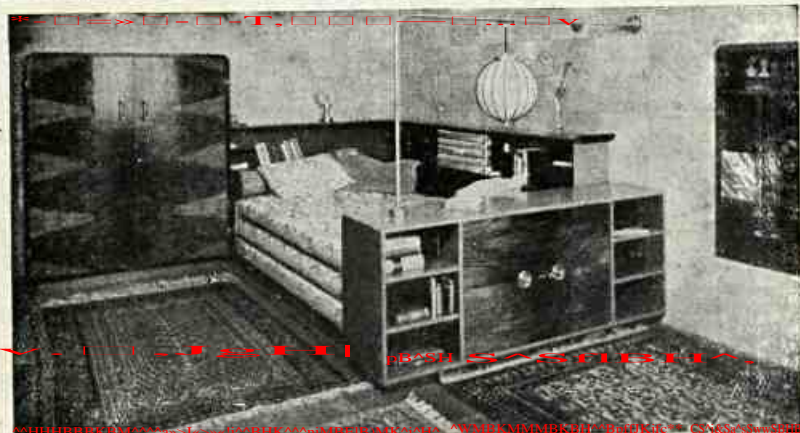
Elle tem recebido criticas pessoaes, espontaneas. Isto é da vida. Que ha na vida, no mundo, que não mereça critica, e a mais acerba?

E os intellectuaes, então, da envergadura de um Bastos Portella têm sempre a felicidade de arranjar aqui e ali uma porção de propagadores do seu nome e do seu talento, criticando-o impiedosamente. Felizardo! Dessas creaturas dedicadas não encontro eu.

Eu j a m a i s traçaria um verso, uma chronica, um artigo firmado nos recursos dos meus modestos conhecimento generalizados si o meu sapateiro, o homem do leite, do pão, não m'os ridicularizassem no outro dia, a discutir commigo assumpto por assumpto.

E' encantador. E melhor seria si fosse ahi um bicharoco com fumaça de letrado.

Dahi vem o Yves, jovial, na sua mordacidade subtil, elegante na phrase, conciso na expressão; a imagem facil e claramente interpretativa da sua intenção generosa; estylo fluente; vocabulario erudito; sinceramente ruidoso quando a justiça ao talento o convida a dizer do talento e da intelligencia o que elles têm de eloquente e duradouro.

E' o homem de quem falo. O moço pernambucano a quem quero de coração sem favores e sem nada: o bohemio illustre das lendarias terras do norte, cheias de estrellas, de luares, de violões em queixumes, tão simples, fluentes e naturaes com a sua alma encantadoramente romantica...

ESDRAS FARIAS

O "JAZZ-BAND" — As orchestras de negros, segundo acaba de ser provado, não são nenhuma novidade neste velho mundo. Pelo contrario: são conhecidas ha muito tempo.

O escriptor inglez Wyndham Lewis affirma que as velhas arias francezas, dos seculos XVII e XVIII, constituem a basse da nova musica "syncopada", ruidosa e trepidante que, actualmente, se transmitte pelo radio. Os negros das colonias francezas adaptaram as melodias da sua patria aos tons gritantes da sua musica rudimentar.

PEDRAS MUSICAES — A uns 70 kilometros de Philadelphia (Estados Unidos), e não longe do logar chamado Pottatown, ha um grande montão de pedras, umas meio enterradas e outras á flor da terra, as quaes offerecem a rara particularidade de ser musicaes.

Apresentam, ás vezes, a superficie rugosa, e, de outras, lisa. Sua côr escura assemelha-se á do ferro e quando se lhes bate com qualquer objecto, especialmente se é um martelo de metal, sôam como se fossem sinos. O mesmo se nota ao andar-se sobre ellas, embora com menos intensidade.

De tão raras circumstancias aproveitou-se um musico um musico da localidade para fazer, através de varios ensaios, uma especie de "xilofono" natural, composto de certo numero de pedras que emittem notas musicaes differentes.

A FABULA DO GYRASOL — Segundo um botanico norte-americano, o gyrasol é um magnifico embusteiro, que tem enganado já a seis paizes.

Nessas nações acredita-se, a olhos fechados, que o gyrasol está sempre a fitar o astro rei e dahi o facto da referida planta se chame em Portugal e na Hespanha com aquelle nome; na França, *tourne sol*; na Hungria, *napraforgo*, na Italia, *girasole*, e na Inglaterra e America do Norte, *sunflower*. Uns e outros nomes significam a "planta que fita o sol, ou que dá voltas em derredor do mesmo", ou "flor do sol", na denominação ingleza.

No emtanto, de accordo com o que assegura o referido botanico, o gyrasol não gyra nunca acompanhando o movimento do grande luminar do universo. Em compensação, ha no reino vegetal uma planta enamorada do sol e que o contempla constantemente, sempre de frente: é a euphorbio, em que ninguem repara...

O NAUFRAGO

COMO o vapor que o conduzia ás Antilhas houvesse naufragado, Eric Starvey se viu em meio do oceano, bem incommodamente sentado sobre uns restos do navio.

Seu primeiro impulso foi pedir soccorro. Mas, a quem?

Como não tinha á sua disposição nenhum apparelho de telegraphia sem fios, lhe era manifestamente impossivel lançar pelo mundo inteiro a noticia de sua situação difficultosa, para que de toda parte fossem ao seu encontro embarcações de soccorro. Era inutil agitar no ar seu lenço, para que o salvasse algum desses vapores que parecem encontrar-se sempre opportunos perto dos logares onde occorrem as catástrophes maritimas. Nenhum vapor desenhava na distancia a sua silhueta tranquillizadora. Além disso, se dava a circumstancia de que Eric não tinha um lenço, por ter esquecido o seu na precipitação de sua sahida do vapor.

Em outra omissão, igualmente grave, havia incorrido: a de não ter levado comsigo viveres para esperar com calma as consequencias do desastre.

Qualquer pessôa pode conceber o horror de semelhante situação.

Mas, o que poderia alarmar o coração de outro naufrago, não conseguiu abater a indomavel energia de Eric Starvey.

Desde logo, comprehendeu que sua salvação dependia, unicamente das resoluções supremas.

Em primeiro logar, o essencial era alimentar-se.

Mas, por uma fatalidade do destino, elle não se lembrára tambem de apanhar no vapor nem um misero caniço de pescar.

Em tal conjunctura, restava aos naufragos do "Medusa" o recurso de se devorarem uns aos outros. Mas o pobre Starvey se encontrava só.

De maneira que só havia, para elle, o remedio de devorar-se a si proprio.

A esse pensamento, porém, tremeu dos pés á cabeça, com uma sensação de mal estar irrefreavel.

Mas as circumstancias se impunha.

Tinha que comer ou morrer de inanição.

Morrer, não!... Antes comer!

E resolveu cortar um dedo do pé, com o qual entreteve o appetite por espaço de tres dias.

No fim delles o terrivel sacrificio de proseguir a carnificina se impoz de uma fórma angustiante, e, desse modo, Eric continuou cortando os seus dedos restantes.

Na immensa extensão do mar não se erguia nem uma vela, não brilhava nem uma lampada electrica. Apenas as baleias os tubarões os caramões, os caranguejos e outros bichos marinhos se agitavam perpetuamente inquietos, para produzir o movimento das ondas, como os comparsas das comedias de grande apparato se movem sob a tela pintada que substitúe o mar bravio.

Starvey teve que amputar um pé. Depois repetiu a operação com o outro...

E, naquelle instante, se deu um phenomeno prodigioso.

Starvey, que a principio ingerira com repugnancia e profundas náuseas os manjares de seu corpo, insufficientemente preparados, foi, pouco a pouco, tomando gosto por elles... E considerou que poderiam figurar na mesa de Lúculo.

Excitado o appetite pelos esquisitos pedaços de carne humana, se apressou a fincar o dente nos que lhe restavam do corpo, comprazendo-se em saborear os bons bocados.

Tão grande era seu deleite, que nem siquer procurava mais sondar o horizonte, para ver si passava algum vapor que lhe offerecesse o seu concurso para salvar o que restasse.

O commandante de um navio francez, que navegava por aquelle trecho de mar, notou, ou antes, adivinhou a presença do naufrago, e correu em seu soccorro. O lobo do mar gritou-lhe:

— Olá! cavalheiro!

Como o naufrago guardasse silencio, o commandante insistiu:

— Olá! Cavalheiro!

Mas Starvey continuou calado, sem se dignar dar uma resposta.

E' que elle estava muito occupado a devorar a propria bocca, ultimo pedaço do corpo que ainda lhe restava...

DE GABRIEL TIMORY

O ANEL PERDIDO

AO chegar em sua casa, offegante, nervoso, o senhor Acquaforte se atirou em uma poltrona ampla, para repousar das fadigas da longa viagem do centro. Com as duas mãos apoiadas nos braços da cadeira, Acquaforte deixou que sua mulher percebesse faltar-lhe o anel com um brilhante, presente de sua finada avó, e que elle nunca tirava do dedo.

— Onésimo, que é do teu anel?

O senhor Acquaforte cravou os olhos nos cinco dedos de sua mão esquerda, e lançou um gemido de espanto, tornando-se, repentinamente, pállido.

— Perdi-o! — murmurou, por fim. — Perdi-o!

— Mas, que diabo — recriminou-lhe a mulher. — como pudeste perdêl-o?

— Que pergunta! Como pude perdêl-o? Ora, perdendo-o... E agora?

— Agora, põe um investigador no seu encalço! E's positivamente, um homem digno de lástima! Eu já estranhava muito que, depois de usál-o durante trinta annos, não o perdesses.

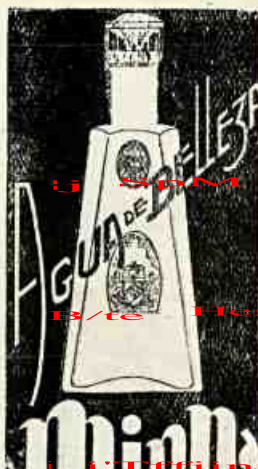
— Queres fazer-me o favor de não insultar-me, Hemeteria?

— Si não estou te insultando... Apenas te digo as coisas com toda clareza. E's, mesmo, um desleixado. Perdes tudo: os oculos, o dinheiro, o guarda-chuva... Uma vez quasi perdias o pé e te despenhavas em um precipicio.

— Antes o tivesse perdido... Assim não estaria, agora, ouvindo os teus insultos...

— E agora que pensas fazer?

— Irei procurál-o.

— Sim. Com uma lanterna... Não digas tolices!

De José M. Braña

— Tenho uma idéa. Porei um annuncio nos jornaes, offerecendo uma gratificação a quem houver encontrado o anel e mo devolver. Direi que não desejo que o mesmo me seja restituido pelo seu valor — que é preciso não lhe dar valor para que o devolvem — e sim porque se trata de uma recordação de familia.

— E assim virão devolver-te o anel, não é verdade?

— E por que não?

Onésimo redigiu um annuncio, e foi elle em pessôa ao "Jornal do Brasil", para que o publicassem na secção: "Achados e perdidos" da edição do dia seguinte.

Quando, depois de cumprir sua missão, o senhor Acquaforte regressou a sua residencia, sua mulher lhe poz deante dos olhos o anel com um brilhante, recordação de familia.

— Não digo que és um bobalhão? Aqui tens o anel!

— Meu anel! Onde o encontraste?

— No lavatorio, sobre a prateleira.

O senhor Acquaforte deu uma palmada na testa.

— Como sou descuidado! Pois é verdade: esta tarde, quando fui lavar o rosto, tirei-o do dedo e me esqueci, depois, de collocál-o de novo. E menos mal, porque, si o houvesse perdido na rua, não mo teriam devolvido... Que pena ter gasto seis mil réis no annuncio. Com esse dinheiro bem poderiamos comprar uma gallinha *allo spiedo* e uma garrafa de Pinot.

No dia seguinte, quando o casal Acquaforte tomava o café matinal, se apresentou a criada na sala de jantar, para dizer:

— Senhor Onésimo, na sala o esperam varias pessôas, que vieram devolver os anneis que o senhor perdeu hontem...

REFRACTARIA — A patrôa — A ultima empregada que tive era muito chegada aos soldados de policia.

A nova empregada — Não se preoccupe a senhora com isto. Meu pae é anarchista...

A DÔR DE SER BONITA

— BONITA e pobre! Tenho pena de ti, minha filhinha.

Ao ouvir esta phrase dos labios daquella mulherona desconhecida e antipathica que passára por ella no caminho, Mary Rodrigues se surprehendeu. Que lhe teria querido dizer a tal mulher, que ella não o comprehendia? Porque, verdadeiramente, não comprehendia. Mary como podia merecer compaixão por ser bonita e ser pobre, quando, na realidade, para as mulheres pobres a formosura é uma compensação da pobreza.

— Si eu fosse pobre e feia, ainda se comprehendia que tivesse pena de mim, porque, nesse caso, eu seria duplamente infeliz. Mas si sou pobre e sou formosa, por que ha de ter pena de mim?

Mary não sentia escrúpulos em proclamar-se bonita.

— Si o sou — continuava pensar — e sei, além disso, que o sou, por que hei de o calar? Si não o fosse, e, como tantas, fizesse alarde de o ser, então, sim, cahiria no ridiculo! Mas, eis que me surge uma duvida! Que sou formosa, essa mulher o viu como o vêem quantos pousam seus olhos em mim. Mas, que sou pobre, como o adivinhou?

Ao passar á frente de uma vitrine em cujo fundo havia um grande espelho, ella se deteve a contemplar-se. O espelho, que não mente, embora algumas vezes, devido á sua má qualidade, não reflicta nitidamente, as figuras e os objectos — o espelho lhe revelou o grande segredo. Seu vestido muito simples destoava de sua belleza. Assim, formosa como era, devia vestir-se com um luxo que, si não fizesse realçarem mais os seus encantos, pelo menos lhes servisse de digna moldura.

— Que terá querido dizer-me essa mulher? — repetiu comsigo Mary, uma e outra vez, com essa ingenuidade um tanto arbitraria que affectava sua formosura. — Que terá ella querido dizer-me?

Nessa noite, Mary não dormia com a tranquillidade de sempre. Algo que não sabia o que era a inquietava. Mas, afinal, esse algo mysterioso se tornou bem claro em seu espirito. Era a phrase malfadada da mulherona desconhecida.

— Bonita e pobre! Tenho pena de ti, filhinha!

Por fim, depois de muito pensar, julgou dar com a significação da inquietante phrase. Eis aqui, em synthese, o resultado a que chegou depois de longa reflexão. O facto de ser formosa sendo pobre, embora pudesse envaidecel-a, não lhe traria a ventura de ser, um dia, pretendida e desposada por um homem gentil, de uma classe superior. As conveniencias sociaes o impedem, o repudiam. Talvez o condemnem. Ella, com toda a sua belleza, só podia aspirar ser a esposa de um homem de sua classe. E sendo assim, que necesisdade tinha de ser bonita, e, sobretudo, de que lhe servia sua belleza?

No correr de suas reflexões, chegou a esta outra nova, mas não menos triste conclusão: sua belleza só lhe causaria prejuizo. E recordou, então, quantas vezes ella lhe havia servido, na rua, de motivo de inquietude e de vergonha. Os homens — em sua quasi totalidade grosseiros e máos — ao passar perto della, costumavam dizer-lhe a meia vóz phrases ásperas, indelicadas, fortes, capazes de fazer corar até uma estatua de granito. Todos os homens a desejavam. Todos fariam mil e uma loucuras para obter seu consentimento mas nenhum parecia sentir-se capaz de commetter a sublime loucura de leval-a ao altar.

E assim, emquanto ella, por ser formosa, estava condemnada a ser ferida em seu amor proprio e em sua dignidade, as outras, as feias, com uma fealdade que as fazia chorar deante do espelho revelador, eram mais, muitissimo mais felizes. Sua falta de encantos sellava os labios dos homens, e isso que se podia considerar um desprezo, era, no emtanto, um grande respeito. Pelo menos, o coração das feias não é torturado nunca pelo insulto impiedoso e soez.

*

DIZER que Mary estava condemnada a não ter noivo, fôra dizer uma tolice. Mary podia ter quantos noivos desejasse, mas evitou bem apaixonar-se do primeiro que lhe disse um galanteio, e do segundo, e do terceiro. Mas, afinal, encontrou um que pareceu despertar em seu coração um sentimento novo, desconhecido, formoso. Este era quasi um menino, mas era de sua classe. Chamava-se Eladio Gramejo.

De José M. Braña

Quando Eladio se viu correspondido em seus amores por tão linda joven, se sentiu, e com grande razão, o mais feliz dos mortaes. Podia, com effeito, envaidecer-se de sua sorte, quando mais não fosse, pela inveja que teriam os outros ao vêl-o em tão desejada companhia. Mas, do que realmente Eladio se sentia orgulhoso era de ser amado por aquella mulher tão formosa, convencido como estava de que essas mulheres extraordinarias são reservadas a outros homens, si não mais dignos, pelo menos mais venturosos.

Embora Mary procuasse dedicar-se inteiramente aquelle carinho tão unico para ella, nem por isso deixou de sentir-se tão insultada como sempre por todos os homens que encontrava na rua.

Era desejada como mulher, mas não inspirava amor. Via-o tão claramente! Por isso, lhe parecia estranho que Eladio Gramejo houvesse chegado a se apaixonar por ella tão seriamente, e, sobretudo, que não tivesse outro pensamento além do de tornál-a, um dia, sua esposa, fazendo-a rainha absoluta de seu lar humilde.

Mary sentia tanta satisfação de ser amada assim, sem desejos subalternos, que até chegou a se esquecer de que era bonita e deixou de ouvir, como si, de repente houvesse ficado surda, as phrases que os homens continuavam derramando em seus ouvidos. Mas, uma tarde, a Fatalidade, ou o Acaso, não sabia, poz de novo em seu caminho a mulherona desconhecida e anthipatica que lhe espetára aquella phrase cruel:

"Pobre e bonita! Tenho pena de ti, filhinha!"

Dessa vez, a mulherona, interceptando-lhe o passo, lhe sorriu, enigmatica, e lhe disse, não menos sentenciosamente:

— Filhinha! Si eu fosse tão linda como tu, andaria melhor vestida!

E novamente Mary sentiu em seu coração um irresistivel impulso de fazer sentir aquella insolente todo o seu odio e o seu desprezo. Mas não se atreveu a fazêl-o. E continuou seu caminho, angustiada e medrosa, porque aquella mulher tinha, para ella, algo que não podia precisar claramente, mas que lhe infundia um grande terror.

No emtanto, todos os seus máos pensamentos e todas as suas vacillações, Eladio Gramejo os dissipava com suas palavras doces de terno apaixonado.

— Eu te quero, Mary, e te farei a mais feliz das mulheres. Juro-te pela gloria de minha mãe!

*

UM dia, quando menos o esperava, em vez da visita sempre grata de Eladio, Mary recebeu uma carta sua. Carta breve, cortante, inesperada. Dizia:

"Mary: eu te amei loucamente, quasi mais do que a minha mãe. E ainda te amo. Mas a Fatalidade se atravessou no meu caminho, e eu devo renunciar ao teu amor. Um abysmo nos separa. Um perigo muito grande nos ameaça. Esse abysmo e esse perigo são tua formosura incomparavel. E's muito bonita, Mary, para que eu me case comtigo. Serás bôa toda a vida, poderás fazer-me muito feliz, mas... E's muito bonita, repito, para unir-te a um homem sem fortuna! Serás eternamente assediada por quantos se sintam attrahidos por teus encantos — que serão todos os que cheguem a ver-te apenas uma vez — e tu, um dia aziago, cansada da pobre vida a que eu te haja condemnado..."

Si não fosse tão covarde, Mary talvez houvesse arranhado o rosto para despojal-o daquella sua belleza tão fatal. Atirando-se de bruços sobre o leito, se poz a chorar desconsoladamente. E chorou muito, muito... Afinal, cansada, adormeceu. Em sonhos, reappareceu-lhe a mulherona desconhecida e anthipatica, que lhe disse envolvente e dominadora:

— Queres acompanhar-me, filhinha? Eu farei tua felicidade.

E em sonhos tambem, Mary se deixou guiar pela desconhecida. Quando se despertou, se horrorizou do abysmo sem fundo a que havia cahido em seu mal sonho... Do abysmo sem fundo que a esperava, lá adeante, para tragar sua vida, só porque ella era muito bonita...

*

LEIAM

os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

A COZINHEIRA DO PINTOR. — Posso levar as verduras patrão?... São quasi sete horas, a comida está por fazer... e os convidados acabam chegando...

Esquecer...

ERA uma vez... E assim começam todas as historias e... esta historia assim começa. Era uma vez... em uma cidade pequenina, lá bem distante, ao lado do Tietê caudaloso, encachoeirado, medonho.

Linda na sua simplicidade, com aquella pintura branca, com a torre branca e alta, com seu campanario de bronze, lá bem no centro da praça principal, a igrejinha da localidade... a pequenina igreja, templo da oração, do amor, do respeito, era bem a expressão da piedade, da devoção dos moradores, penhor seguro da amizade sincera.

E, na tarde bella de sol, daquelle maio florido, a branca igrejinha, com sua torre muito branca e muito alta, acolhia o joven par. A noiva, o noivo e toda a legião dos convidados. E, quando o bom parocho, já velhinho, tremulo, unia aquellas almas, elle, o amigo e padrinho, contemplou pela vez primeira os olhos da mulher que lhe falou ao coração joven; os olhos puros, grandes, da encantadora "demoiselle d'honneur". Um sorriso, um quasi nada, para elle um grande muito e, por toda aquella noite festiva, entre luzes e flores, sorrisos e musica, no salão deslumbrante, elle, o coração amante, acompanhou-a. E ella? A flôr mimosa daquelle maio em festas, a borboleta feliz, sorria e cedia. Um mundo novo surgiu ante os olhos de Armando. Arcilia, promettera-lhe, naquella noite de maio florido, o seu coração todo, todo.

* * *

Dias, semanas, mezes...

Encontros nas manhãs radiosas dos domingos, á sahida do templo religioso, após a missa; palavras rapidas e trocadas a mêdo nas tardes encantadas, nos passeios do jardim; instantes agradaveis no cinema, quando o acaso amigo, representado por uma prima, por uma amiguinha, o permittia; horas felizes nos bailes tão raros...

Dias, semanas, mezes...

* * *

Armando era filho unico do modesto vendeiro da sahida da cidade. Vencendo mil difficuldades, seus paes conseguiram vêl-o preparato-

(*Continúa na pagina seguinte*)

riano e, quando tem começo esta narrativa singela, prestes a ingressar numa faculdade.

Arcilia, com seus dezoitos annos, com sua formosura cantante, era á filha unica do maior fazendeiro das redondezas. Ironia do destino? Acaso?

De um lado, a vida honrada mas pobre. Do outro, a vida tambem honrada, mas a vida da opulencia, do luxo.

E o metal sonante imperou.

Armando partiu para a metropole, levando dos paes nervosos, donos de ouro, muito ouro, um redondo *não*.

Elle, no emtanto, era religioso e todo aquelle que tem uma crença conhece essa luz amiga, — a esperança.

No aperto de mãos de despedida, Arcilia juráralhe fidelidade e elle, no canto do carro, emquanto o comboio rodava, viu aos poucos surgir e avolumar-se, no seu coração, a esperança de que, um dia, ao deixar a faculdade, o seu titulo conseguiria afastar ou transpôr todos os obstaculos. Attingiu a capital gigantesca já alegre, quasi feliz.

* * *

Arcilia ficára. Bem triste é uma despedida; no emtanto, quem fica soffre mais. E' a lei natural. Tudo faz recordar a cada instante o ente amado. E ella ficára, julgando amál-o muito.

* * *

Retornemos. Um outro maio, um maio tambem florido, mas um anno antes do casamento em que Armando amou pela vez primeira.

Matto-Grosso. E' na terra das mattas frondosas, das pastagens soberbas. E' bem adeante da pequena "Tres Lagôas"; é lá ao longe, onde a civilização chegou com a estrada de rodagem e o ford. Uma fazenda enorme, abrangendo leguas, com seu campo verde a perder de vista.

Em viagem de instrucção, uma columna do exercito alli acampára.

E o tenente, com seu uniforme vistoso, com suas vozes de commando, com sua figura sympathica e moça, impressionára agradavelmente a filha do fazendeiro.

Arcilia foi amada.

Um dia, porém, elle partira com seu uniforme vistoso, com sua figura sympathica e moça.

Ella tambem mudára, guardando sempre a lembrança daquelles dias lá no longinquo Matto-Grosso.

* * *

Annos passaram. Armando, terminado seu curso, vencedor na vida, retorna ao seu lar, de onde se ausentára por longos seis annos.

Ironia do destino? Talvez...

Na branca e pequenina igreja, com sua torre alta, muito alta, com seu campanario de bronze, um casamento se realizava. Um joven official e uma joven linda, muito linda. Arcilia.

* * *

Dias, mezes, annos...

O tempo cicatriza todas as dores, dizem...

A. Beltrão Sousa

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon e Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

Sob o ponto de vista criminal — dizia-me Sherlock Holmes — e desde a morte do professor Moriarty, de saudosa memoria, Londres está uma cidade muito sensaborona!

— Com certeza você não achará muitos dos seus patricios que concordem com a sua opinião — respondi-lhe.

— E' verdade, não devo ser egoista — disse elle sorrindo, e afastando da mesa a sua cadeira — a collectividade tem ganho, e ninguem tem perdido com isso, á excepção talvez de alguns pobres reporters cujo ganha-pão desappareceu. Com um criminoso sempre na brecha, os jornaes da manhã teriam sempre assumptos á farta. Muitas vezes, Watson, o mais leve pormenor, o mais insignificante indicio eram o bastante para me provar que este genio do mal estava mettido no caso, assim como o mais leve tremor duma teia de aranha indica que o bicho está lá no meio. Roubos que pareciam sem importancia, ataques sem fito, delictos gratuitos, constituiam para mim, que tinha a chave do segredo, um conjuncto indissoluvel. Para quem estudasse scientificamente o meio criminoso, nenhuma capital da Europa offerecia as vantagens que então possuia Londres, mas agora...

Encolheu os hombros, como se, gracejando, se queixasse de um estado de coisas para que elle tanto tinha contribuido.

Na epoca de que trato, Holmes estava já de volta havia alguns mezes. A seu pedido havia eu passado a minha clientela de Kensington, e viera aposentar-me na sua antiga casa em Baker Street.

Um medico moço, chamado Verner, tinha-a comprado sem regatear pelo mais alto preço que entendi pedir-lhe. Este facto só mais tarde teve a sua explicação, quando eu soube que Verner era um parente afastado de Holmes, e que na verdade fora o meu amigo quem lhe fornecera os meios.

O EMPREITEIRO

(SHERLOCK-HOLMES)

Os primeiros mezes da nossa camaradagem não tinham sido tão pouco abundantes de acontecimentos como elle queria dizer, porque vendo as minhas notas, lembrei-me que tinhamos tido que nos occupar do caso dos papeis do ex-presidente Murillo, e do desastre do vapor dinamarquez *Friesland*, onde nós ambos estivemos em risco de morrer.

O seu feitio frio e altivo não procurava nunca attrahir o applauso publico, e tinha-me recommendado que nunca falasse delle, nem dos seus processos, nem dos seus resultados, prohibição que só agora levantou.

Sherlock Holmes, depois de ter protestado como acima se viu, tinha-se estendido na cadeira, e estava abrindo tranquillamente o seu jornal, quando nos chamou a attenção uma forte campainha, seguida de um rumor surdo, como de murros na porta da entrada. Logo que a abriram, ouviu-se correr no pateo, e passos apressados subirem ruidosamente a escada.

Um instante depois, um rapaz de olhos espantados, pallido, desgrenhado, de feições transtornadas, precipitava-se na saleta. Olhou para ambos nós successivamente, e vendo o nosso espanto comprehendeu que nos devia pedir desculpa da semcerimonia da sua entrada.

— Estou desesperado, sr. Holmes — exclamou elle — não me queira mal. Estou meio doido, sr. Holmes. Eu sou o desgraçado John Hector Mac Farlane!

Pronunciou estas palavras, como se só o seu nome fosse o bastante para explicar o fim da sua visita; mas percebi na cara do meu companheiro que elle não comprehendia mais do que eu.

— Tome lá um cigarro, sr. Mac Farlane — disse elle offerecendo-lhe a cigarreira — Estou certo de que com os symptomas que o senhor apresenta, o meu amigo, dr. Watson lhe receitaria um sedativo. Ha alguns dias que faz tanto calor! Agora se está um pouco melhor, estimarei vel-o sentado nesta cadeira, e ouvir-lhe explicar com todo o descanso quem é, e o que deseja. Disse-me o seu nome como se eu o conhecesse, mas asseguro-lhe que fora certas minucias evidentes que permittem affirmar que o senhor é celibatario, solicitador, maçon e asthmatico, nada mais sei a seu respeito.

Habituado como eu estava aos processos do meu amigo, não me era difficil seguir-lhe as deducções e examinar a desordem do vestuario do rapaz, a carteira cheia de papel sellado, os berloques da corrente de relogio, e a sua rspiração offegante. Entretanto o nosso cliente olhou-nos com surpreza.

— Sim, sou tudo isso, e ainda a mais neste momento, o homem mais desgraçado de Londres. Pelo amor de Deus, sr. Holmes, não me abandone! Se me vierem prender antes de eu acabar a minha historia, faça com que me dêem tempo de o inteirar de toda a verdade. Irei satisfeito para a prisão, sabendo que o senhor fica cá fora a trabalhar em meu favor.

— Prendel-o! — disse Holmes — E' deveras divert... muito interessante. E por que motivo o prenderiam?

— Accusando-me do assassinato de mr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.

A expressiva physionomia do meu amigo deixou transparecer uma sympathia que estou certo não era isenta de alguma satisfação.

— Deveras! — disse elle — Justamente esta manhã dizia eu ao meu amigo, o dr. Watson, que cada vez eram mais raras nos periodicos as causas sensacionaes.

DE NORWOOD

POR CONAN DOYLE

O nosso visitante estendeu a mão tremula e apanhou o *Daily Telegraph* que estava sobre os joelhos de Holmes.

— Se o sr. Holmes leu, deve logo ter visto o motivo da minha visita esta manhã. Parece-me que o meu nome e o meu infortunio andam na bocca de todos.

Voltou o jornal e indicou a pagina central.

— Aqui está — disse elle — se me dão licença eu leio. Ouça, sr. Holmes. Eis o titulo: "O mysterio de Lower Norwood. Desapparecimento de um empreiteiro muito conhecido. Suspeitas de assassinato e de incendio. Na pista do assassino". E' esta pista que elles já seguem, sr. Holmes, e sei que infallivelmente se dirige a mim. Seguem-me desde a gare de London Bridge, e tenho a certeza que só esperam ordem para me prender. Isto vae despedaçar o coração da minha pobre mãe! Sim, isto vae matal-a!

Uniu as mãos em ar de supplica, baloiçando-se na cadeira.

Olhava eu com o maior interesse para aquelle homem sobre o qual pesava uma accusação capital. Era loiro, duma belleza insipida, olhos azues assustados, cara rapada, bocca pequena e timida.

Mostrava ter uns vinte e sete annos; o seu porte e maneiras eram de um homem bem educado. Da algibeira do sobretudo de verão sahia-lhe um maço de documentos, que denunciavam a sua profissão.

— Em primeiro logar temos que aproveitar o tempo que nos resta livre — disse Holmes — Watson, tenha a bondade de pegar nesse jornal e ler o artigo em questão.

Por debaixo do titulo em grandes letras que o nosso cliente acabava de indicar, li a narrativa seguinte:

"Pelo fim da noite passada, ou na madrugada de hoje, deu-se em Lower Norwood um facto que levou a crer na existencia de um gravissimo crime. Mr. Jonas Oldacre era uma das pessoas mais conhecidas desse bairro, onde ha muitos annos tinha installado o seu escriptorio de empreiteiro de construcções.

"Celibatario, de cincoenta e dois annos, morava em Deep Dene House, do lado de Sydenham, na estrada do mesmo nome. Passava por ter habitos muito excentricos, e um viver muito concentrado.

"Havia alguns annos que se tinha, por assim dizer, retirado dos negocios em que segundo consta, apurara uma bella fortuna. Por detraz da casa ha um pequeno pateo onde existe ainda uma estancia de diversas madeiras para construcções. A noite passada, pela meia noite, descobriu-se que estava ardendo uma pilha destas madeiras; os bombeiros não tardaram a chegar, mas a madeira estava muito secca e ardia com furia.

"O incendio não poude atalhar-se, e dentro em pouco todas ás pilhas foram presa das chammas. Até então este caso não parecia mais do que um simples desastre, mas novos pormenores fizeram suppor a existencia de um crime. Admirava-se toda a gente da ausencia do dono da casa, na occasião do incendio, e o inquerito a que se procedeu provou que tinha desapparecido.

O exame do seu quarto demonstrou que a cama não tinha sido desmanchada, que o cofre existente no quarto fôra aberto, e uma grande quantidade de papeis importantes estavam espalhados pela casa em grande confusão.

"Notaram-se egualmente indicios de luta, acharam-se vestigios de sangue no quarto, e uma bengala de carvalho cujo castão estava tambem sujo de sangue. Não resta duvida que Mr. Jonas Oldacre recebeu na noite de hontem uma visita muito tardia, e a bengala foi identificada como propriedade do visitante, que não é senão um joven solicitador de Londres que dá pelo nome de John Hector Mac Farlane, socio de Graham e Mac Farlane, 226, Gresham Buildings, E. C. A policia julga ter na sua mão a prova evidente da sua cumplicidade e não ha duvida que se vão dar factos em extremo sensacionaes."

A' ultima hora — No momento em que o nosso jornal vae entrar na machina, corre o boato de que Mr. John Hector Mac Farlane foi preso sob a accusação de assassinio de Mr. Jonas Oldacre o que é certo é que a ordem foi dada contra elle. O inquerito feito em Norwood trouxe a descoberta de muitas provas aggravantes. Alem dos vestigios de luta no quarto de dormir do desgraçado empreiteiro, provou-se que as janellas desse quarto, ao rez do chão, estavam abertas, e encontraram-se indicios de que um objecto pesado devia ter sido arrastado até ás pilhas de madeiras; emfim, descobriram-se, ao que parece, restos humanos carbonizados no entulho.

"A opinião da policia é de que se commetteu um crime de sensação, que a victima foi assassinada no seu quarto, os seus papeis remexidos, e o seu cadaver arrastado até ao montão de madeiras, ao qual o criminoso deitou fogo para fazer desapparecer qualquer indicio do crime. O processo é dirigido pelas experientes diligencias do inspector Lestrade, de Scotland Yard, que segue todos os indicios com a sua habitual energia".

Sherlock Holmes ouviu com os olhos cerrados, as mãos, unidas, esta notavel narrativa.

— A cosia offerece todo o interesse — disse elle num tom despreoccupado. Posso lhe perguntar em

(Continúa na pagina seguinte)

primeiro logar, Mr. Mac Farlane, como é que apparecem, tantas provas que justificam a sua prisão?

— Moro com meus paes em Sorrington Lodge, Blackleath, mas a noite passada, muito tarde, tendo tido antes negocios a tratar com Mr. Jonas Oldacre, fiquei num hotel de Norwood, e de lá vim para o meu escriptorio. Não tive conhecimento do succedido senão já no comboio. Quando li o que os senhores acabam de ouvir, comprehendi immediatamente o perigo horrivel da minha situação, e corri logo a entregar a minha causa nas suas mãos. De certo que eu já estaria preso se tivesse ido ao escriptorio, ou á casa. Seguem-me desde a *gare* de London Bridge com certeza.... Deus do ceu! Que é isto?

Retiniu uma forte campainhada, ouvindo-se em seguida passos pesados na escada. Um instante depois o nosso antigo conhecido Lestrade assomou ao limiar da porta. Por detraz do seu hombro, vi policiaes de uniforme que esperavam no patamar.

— Sr. John Hector Mac Farlane? — interrogou Lestrade.

O nosso pobre cliente poz-se de pé; estava livido.

— Venho prendel-o, porque é acusado de homicidio voluntario na pessoa de Mister Jones Oldacre, de Lower Norwood.

Mac Farlane voltou-se para nós num gesto de desespero, e cahiu aniquilado na cadeira.

— Espere um momento, Lestrade — disse Holmes. Meia hora a mais ou a menos não tem importancia alguma, e justamente agora estava este senhor dando-nos alguns esclarecimentos sobre este caso que nos podem ser uteis.

— Não será difficil de esclarecer! disse Lestrade em tom lugubre.

— Entretanto, se você dá licença, eu estimava ouvir a sua narrativa.

— Está bem, sr. Holmes, sabe quanto me custaria recusar-lhe qualquer coisa, porque já uma ou duas vezes, nos prestou grandes serviços, e lhe devemos alguns bons resultados em Scotland Yard — disse Lestrade. Comtudo, devo ficar junto do preso, e devo prevenil-o que tudo que disser se poderá voltar contra elle.

— Nem eu desejo outra coisa — respondeu o nosso cliente — só o que peço é que os senhores possam ouvir e reconhecer toda a verdade.

— Lestrade consultou o relogio, e disse:

— Dou-lhe meia hora.

— Em primeiro logar quero dizer-lhe que eu não tinha relações de especie alguma com Mr. Jonas Oldacre. Conhecia-o de nome, porque os meus paes tinham-se dado com elle noutro tempo, mas depois perderam-se de vista. Fiquei pois muito surprehendido quando hontem pelas tres horas, o vi entrar no meu escriptorio na City; augmentou de ponto o meu espanto quando me expoz o motivo da sua visita.

Tinha na mão varias folhas duma agenda cheia de garatujas — eil-as aqui — e pousou-as em cima da minha secretaria:

"— Aqui está o meu testamento — disse elle — e peço-lhe que lhe dê uma fórma legal. Entretanto vou sentar-me aqui."

Fuz-me eu mesmo a copial-o e podem imaginar o meu assombro ao ver que, á parte alguns legados, me deixava toda a sua fortuna.

Era um homemzinho muito esquisito, com olhos de furão e pestanas brancas; quando olhei para elle, vi que os seus olhos muito vivos me examinavam com uma expressão agudamente maliciosa.

Eu não podia acreditar no que ia vendo ao ler os termos do seu testamento, mas elle explicou-me que era solteiro, e só tinha parentes afastados; que conhecera meu pae e minha mãe quando eram novos, que sempre ouvira dizer que eu era um moço muito digno e que nestas condições muito estimaria ver a sua fortuna ir para mãos que a merecessem.

Mal pude balbuciar alguns agradecimentos. Depressa se concluiu o testamento, assignado com o testemunho do meu servente.

Elle aqui está neste papel azul, e, como acabo de lhes explicar, estas folhas pequenas são o rascunho.

Mr. Jonas Oldacre informou-me depois que tinha muitos documentos, contractos de construcções, titulos, obrigações de hypothecas, etc., que examinariamos juntos, e dos quaes me poria ao corrente.

Accrescentou mais que não socegaria emquanto tudo isso não estivesse em ordem e convidou-me a

ir á sua casa de Norwood, naquella mesma noite, e levar o testamento afim de ficar tudo terminado.

— Lembre-se, meu rapaz, disse-me elle, "nem uma palavra a seus paes, até que tudo esteja concluido. E' uma surpreza que desejo lhes fazer."

Insistiu muito nisto, obtendo de mim uma promessa formal.

Como póde calcular, sr. Holmes, eu não estava em disposição de lhe recusar fosse o que fosse que elle me pedisse. Era agora o meu bemfeitor, e eu só desejava fazer-lhe a vontade, até nas mais pequeninas coisas.

Mandei um telegramma para minha casa, avisando que tinha entre mãos um negocio importante, por isso não sabia a que horas poderia voltar.

Mr. Oldacre tinha me convidado a ceiar com elle ás 9 horas, porque não tencionava vir para casa antes dessa hora. Tive certa difficuldade em dar com a sua casa, e eram perto de 9 horas quando alli entrei.

— Escute, disse Holmes, quem lhe abriu a porta?

— Uma mulher de edade, talvez sua governante.

— Foi ella quem o annunciou?

— Foi, affirmou Mac Farlane.

— Queira continuar.

Mac Farlane enxugou as fontes humidas de suor, e continuou:

— Fui pois introduzido por aquella mulher na sala de entrada, onde estava preparada uma ceia muito frugal. Depois, Mister Jonas Oldacre levou-me ao seu quarto de cama, onde havia um enorme cofre, que elle abriu, e de onde tirou um maço de papeis que examinamos ambos. Acabamos este trabalho entre as onze e a meia noite; então observou-me que para não incommodar a governante, era melhor eu sahir pela porta de vidraça que ficara aberta.

— O "store" estava descido? perguntou Holmes.

— Não estou bem certo, mas parece-me que estava só a meio... Sim, agora me lembro, que elle o levantou para abrir a vidraçá para traz. Não achei a minha bengala, e elle disse-me:

"— Não faz mal, meu filho; espero que daqui em deante nos veremos a meudo, eu a guardarei até que você a venha buscar."

Deixei-o com o cofre aberto e com os papeis classificados em pacotes em cima da mesa. Era tão tarde que não podia voltar para Blackheath; fui ficar ao hotel Anerley Arms, e não soube mais nada até esta manhã em que ouvi falar deste horrivel drama.

— Tem ainda alguma coisa a perguntar-lhe, sr. Holmes? — disse Lestrade, cujo sobr'olho mais de uma vez se tinha franzido ao escutar esta narrativa.

— Não, até que eu vá a Blackheath.

— Quer dizer a Norwood? — observou Lestrade.

— Sem duvida... é o que eu queria dizer — respondeu Holmes com um enigmatico sorriso.

Lestrade tinha aprendido por muitas experiencias, que elle se abstinha de confessar, que aquelle cerebro de aço desenrolava enigmas inexplicaveis para elle. Vi-o olhar cheio de curiosidade para o meu amigo.

— Eu estimava muito falar-lhe logo, senhor Holmes, disse elle. — E agora senhor Mac Farlane, dois agentes meus estão ali á porta, e embaixo espera-o uma carruagem.

O infeliz moço levantou-se, e depois de nos dirigir um olhar supplicante, sahiu da saleta.

Os agentes levaram-no para a carruagem mas Lestrade ficou.

Holmes tinha apanhado as paginas do rascunho do testamento, e analysava-os com um grande interesse.

— Ha coisas curiosas neste documento, não é assim Lestrade? — disse-lhe elle mostrando-lh'as.

O inspector olhou para ellas com um olhar surprehendido.

— Posso ler as primeiras linhas, as do meio da segunda pagina, e algumas do fim. Estão claras como letra de imprensa. Mas a calligraphia das outras paginas é detestavel, havendo até tres pontos, que não me é possivel decifrar.

— Que diz você a isto? — perguntou Holmes.

— E o senhor que diz?

— Isto foi escripto num trem de estrada de ferro. As partes mais legiveis foram escriptas nas paragens das estações, as más durante o trajecto, e as pessimas nas passagem das curvas. Um perito scientifico diria que isto foi feito numa linha de suburbio, porque em parte alguma, excepto perto de uma grande cidade, se poderiam encontrar tantas curvas seguidas.

(Continúa no proximo numero)

A REVANCHE...

FUNEBRE, chegou ao seringal a rajada da bêsta do Apocalypse, continuando o monstro a soprar o fogo castigador das pestes no "hinterland".

Era a miseria, era a fome... Seria o saque!

Já não havia a esperança.

O mulherio desnudo errava pela matta escondendo no vestido verde das folhas a nudez e sepultando a vergonha nos chavascaes traiçoeiros... Os homens: uns se haviam postos á rapina, outros se quedaram á sorte... Jehovah, inclemente, realizava o promettido pela bocca de S. João: o ajuste final no céo desolado das riquezas da planicie. Aquelle fastigio, aquella resplendencia ali estavam — um montão de esfomeados no painél tragico de Turgueneff... Não havia para quem appellar. Dos dirigentes nenhuma iniciativa partiu. Era o retorno á barbaria — o instincto guiando o homem. Seria o direito do mais forte e este era a fome — bôa conselheira. Raros, os navios passavam ao largo. Noticias não chegavam senão as mais desoladoras. Tinha sido o proprietario do seringal que estourára o craneo; o gerente, suicidando-se, depois de ter morto a mulher e quatro filhos (já mortos á mingoa); um matteiro fusilado ao saquear um barracão; um seringueiro assassinado pela mulher, num delirio de fome; bandos formando-se para o assassinio e o roubo; o "funil" da miseria absorvendo os párias...

Errantes, familias inteiras, pela floresta, se deixavam atacar pela onça, pelo gato do matto, pelo jacaré; outras, atirando-se ao amarello dos rios, recebiam a morte no amplexo fatal das sucurucús. E toda uma tragedia cyclopica se desenrolava na gleba, sob os olhos extacticos das autoridades, inertes. A grita ecoava como as trombetas de Josué nas muralhas irreductiveis dos interesses pessoaes dos politiqueiros. As de Jericó ruiram ao som anniquilador, porém, as do governo, escudadas na ambição, permaneciam firmes aos uivos dos miseraveis. Já não eram homens que pediam; eram féras que bramiam pela providencia compensadora. Era a sirene alarmante no maremoto das competições. Era o dique humano ameaçando romper para a grande conquista, emquanto a gente do Estado no comico regabofe dos cambalachos, deixava a Amazonia á mais dolorosa epopéa da sua grandeza...

* * *

SENTADO, no barranco, o Faustino "assumptava". Em frente, os seus olhos perdiam-se nos artificios femininos da trama do arvoredo compacto ou se detinham no rythmo revolto da caudal deslisando no trabalho grandioso de destruição e conquista. Elle mesmo talvez não soubesse para o que olhava: si para a téla verde do mysterioso templo pagão, formado pela intrincada ramaria; si para a roupagem liquido-barrenta do vestido das "yaras"; si para o docél cerúleo rendilhado pelas nuvens; si para o negror horripilante do seu destino... Na sua apathia elle ignorava a vagabundagem do pensamento para o ideal. Somente recordava o passado. Ao lado, philosopho, restava-lhe o ultimo amigo e talvez o unico, que, por paradoxal autonomásia, era chamado "Tinhôso". A mulher, esta o abandonára, fugindo em companhia do viajante da firma, logo ao inicio da grande crise, e elle a sabia, desprezada pelo amante, atirada á mercancia ignobil...

De quando em quando, descendo o "paraná", "montarias" deslisavam para o exodo fatal... "Tinhôso" lambia-lhe a mão descarnada e cabelluda. A adversidade perseguia a ambos, irmãos pela mesma miseria. Lembrava-se bem elle da sêcca de 15 no seu Ceará amado, lá em Varzea Alegre, junto com a Joanna, tão bôa, trabalhadora, honesta. E vinham o abandono da fazenda, a "retirada", o tropél enorme de esfalmados, o sacrificio della.

De Adonai de Medeiros

Fortaleza, a terceira do Lloyd, Belém, Manáos, o Purús e aquelle braço de rio, longinquo como a ventura que recordava, triste como a sua sina... o ardor varonil da Joanna... os dias de trabalho; a luta contra os bichos; as armadilhas ao maracajá, ao porco do matto, á capivara; as precauções aos ataques traiçoeiros da cobra cipó, da sucurijú, do jacaré, da arraia, do puraqué, aos avisos sinistros das cascaveis; á surpreza fulminante dos ouriços; a bala traiçoeira na tocaia... O tapery na estrada... O fogarêo afugentador; o somno perturbado. Agora, o silencio, a solidão, a miséria, a companhia do "Tinhôso"... E vinham os bons tempos dos "saldos" gastos em Manáos e Belém, com "champanhas", "carruages", "madamas"... Os "Terriveis", o largo da Polvora... A visita ao seu inesquecido sertão, a saudade daquella luz, grande, encandeadora, de fazer mal á vista e bem ao coração; o curral, os campos, a Joanna, o casamento, a mancha negra da traição... A vingança premeditada, o esquecimento, a desgraça da vida que passava... Aquelle viver, aquella angustia, a velhice... e a saudade, torturante, tanto maior pela certeza de não voltar. Na sua vista embaciada pelas lagrimas essas scenas passavam como num cosmorama ou na visão, rapida como um relampago, do afogado...

Sobre a barraca cahia o crepe insinuador e préságo da noite. Na curva do rio o pôr de sol derramava o pranto violeta da despedida... e na sua alma as dôres horriveis do ambiente gargalhavam... O bacurão, do outro lado do estirão, acordou-o com a sua melopéa... "Tinhôso" latiu. Soturnos, compassados, os remos annunciavam a aproximação de gente. Um batelão encalhou no barranco e subiram os passageiros. Mais um cortejo apocalyptico e um convite para a empreitada... Só, e desgraçado, pensou no fim dos aventureiros... O mesmo de todos. Tanto faz morrer num leito cercado do conforto acabrunhante da familia, como pela flecha envenenada do indio. A differença está na religião, e a delle era a de todos os endurecidos na crueza do viver. Respeitava Deus e acreditava nos artificios da Yára, no desencanto do "bôto", na perseguição do "caipóra", á negaça do pedido, no grito agoureiro da coruja, nas virtudes do "olho de bôtô", dos dentes de onça e jacaré, nas rezas dos "pagés", nas "benzeduras" com a herva "vassourinha", no "máo olhado"... Rezava pelo hábito, dizendo as orações, estropeadas, num mixto do paganismo da região com os bemditos, recordados pelos sacerdotes nas desobrigas. E aquelle acenar de conquista, elle que se conservava no seu fakirismo, devido ao impaludismo e ao meio, lançou-lhe na alma o desejo de se vingar da humanidade tão diversa. Elles, padecendo o rigor das febres e das féras, e os outros, filhos do mesmo Deus, na bôa vida, gozando o conforto, bebendo "champanha", passeiando as mulheres alheias, augmentando o numero das infelizes, protegidos pelas leis e pelo dinheiro, que tudo encobre... Ali, nada; lá, para os outros, tudo. A revolta incendiou-lhe o sangue e elle se foi com os bandoleiros...

* * *

Pela planicie, em sequitos de abandonos e crimes, passavam as canôas, pejadas de ex-homens, na patrulha sinistra do instincto de conservação.

Como os exercitos lendarios surgidos ao espargimento de pós magicos, a poeira do desprezo dos governantes fazia apparecer a phalange, erradia, grande, dos miseraveis. Faustino alistou-se nessa "legião estrangeira" do exterminio...

Era a desgraça geral para o bem estar particular — a philosophia dos potentados, aconselhando a revanche aos infelizes...

O QUE SE DEVE SABER

NO PAIZ DA NEVOA

Segundo os dados estatisticos apresentados ao Conselho do Condado de Londres, cem mil habitantes da capital ingleza vivem em verdadeiros antros, nos infectos rés do chão da grande metropole, — todos qualificados pela hygiene official de humidos, escuros, malsãos.

A rua, que dá luz mediocre e ar escasso a esses antros, não se sombreia tanto como a nevoa nem se alfombra de neve. E' sempre vibrante e sympathica.

Poucas horas depois de haverem cahido sobre ella os violentos aguaceiros do verão ou a chuva mansa do inverno, recobra o seu primitivo aspecto de rua secca e clara...

Um rês do chão de Londres é, porém, uma catacumba. Escondido á margem da rua encharcada, sempre molhada, sempre barrenta, sempre negra, porque a neve e a lama, em sinistra conjuncção, maculam todas as brancuras e apagam todas as tonalidades vivas; acaçapado debaixo dos ladrilhos, eis, mais ou menos, o que é o antro horrivel dentro de cujas paredes humidas é impossivel que haja um corpo que não esteja enfermo e uma alma que não esteja sombria.

A civilização contemporanea, orgulhosa, jactanciosa, não logra resolver, porém, muitos dos seus problemas mais elementares. Escrava da economia politica e da rotina não se atreve a sahir do seu rythmo...

E na soberba Londres cem mil pessôas vivem, assim, em plena civilização, debaixo da terra, victimas do duplo aplastramento da neve e do ladrilho vermelho. São como gnomos da miseria. Não fabricam, porém, como os que nasceram das lendas aureas, metaes preciosos. A enorme metropole eleva-se sobre ellas e as esquece. Confunde-as com os seus alicerces de pedra, argilla e argamassa. E todas as noites — a turba da desgraça, terminada á jornada exhaustiva, recolhe-se, de novo, á negra catacumba, que os recebe com o bafo repellente da sua humidade.

E ahi é que elles — todos esses desgraçados — refazem as forças para a luta do dia seguinte.

Decididamente, deante de taes quadros, parece vivemos na infancia da humanidade, como diz Wells. O mundo não é velho. Não chegou sequer á adolescencia. Dentro de alguns seculos, quando os eruditos, revolvendo archivos, se inteirarem de que houve uma época em que a planta humana enlanguescia e definhava longe do ar e do sol, porque havia cidades tentaculares de solo carissimo, ficarão pasmos, pasmos de espanto e de horror...

Pelo inverno, tambem nos campos, em lugubres casinholas, o espectaculo da miseria é de opprimir e angustiar o espirito. Não ha trabalho. Chove. A terra não admitte cultivo. O frio, mais cruel porque ninguem cuidou de preveni-lo, penetra com todo o seu arsenal de punhaes nas carnes mal vestidas das mulheres famintas e dos tristes e desvalidos, sem pão nem alegria. O pae, depois de haver passado o dia a procura de trabalho, volve á casa. Nada encontrou, nada fez. Ninguem precisou dos seus braços fracos e cançados. Não se terá lenha. A panella não cantará a sua canção de allivio.

E, sua lugubre chegada, é recebida com um silencio quasi hostil, aggressivo. Para que falar? Tudo já estava dito e comprehendido...

SANS-SOUCI

(Conclusão)

pois, tomando-o por um braço, fraternalmente, o soberano conduz Lindeneck para uma sala contigua onde corada e risonha, pura e amorosa, Blanche o esperava...

O braço protector do rei conservara-lhe a felicidade, em retribuição á sua lealdade exemplar.

Eis, porém, que os embaixadores da Austria, Russia e França, acreditados na côrte prussiana, solicitam uma urgente audiencia... Desejam conhecer as intenções de Frederico. E o rei, que, cuidára, antes, de tranquillizar o coração de seu servidor, ainda não lera o despacho do seu embaixador! E' necessario que o leia antes de attender os enviados das potencias inimigas... E' preciso que reflicta antes de tomar uma decisão, pois não deseja declarar a guerra sem que a isto se veja forçado... E emquanto seu secretario apressa a traducção do despacho cifrado, o soberano convida seus hospedes a tomarem parte num concerto de flauta em Sans souci... São forçados a acceitar o honroso convite e, respeitosamente, installam-se no salão de musica do palacio. O rei, calmo e gentil como sempre, empunhando a flauta famosa que era sua eterna companheira, executa varios numeros, suavemente, com perfeição... Eis, porém, que uma mão cautelosa colloca sobre as folhas da partitura que o rei executa, uma nova folha... com anotações! E' a informação de seu embaixador, já traduzida... e nos pequenos intervallos do concerto, interrompendo por poucos instantes suas execuções, Frederico, o Grande, dá ordens decisivas... Ninguem suspeitara que a guerra fôra declarada.

DREYFUS

(conclusão)

estratagema foi descoberto e dahi surgiu o fio da verdadeira defeza da innocencia de Dreyfus, que foi trazido do presidio da Ilha do Inferno, tendo passado por uma segunda Côrte Marcial que, não achando todavia, provas positivas de sua innocencia, condemnou-o ainda a dez annos de reclusão. O governo insinuou que acceitava um pedido de perdão, convicto da innocencia embora não provada daquelle martyr, mas Dreyfus não acceita e foi sómente depois de alguns annos em 1906, que elle conseguiu prova cabal de sua innocencia, sendo então imponente a cerimonia de reintegração no seu posto, promovido a major e recebendo a fita da Legião de Honra.

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA **MIDY**

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS **MIDY**

A MAIOR FORTUNA DO MUNDO...

SAUDE

Della depende toda a felicidade na terr
mas sem ella — quão triste é a vida?...
Todos têm uma obrigação contrahida par
comsigo mesmo, sua familia e seus ente
queridos: velar pela saúde.

KOLA CARDINETTE é actualmente o
mais poderoso tonico do corpo human
Devido á sua feliz composição, **KOLA
CARDINETTE** enriquece o sangue, fortific
os musculos, regulariza o funccionament
organico e acalma os nervos.

KOLA CARDINETTE é o tonico qu
os medicos mais receitam para o
casos de Debilidade physica e nervosa
neurasthenia — dispepsia atonica, etc

A venda em todos as bôas pharmacias e drogarias.

Kola Cardinette

UNICOS CONCESSIONARIOS:

Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Paulo